

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**Negação e valores temporo-aspetuais
em português europeu e chinês (mandarim)
– uma análise contrastiva**

Jiixin He

Tese orientada pelo Prof. Doutor Telmo Lopes Mória,
especialmente elaborada para a obtenção do grau de
Mestre em Linguística.

2021

Agradecimento

Queria primeiro dar o meu grande agradecimento ao meu orientador, o Professor Doutor Telmo Lopes Mória, pelo acompanhamento e pela paciência durante este tempo difícil da pandemia. Foi com o seu rigor, a sua constante disponibilidade e os seus generosos contributos para o enriquecimento do trabalho que consegui concluir uma investigação académica como esta. O seu entusiasmo e paixão pelas investigações têm-me influenciado muito e incentivar-me-ão sempre no resto da minha vida.

Também quero agradecer à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a todos os professores do meu curso pela elevada qualidade do ensino oferecido durante os últimos dois anos, sem os quais não teria conseguido chegar aqui.

Agradeço também à minha família e aos meus amigos, por estarem sempre ao meu lado.

Legenda das (principais) abreviaturas usadas

CM: chinês mandarim

CLA: classificador

DRT: *Discourse Representation Theory*

MVTA: marcador de valores temporo-aspetuais

GUO: *guo* de anterioridade “experencial”

HUI: *hui* de posterioridade

LE: *le* de anterioridade simples

ZAI: *zai* de sobreposição (progressiva)

ZHE: *zhe* de sobreposição

PE: português europeu

PPT: ponto de perspectiva temporal

Abreviaturas usadas nos quadros:

Ant.: anterioridade

Sobr.: sobreposição

Post.: posterioridade

Pass.: passado

Pres.: presente

Fut.: futuro

Resumo

O presente trabalho visa perceber qual o papel dos valores temporo-aspetuais na distribuição dos dois principais operadores de negação oracional – *bu* 不 e *mei(you)* 没(有) – em chinês mandarim (CM), fazendo uma análise contrastiva com o português europeu (PE), em que os dois operadores negativos correspondem tipicamente apenas a um elemento adverbial – *não*. Assume-se que o entendimento desta interação entre tempo e negação pode ajudar na tradução entre *não* em PE e estes operadores chineses. Para atingir este objetivo, são feitas (i) uma análise contrastiva de alguns subsistemas de valores temporo-aspetuais e aspetos principais de negação oracional em PE e CM e (ii) uma discussão sistemática da interação entre a distribuição de *bu/mei(you)* e valores temporo-aspetuais, com base na literatura e em dados dos *corpora*.

De forma não exatamente coincidente com estudos anteriores, o presente estudo defende que a distribuição de *bu* e *mei(you)* é determinada essencialmente por dois fatores principais – nomeadamente (i) a *Aktionsart* (mais especificamente o valor de homogeneidade total que distingue as predicções estativas das predicções de outras classes aspetuais) e (ii) a localização temporal relativa a pontos de perspectiva temporais (mais especificamente os valores de posterioridade, por oposição aos de não posterioridade, e de futuro não anterior, que alinha com os valores de posterioridade) – e descreve pormenorizadamente os mecanismos bifatoriais para estabelecer uma equivalência entre *não* e *bu/mei(you)* em casos diferentes. Segundo se descreve, o valor de homogeneidade total parece determinar se a descrição de uma situação coocorre sempre com *bu* ([+ HOMOGENEIDADE TOTAL]) ou permite a ocorrência de *bu* ou *mei(you)* ([- HOMOGENEIDADE TOTAL]) em função de valores de localização temporal. Neste último caso, os valores de anterioridade e sobreposição não futura parecem determinar o uso de *mei(you)*, enquanto os valores de posterioridade e de futuro não anterior parecem determinar o uso de *bu*.

Palavras-chave: português europeu, chinês (mandarim), negação oracional, valores temporo-aspetuais, linguística comparada.

Abstract

The present thesis aims at understanding the role of temporo-aspectual values in the distribution of the two main sentential negation operators – *bu* 不 and *mei(you)* 没(有) – in Mandarin Chinese, presenting at the same time a contrastive analysis with European Portuguese, where those negative operators typically correspond to a single adverbial unit – *não*. It is assumed that understanding this interplay between time and negation can help in the translation between *não* in European Portuguese and these Chinese operators. To achieve this goal, this work includes (i) a contrastive analysis of some subsystems of temporo-aspectual values and some main aspects of sentential negation in European Portuguese and Mandarin Chinese and (ii) a systematic discussion of the interaction between the *bu/mei(you)* distribution and temporo-aspectual values, based in the existing literature and in data from *corpora*.

Differing in some aspects from previous studies, the present study argues that the distribution of *bu* and *mei(you)* is determined essentially by two main grammatical factors – namely (i) *Aktionsart* (more specifically the value of total homogeneity that distinguishes stative predications from other aspectual types of predications) and (ii) relative temporal location (more specifically the value of posteriority, as opposed to anteriority and overlapping, and the non-anteriority future that aligns with posteriority) – and describes in some detail the two-factor mechanisms that establish a correspondence between *não* and *bu/mei(you)* in different cases. As is shown, the value of total homogeneity seems to determine whether the description of a given situation always occurs with *bu* ([+ TOTAL HOMOGENEITY]), or else allows the occurrence of *bu* or *mei(you)* ([– TOTAL HOMOGENEITY]) depending on different temporal location values. In the latter case, the values of anteriority and non-future overlapping seem to determine the use of *mei(you)*, while the values of posteriority and non-anteriority future seem to determine the use of *bu*.

Keywords: European Portuguese, (Mandarin) Chinese, sentential negation, temporo-aspectual values, comparative linguistics.

Índice

Agradecimento.....	i
Legenda das (principais) abreviaturas usadas.....	ii
Resumo	iii
<i>Abstract</i>	iv
1. Introdução	1
2. Alguns subsistemas de valores temporo-aspetuais em PE e CM (com relevância para a análise contrastiva e a distribuição de operadores negativos oracionais em CM).....	3
2.1 Alguns subsistemas de expressão de valores temporo-aspetuais em PE.....	5
2.1.1 Tempos verbais do PE (indicativo e condicional presente) numa perspectiva reichenbachiana	5
2.1.2 Adjuntos temporais em PE – uma seleção de valores.....	9
2.1.3 <i>Aktionsart</i> em PE	12
2.2 Alguns subsistemas de expressão de valores temporo-aspetuais em CM.....	19
2.2.1 Considerações preliminares sobre o uso dos termos “aspecto”, “perfetivo” e “imperfetivo”	19
2.2.2 Marcadores de valores temporo-aspetuais em CM.....	23
2.2.3 Adjuntos temporais em CM – breves notas	34
2.2.4 <i>Aktionsart</i> em CM – breves notas	35
3. Negação – aspetos gerais de negação em PE e CM com foco na negação oracional.....	37
3.1 Conceito da negação – contradição e exclusão (de conjuntos).....	38
3.2 Negação oracional em PE e CM	39
3.2.1 Subtipos da negação em PE (segundo Peres 2013) e em CM.....	39
3.2.2 Negação oracional em PE e CM	42
<i>Excursus</i> : concordância negativa em PE (e sua inexistência em CM)	46
4. Operadores de negação oracional – <i>bu</i> e <i>mei</i> – e o <i>puzzle</i> da sua distribuição: uma revisão crítica da literatura	49
4.1 Revisão de estudos anteriores	50
4.2 Seleção por valor de subjetividade/objetividade.....	51
4.3 Seleção por valores temporo-aspetuais	55
4.3.1 Seleção por valores de <i>Aktionsart</i> (valores aspetuais).....	56
4.3.2 Seleção pelo valor de localização relativa a pontos de perspectiva temporais (valores estritamente temporais).....	66
5. Operadores de negação oracional <i>bu</i> e <i>mei</i> e o <i>puzzle</i> da sua distribuição: uma proposta bifatorial (assente em dois parâmetros semânticos temporo-aspetuais) ...	70
5.1 Casos marcados: seleção (aparentemente <i>ad hoc</i>) de <i>bu</i> e <i>mei</i> por especificidades lexicais.....	72
5.2 Sistema bifatorial – temporal e aspetual – de seleção de <i>bu</i> e <i>mei</i>	74
5.2.1 Distribuição de <i>bu</i> e <i>mei</i> com descrições estativas	75
5.2.2 Distribuição de <i>bu</i> e <i>mei</i> com descrições de processos.....	85

5.2.3 Distribuição de <i>bu</i> e <i>mei</i> com descrições de processos culminados	88
5.2.4 Distribuição de <i>bu</i> e <i>mei</i> com descrições de eventos pontuais	90
5.2.5 Considerações finais	92
<i>Excursus</i> : análise da distribuição de <i>bu</i> e <i>mei</i> como contrapartidas de <i>não</i> numa tradução português-chinês publicada	93
6. Conclusões	99
Referências bibliográficas.....	101
Anexo – distribuição de <i>bu</i> e <i>mei</i> como contrapartidas de <i>não</i> numa tradução da obra <i>Ensaio sobre a Cegueira</i> , de José Saramago.....	107

1. Introdução

O português europeu (PE) e o chinês (mandarim) (designado por CM no resto deste trabalho) são geralmente considerados como duas línguas tipologicamente diferentes quanto à expressão dos valores temporo-aspetuais. Em PE, a flexão temporal verbal é um dos mecanismos gramaticais mais importantes para a transmissão destes valores, enquanto em CM, língua considerada *tenseless*, esses valores são veiculados por outras estruturas linguísticas morfossintaticamente autónomas, com destaque para marcadores de valores temporo-aspetuais (e.g. *guo*, *le*), designados geralmente por *aspect markers* na literatura.

Um fenómeno interessante é que, em CM, propriedades linguísticas de natureza temporo-aspectual (incluindo questões de *Aktionsart*) parecem interagir de forma muito direta com a negação, nomeadamente condicionando a distribuição dos dois operadores mais comuns de negação oracional: *bu* 不 e *mei(you)* 没(有) (simplificado por *mei* 没 no resto do trabalho)¹, o que tem atraído a atenção dos linguistas e gerado vários estudos nos últimos anos, como C. N. Li & Thompson (1989) ou Lin (2003), por exemplo.

A existência desta interação entre negação e tempo faz com que estes dois operadores se comportem de forma significativamente diferente do advérbio de negação oracional prototípico do PE, *não*. Na tradução PE-CM, a palavra *não* com a função referida pode corresponder a *bu* ou a *mei(you)* em orações com valores temporo-aspetuais diferentes. Por exemplo: *eu não fumei* (situação não estativa episódica) corresponde a *wo mei chouyan*, mas *eu não fumo* (situação com valor habitual, portanto, de tipo estativo) corresponde a *wo bu chouyan*; *eu não li aquele livro* (situação passada, ou com localização retrospectiva) corresponde a *wo mei kan na ben*

¹ *Meiyou* é um operador derivado de *mei*. É geralmente reconhecido na literatura que *mei* e *meiyou* são normalmente intersubstituíveis em CM (isto é, de variação livre), com o mesmo significado e valor semântico, ou seja, o segmento *you* é normalmente opcional (cf. e.o. Xiao & McEnery, 2008; Shi & Huang, 2016), embora seja considerada uma equivalência a *have* em inglês nalguns estudos clássicos (cf. e.o. Wang, 1965). No resto do estudo, usarei, na minha discussão original, sempre a forma *mei* por facilidade, mas pode aparecer *meiyou* nas citações.

shu, mas *eu não vou ler aquele livro* (situação futura, ou com localização prospectiva, e com valor de intencionalidade) corresponde a *wo bu (hui) kan na ben shu*.

Dados como estes mostram a importância de discutir (num estudo sobre a negação oracional em CM, numa perspectiva comparada com o PE) as seguintes questões: (i) como se expressam os valores temporo-aspetuais (relevantes) em PE e em CM, quais as semelhanças e as diferenças entre as duas línguas?; (ii) como é realizada a negação oracional em PE e em CM, quais as semelhanças e as diferenças entre as duas línguas?; (iii) como é que os valores temporo-aspetuais influenciam a distribuição de operadores de negação oracional em CM?; (iv) será possível fazer uma descrição sistematizada que ajude a tradução entre PE e CM, mais concretamente entre o operador *não* e os operadores *bu* e *mei*? Para atingir o objetivo referido nesta última questão, será aqui realizada uma análise contrastiva das estruturas relevantes e dos seus valores semânticos, tendo como base diversos estudos anteriores para o PE (cf. e.o. Mória, 2000; Peres, 2013) e para o CM (cf. e.o. Li & Thompson, 1989; Lin, 2003; Shi & Huang, 2016), descrevendo os sistemas do tempo (incluindo a *Aktionsart*) e da negação oracional nas duas línguas de forma genérica, discutindo a distribuição de *bu* e *mei* em CM e procurando – ainda que algo marginalmente – aplicar as conclusões obtidas na avaliação de produtos de tradução português-chinês.

Para ilustrar as construções chinesas relevantes, serão usados *corpora*. Na parte descritiva, serão analisados exemplos selecionados do *corpus* BCC do *Beijing Advanced Innovation Center for Language Resources*, que contém textos escritos de jornais e obras literárias da China. Recorrerei ainda, para explorar as questões de tradução português-chinês (numa breve parte mais aplicada da tese) ao texto original do “Ensaio sobre a Cegueira” (Saramago, 1995) e à sua tradução publicada em CM (Fan, 2002).

O presente trabalho divide-se em três grandes partes. Na primeira parte (capítulo 2), serão apresentados alguns subsistemas de valores temporo-aspetuais em PE e CM que interessam no presente estudo, comparando as duas línguas e procurando estabelecer, quando aplicável, uma equivalência das construções diferentes nos dois idiomas

(envolvendo valores idênticos ou pelo menos muito semelhantes). Na segunda parte (capítulo 3), serão apresentados aspectos gerais da negação – com foco na negação oracional – nas duas línguas, fazendo também uma comparação. Estas duas primeiras partes servem como base para a discussão na terceira e última grande parte (capítulos 4 e 5), na qual será analisada a interação entre os valores temporo-aspetuais e a negação oracional expressa por *bu* e *mei*, e feita uma sistematização que acredito que pode ajudar na tradução da negação oracional entre português e chinês. Esta sistematização (feita no capítulo 5), será precedida de uma revisão crítica da literatura (feita no capítulo 4) e seguida por uma pequena análise da validade da sua aplicação à prática de tradução (*excursus* ao capítulo 5).

2. Alguns subsistemas de valores temporo-aspetuais em PE e CM (com relevância para a análise contrastiva e a distribuição de operadores negativos oracionais em CM)

Como já foi referido na introdução, a diferença na tradução de frases como *wo bu chouyan* ('eu não fumo') e *wo mei chouyan* ('eu não fumei') mostra que existe uma interação direta entre a negação e os valores temporo-aspetuais em CM, que parece não existir em PE. Portanto, antes de discutir a negação oracional nas duas línguas, mais especificamente a equivalência entre *não* em PE e *bu* ou *mei* em CM, é muito importante apresentar, ainda que de forma muito introdutória e simplificada, o sistema de valores temporo-aspetuais nas duas línguas e as semelhanças e diferenças entre elas nos aspectos centrais.

“Tempo linguístico” é uma designação muito genérica que se pode atribuir à associação de valores temporo-aspetuais às situações descritas nos enunciados. Em diferentes línguas, essa associação pode ser realizada através de diferentes subsistemas linguísticos (ou gramaticais).

O PE é uma língua tipicamente *tensed* com marcação de valores temporo-aspetuais através da flexão verbal. Porém, a marcação de valores deste tipo não está limitada ao tempo verbal. Neste estudo, considero importante destacar três subsistemas que assumem a função referida nesta língua, nomeadamente o tempo verbal, o tempo adjunto e a *Aktionsart*.

O CM, diferentemente, é considerado como uma língua *tenseless* pela generalidade dos autores. Quanto à expressão dos valores temporo-aspetuais, o CM possui tanto semelhanças como diferenças relativamente ao PE. Por um lado, os adjuntos temporais e a *Aktionsart* são também expressões e/ou subsistemas fundamentais no tempo linguístico em CM; por outro lado, em vez de flexões verbais temporais, como em PE, a língua chinesa dispõe de um conjunto de marcadores de valores temporo-aspetuais (conhecidos como *aspect markers* na literatura², e designados pela sigla MVTA no resto deste trabalho), os quais são tipicamente partículas invariáveis ou verbos auxiliares modais, normalmente com formas monossilábicas (e.g. *le*, *guo*, *zai*, *zhe* ou *hui*).

No presente capítulo, serão apresentados os subsistemas temporais referidos nas duas línguas de uma forma contrastiva. Mas especificamente, serão discutidos: o tempo verbal, o tempo adjunto e a *Aktionsart* em PE, na secção 2.1, e os MVTA, o tempo adjunto e a *Aktionsart* em CM, na secção 2.2.

A descrição feita aqui tem como base vários textos de especialidade, com destaque para gramáticas, entre as quais *Gramática do Português* (Raposo *et al.* (orgs.), 2013), para o PE, e *Mandarin Chinese: A Functional Reference Grammar* (Li & Thompson, 1989) e *A Reference Grammar of Chinese* (Shi & Huang, 2016), para o CM.

² Evitamos o uso do termo “aspect” no sentido de *aspeto gramatical* para evitar confusão; veja-se a discussão em 2.2.1.

2.1 Alguns subsistemas de expressão de valores temporo-aspetuais em PE

2.1.1 Tempos verbais do PE (indicativo e condicional presente)

numa perspectiva reichenbachiana

Em PE, uma língua com *tense*, são atribuídos diferentes valores (prototipicamente) temporais às desinências verbais do indicativo e do condicional presente. Estas assumem a função básica de expressar a localização temporal das situações descritas nas frases em que ocorre o verbo a que se associam (embora possam também assumir outros valores, secundariamente).

Note-se que neste trabalho só discutirei os valores dos tempos verbais do indicativo e do condicional presente, de modo a evitar as especiais dificuldades dos modos não indicativos, que serão deixados para estudos futuros.

Base teórica da análise semântica dos tempos verbais

Os tempos verbais em PE são caracterizados numa perspectiva reichenbachiana por autores como Peres (1993) e Mória (2000), entre muitos outros. Reichenbach criou em 1947 uma teoria bidimensional para descrever o tempo linguístico, tendo como ferramenta “três tempos”, designadamente: o tempo da enunciação ou da fala (*speech time* em inglês, designado por **S**), que representa o momento em que a enunciação é produzida; o tempo da situação (*event time* em inglês, designado por **E**), que representa (o tempo da) situação descrita no eixo temporal; e o tempo de referência (*reference time* em inglês, designado por **R**), que representa o tempo tomado como referência (ou perspectiva, numa terminologia mais moderna) para fazer associação entre os outros dois tempos. Segundo esta teoria, os tempos verbais em inglês podem ser caracterizados a partir de relações estabelecidas entre **S** e **R**, por um lado, e entre **R** e **E**, por outro. Entre cada par existem três relações possíveis, nomeadamente anterioridade, posterioridade e simultaneidade (mas que, na realidade, é, em rigor, sobreposição) ou coincidência, formando, no total, nove relações possíveis entre os três elementos (S, R, E).

A teoria de Reichenbach foi adotada e desenvolvida em inúmeros trabalhos ao longo dos anos, como Kamp & Reyle (1993), entre muitos outros. Estes autores usam o termo “temporal perspective point” (*ponto de perspectiva temporal* em PE, designado por **PPT** no resto deste trabalho) em vez de “reference time” (mas com um sentido muito próximo) e formam a *Discourse Representation Theory* (designada por DRT no resto do trabalho), a qual é essencialmente baseada – no que respeita a questões de análise temporal – na teoria de Reichenbach (1947). Peres (1993) adapta a análise dos tempos verbais da DRT ao PE e propõe uma descrição sistemática que atribui oito das nove relações possíveis³ aos tempos verbais do indicativo e ao condicional presente do PE, a qual tomamos como a referência principal da presente secção.

Caraterização sucinta dos valores semânticos dos tempos verbais do indicativo e do condicional presente do PE

		LOCALIZAÇÃO RELATIVA AO PONTO DE PERSPECTIVA TEMPORAL (EXPRESSA PELO TEMPO VERBAL)		
		ANTERIORIDADE E_R	SOBREPOSIÇÃO E,R	POSTERIORIDADE R_E
PONTO DE PERSPECTIVA TEMPORAL (PPT)	PASSADO R_S	pretérito mais-que-perfeito (simples ou composto)	pretérito imperfeito	condicional presente (= futuro do pretérito)
	PRESENTE R,S	pretérito perfeito simples	presente	futuro imperfeito
		pretérito perfeito composto	→ ?	
FUTURO S_R	futuro perfeito	futuro imperfeito	futuro imperfeito	

Quadro 1. Valores básicos do sistema temporal verbal do PE

(Móia, 2018, adaptado de Móia, 2000, que se baseia em Peres, 1993)

Como mostra o quadro acima, há quatro tempos verbais que se associam a um PPT presente em PE. Isso quer dizer que o PPT é o tempo da enunciação e, por isso, estes

³ O autor deixa de lado o valor de “posterioridade a futuro”, que é integrado no quadro 1 (de Móia 2018), abaixo (cf. Peres 1993: 48).

quatro tempos também são classificados como “tempos dêíticos”. Estes são: (i) presente do indicativo com valor de sobreposição a presente (veja-se (1)), (ii) pretérito perfeito simples com valor de anterioridade a presente (veja-se (2)), (iii) pretérito perfeito composto com valor de anterioridade (com possível sobreposição a presente (veja-se (3a) e (3b)), eventualmente associado a um valor iterativo (veja-se (3c), e (iv) futuro imperfeito com valor de posterioridade a presente (veja-se (4a), a que adiciono, por contraste, o futuro dito perifrástico, com o verbo auxiliar *ir*, em (4b)).

- (1) A Ana vive em Paris. (sobreposição a presente)
- (2) A Ana já viveu em Paris. (anterioridade a presente)
- (3) a. A Ana tem estado doente, mas agora já está bem. (anterioridade a presente)
b. A Ana tem estado doente. Olha, está ainda pálida.
(anterioridade com sobreposição a presente)
c. A Ana tem ido ao ginásio nos últimos dois meses.
(anterioridade a presente, com valor de iteração)
- (4) a. A sala estará disponível a partir de agora. (posterioridade a presente)
b. A sala vai estar disponível a partir de agora. (posterioridade a presente)

Todas as frases em (1)-(4) têm um PPT presente. Em (1), o tempo da situação de a Ana viver em Paris sobrepõe-se ao PPT, formando uma relação [**S, R, E**]⁴, enquanto em (2), se diz que a mesma situação ocorreu e terminou antes do PPT, formando uma relação [**E, R, S**].

Os casos com o pretérito perfeito composto são mais complexos, porque este tempo verbal veicula valores diferentes quando se combina com diferentes tipos de situação. Quando coocorre com predicados estativos, induz um valor de anterioridade com possível sobreposição a presente, podendo a sobreposição ser verificada ou bloqueada contextualmente. Em (3a), a situação de a Ana estar doente começou no passado e já terminou antes do PPT, com o valor de sobreposição a presente bloqueado

⁴ Nestas representações formais (usadas por Reichenbach), a vírgula representa uma relação de sobreposição, e o traço baixo representa uma relação de anterioridade-posterioridade, ocorrendo o primeiro elemento antes do segundo.

contextualmente pela continuação *mas agora já está bem*. Em (3b), pelo contrário, esse valor de sobreposição verifica-se em princípio, dada a frase *olha, está ainda pálida*. Nos casos em que o pretérito perfeito composto coocorre com situações não estativas, induz-se necessariamente um valor iterativo (que, nas frases estativas, pode estar presente ou não), como ilustra (3c). Nesta frase, a situação de a Ana ir ao ginásio tem de ter acontecido repetidamente antes do PPT. Com este tempo verbal, expressa-se a relação de [E_R, S] e opcionalmente [E, R, S] em adição a ela (embora este tipo de notação seja insatisfatório, na medida em que não permite explicitar adequadamente o eventual valor de iteratividade de E).

Em (4a) e (4b), encontra-se um tempo verbal futuro: o futuro imperfeito (dito sintético) representado por flexão verbal em (4a) e o futuro dito perifrástico em (4b); este último usa o verbo auxiliar *ir* (aqui no presente, *vai*, mas que pode também surgir no futuro imperfeito, *irá*) seguido de infinitivo. Não existe diferença relevante no valor semântico das duas formas. Em (4), ambas as frases descrevem uma situação que (se assume que) vai ocorrer depois do PPT presente, formando uma relação [R, S_E].

Há três tempos verbais que se associam a um PPT passado. Isso quer dizer que, nestes casos, o PPT se localiza, no eixo temporal, antes do tempo da fala, formando uma relação [R_S]. Os tempos verbais com esta propriedade são: (i) o pretérito imperfeito, com valor de sobreposição a passado, (ii) o pretérito mais-que-perfeito (simples ou composto), com valor de anterioridade a passado e (iii) o condicional presente, com valor de posterioridade a passado. Veja-se (5).

- (5) a. Ontem às 19, a Ana estava na escola. (sobreposição a passado)
b. Em dezembro, a Ana (já) tinha acabado a tese⁵. (anterioridade a passado)
c. Os Romanos colonizaram a Península Ibérica a partir do século III A.C.
As tribos germânicas chegariam alguns séculos depois.
(posterioridade a passado; exemplo retirado de Peres 1993: 13)

⁵ O pretérito mais-que-perfeito simples é mais usado em discurso com algum grau de formalidade (e em texto literário) e não possui diferenças relevantes face à forma composta. Aqui não discutirei esta questão.

Em (5), todas as frases se associam a um PPT passado. Em (5a), o tempo da situação de a Ana estar na escola sobrepõe-se ao PPT, formando uma relação [R, E_S]. Em (5b), a situação de a Ana acabar a tese ocorreu antes do PPT, formando uma relação [E_R_S]. Em (5c), a situação de as tribos germânicas chegarem à Península Ibérica (que toma como PPT o tempo, anterior, em que os Romanos a colonizaram) ocorre depois do PPT, formando uma relação [R_E_S].

Quanto aos tempos verbais que se associam a um PPT futuro, ou seja, a uma relação de [S_R], temos: (i) o futuro imperfeito, com valor de sobreposição a futuro, (ii) o futuro imperfeito, com valor de posterioridade a futuro⁶ e (iii) o futuro perfeito, com valor de anterioridade a futuro. Veja-se (6):

- (6) a. Amanhã às 17, estarei no aeroporto. (sobreposição a futuro)
b. Amanhã às 17, já tere acabado a tese. (anterioridade a futuro)

Nas duas frases em (6), o PPT localiza-se no futuro. Em (6a), a situação de o enunciador estar no aeroporto sobrepõe-se ao PPT, entendido neste caso como a denotação de *amanhã às 17*, formando uma relação [S_R, E]; em (6b), a situação de o enunciador acabar a tese é apresentada como anterior a esse mesmo PPT, formando uma relação [S_E_R]. Estes dois valores também podem ser representados pelo futuro perifrástico.

2.1.2 Adjuntos temporais⁷ em PE – uma seleção de valores

Os adjuntos temporais em PE são tipicamente representados por sintagmas adverbiais, proposicionais ou nominais e podem transportar diferentes valores

⁶ A existência do valor de posterioridade a futuro, como valor autónomo marcado simplesmente pela flexão verbal, é discutível para alguns autores, como Peres (1993). No presente trabalho, assumo a existência deste valor neste sistema bidimensional, ainda que reconheça que é difícil verificar a sua presença numa frase com apenas flexão verbal (sem adjuntos). Esta particularidade não é importante para este estudo, pelo que optei pela inclusão do valor em causa.

⁷ Seguindo uma sugestão do meu orientador, uso o termo “adjunto” em vez de “adverbial”, porque em PE, como em muitas outras línguas, como o CM e o inglês, há coincidência de forma entre expressões estritamente adverbiais e expressões adnominais; por exemplo, expressões como “em 1947” em estruturas como “a construção da ponte em 1947”, são, em sentido estrito, adnominais. Para abranger todas as expressões que nos interessam sem gerar confusão, recorro ao termo “adjunto”, tendo como referência o termo “adjunct” em gramáticas da língua inglesa como Huddleston & Pullum (2002).

temporais, como valores de localização temporal, de duração ou de frequência e alguns valores afins, entre muitos outros (que – por razões de espaço e complexidade – não é possível apresentar aqui; cf. e.g. Mória 2003). Vamos discutir de forma sucinta cada um dos três valores referidos nesta secção, com base em Mória (2000, 2003) e Mória e Alves (2013).

a. Localização temporal (simples)

Os adjuntos temporais de localização temporal (simples) associam as situações descritas a intervalos no eixo temporal, diretamente (veja-se 7a) ou indiretamente, com os intervalos determinados por outras entidades, em particular situações (veja-se 7b).

(7) a. Fiz este trabalho ontem entre as 17 e as 18.

b. Depois de lavar a loiça, a Ana foi à Faculdade.

b. Duração

Os adjuntos temporais de duração têm a função de associar as situações descritas nas frases a quantidades de tempo, tendo como forma típica [(durante) X-TEMPO] quando se combinam com situações atélicas (veja-se (8a)), e [em X-TEMPO] quando se combinam com processos culminados⁸ (veja-se (8b)).

(8) a. A Ana estudou na biblioteca durante duas horas.

b. Escrevi esta carta em duas horas.

Note-se que em alguns casos pode existir uma sobreposição dos valores de localização temporal e de duração numa mesma expressão; veja-se (9).

(9) a. A Ana morou em Lisboa durante os últimos três anos.

b. A ponte está em ruínas há mais de um século.

Em (9a), a expressão *durante os últimos três anos* é um adjunto de localização temporal durativa, o qual determina explicitamente o intervalo associado à situação e indica implicitamente a sua duração, por inferência (na análise proposta em Mória 2000). Em (9b), o adjunto temporal *há mais de um século* designa uma duração ancorada, que

⁸ Veja-se a discussão sobre classes aspetuais em 2.1.3.

determina explicitamente a duração da situação e expressa igualmente a sua localização no eixo temporal (cf. Mória 2006).

c. Frequência e alguns valores afins

A presente breve descrição é feita com base em Mória (2018), que resume trabalhos anteriores do mesmo autor. Segundo este autor, os adjuntos temporais de *frequência* (em sentido estrito) associam o número (médio) de ocorrências de situações do mesmo tipo a uma unidade de tempo (veja-se (10a)) ou uma outra situação usada como medida (veja-se (10b)). Este valor é marcado tipicamente por sintagmas com *por* (e.g. X VEZES *por*, X N' *por*) em PE.

(10) a. Vou ao ginásio três vezes por semana.

b. Escrevo seis páginas por teste (normalmente).

O valor de *periodicidade* é muito próximo ao valor de frequência; associa-se a situações do mesmo tipo que se repetem periodicamente com distância temporal regular. Veja-se (11).

(11) Almoço com os meus amigos de quinze em quinze dias.

Os adjuntos de *localização temporal associada a quantificação* podem ser divididos em vários subgrupos, conforme os diferentes tipos de quantificação (universal, fracionária, cardinal). Aqui importa destacar dois subtipos de expressões que, em alguns casos, são confundíveis com as de frequência e periodicidade. O primeiro é o subtipo de localização temporal associada a quantificação universal sobre unidades do calendário (sem restrições adicionais), o qual exprime repetição de situações, vinda diretamente da quantificação universal (veja-se (12a)). O outro subtipo é o de localização associada a quantificação sobre situações correlacionáveis (veja-se (12b)), que descreve a repetição de situações em correlação com outras. Em muitos casos, não é fácil encontrar uma fronteira clara entre os valores de frequência, de periodicidade e de localização temporal associada a quantificação, principalmente destes últimos subtipos.

(12) a. A Faculdade foi encerrada todos os fins-de-semana.

b. O Pedro vai à Faculdade sempre que há uma conferência no seu departamento.

Note-se, adicionalmente, que os adjuntos temporais de frequência, de periodicidade e de quantificação temporal universal se associam a valores de habitualidade em muitos casos, sendo as situações complexas descritas assumidas como atéticas (cf. e.g. Mória 2003: 18). Por exemplo, quando se combinam com pretérito perfeito simples, referem tipicamente hábitos já tidos no passado e que já não se verificam (veja-se (13a)), enquanto que quando se combinam com tempos de sobreposição – o que é muito mais comum – como o presente do indicativo (veja-se (13b) ou pretérito imperfeito, indicam hábitos verificados no PPT. Esta propriedade será retomada nos capítulos 4 e 5, no qual será analisada a forma negativa de frases que incluem este grupo de adjuntos temporais, que tem particularidades interessantes.

(13) a. Já fui à Faculdade três dias por semana. (Agora, só vou dois.)

b. Vou à Faculdade três dias por semana.

2.1.3 Aktionsart em PE

O termo *Aktionsart* é designado também por “aspeto lexical” por alguns autores (cf. e.o. Cunha, 2013). Designa uma classificação feita ao nível semântico das situações representadas por estruturas frásicas/verbais (ou nominais) segundo as suas diferentes propriedades de tipo temporal. Na presente secção, apresentarei: (i) os parâmetros de definição ontológica das classes aspetuais (essencialmente com base em Peres 2003); (ii) a tipologia de classes de *Aktionsart* proposta por Moens (1987); e (iii) o mecanismo de comutação aspetual, ou *Aktionsart shift*, que designa a transição de uma classe aspetual para outra, também com base em Moens (1987). A razão para esta seleção de tópicos é que estas questões serão muito importantes para avaliar comportamentos linguísticos apresentados noutras partes da tese.

Parâmetros de definição ontológica de classes aspetuais

a. Pontualidade/duratividade

O primeiro traço fundamental para a classificação aspetual é o de $[\pm \text{pontual}]$. São consideradas não pontuais (ou durativas) as situações que se prolongam no tempo (veja-se (14a)), enquanto que são consideradas pontuais (ou não durativas) as que se confinam a um único momento, o que pode ser linguisticamente sinalizado (veja-se (14b)). O valor de não pontualidade é também detetável através do uso de alguns adjuntos temporais, tipicamente os de duração ou os de localização temporal durativa (Cunha, 2013).

- (14)a. Li o livro em quatro dias. [NÃO PONTUAL]
b. Fechei a porta (naquele instante). [PONTUAL]

b. Telicidade/atelicidade

Uma situação é considerada télica se possuir intrinsecamente um limite terminal que sinaliza a sua conclusão, o qual é designado por “culminação” (ou *telos*). Além deste “ponto de conclusão”, esse grupo de situações também é caracterizado, em muitos casos, pela existência de um estado resultante (ou consequente), que descreve o estado depois da culminação (veja-se (15a)). Pelo contrário, uma situação é considerada atélica se não possuir nenhum limite terminal intrínseco (veja-se (15b)), podendo até, em função das suas características ontológicas, desenrolar-se indefinidamente (veja-se (15c)) – cf. Cunha (2013).

- (15) a. Acabei a minha tese ontem.
b. Moro em Lisboa.
c. A Ana tem antepassados italianos.

c. Homogeneidade/heterogeneidade

A homogeneidade – que pode variar em grau – associa-se à possibilidade de inferir a ocorrência de uma situação em subintervalos do intervalo mínimo em que ela ocorre (cf. Bennett & Partee 1978/2004). Uma situação é considerada totalmente homogénea se essa mesma situação ocorrer em todos os subintervalos (do intervalo mais pequeno em que ocorre inteiramente a situação maior, digamos *t*), incluindo os instantes (veja-se

(16a)); uma situação é considerada parcialmente homogénea se ocorrer em todos os subintervalos de t até um certo grau de granularidade (veja-se (16b)); e é considerada não homogénea (ou heterogénea) se não ocorrer em nenhum dos subintervalos próprios de t (veja-se (16c)).

- (16)a. A Ana mora em Lisboa.
 b. Olha [a Ana a correr no jardim].
 c. A Ana escreveu a sua tese de mestrado em 2018.

Tipologia de classes aspetuais básicas proposta por Moens (1987)

	EVENTS		STATES
	atomic	extended	
+conseq	CULMINATION recognize, spot, win the race	CULMINATED PROCESS build a house, eat a sandwich	understand, love, know, resemble
-conseq	POINT hiccough, tap, wink	PROCESS run, swim, walk, play the piano	

Quadro 2. Tipologia proposta em Moens (1987: 57)

Entre as várias tipologias das classes aspetuais básicas propostas desde Vendler (1967), importa destacar a de Moens (1987) (veja-se Quadro 2). A proposta de Moens (1987) pode ser descrita com base nos valores referidos na subsecção anterior.

Dividem-se as situações, em primeiro lugar, em dois grandes grupos, nomeadamente situações estativas (estados) e não estativas (eventos). Os estados, como ilustra o seu nome, são situações com valor de estatividade, ou seja, são situações totalmente homogéneas⁹, e são sempre durativos. As situações não estativas são designadas por “eventos” por Moens (1987). Entre os “eventos”, as situações atéticas

⁹ Note-se que os estados progressivos são descritos como situações parcialmente homogéneas – tal como os processos – por vários autores (cf. e.o. Lin, 2003). Discutirei esta questão nos capítulos 4 e 5.

são designadas por “processos”, que são também não pontuais (ou “extended”) e, ao mesmo tempo, são parcialmente homogêneas (uma propriedade não representada no quadro). Os restantes três tipos de situações, que são todas télicas e heterogêneas, são divididas em dois grupos pela sua (não) pontualidade. As não pontuais (ou “extended”) são nomeadas “processos culminados” por Moens (1987), enquanto as pontuais (ou “atomic”) são divididas ainda em dois: “pontos” (sem estado resultante, ou “-conseq”) e “culminações” (com estado resultante, ou “+conseq”); elas podem ser designadas, de forma uniformizada, por “eventos pontuais”, um termo abrangente que adoto por facilidade no presente trabalho.

Comutação aspetual ou Aktionsart shift em Moens (1987)

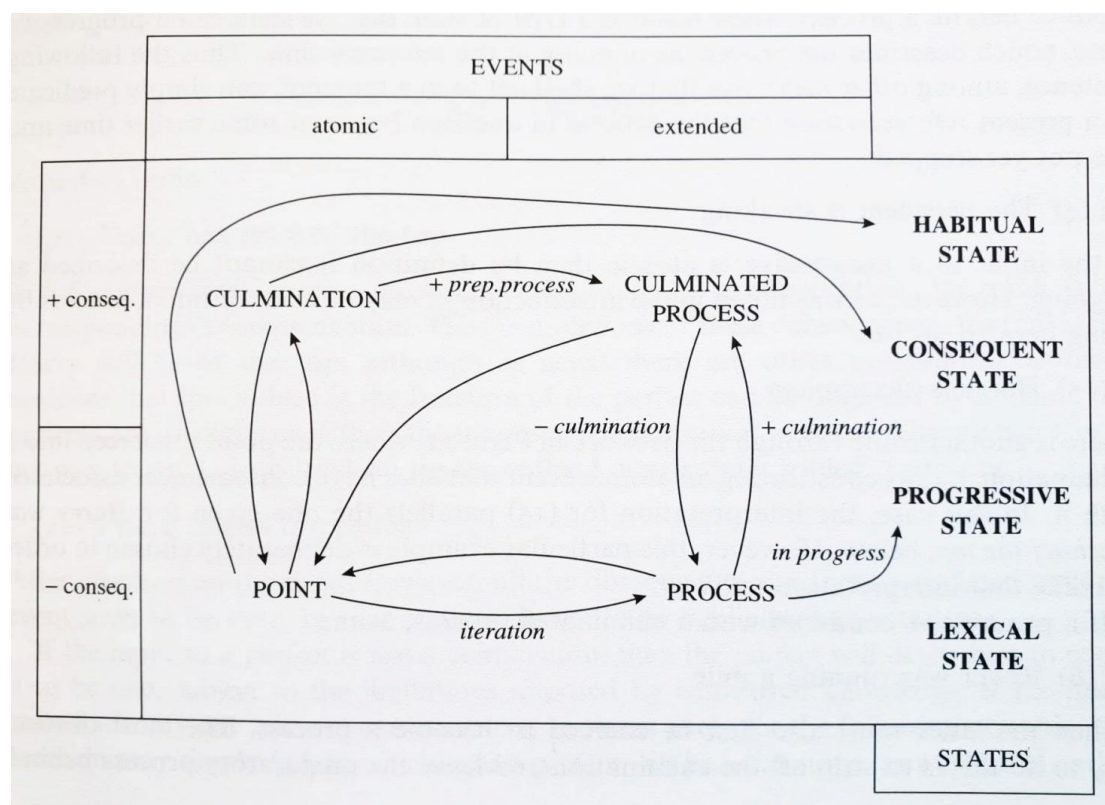


Figura 1. Transições possíveis entre diferentes classes aspetuais em Moens (1987: 61)

Moens (1987) também propõe uma rede de transições possíveis entre as classes aspetuais, pela realização de um processo linguístico designado por *Aktionsart shift*, ou “comutação aspetual” (veja-se a Figura 1). Para dar uma explicação mais clara dessa

comutação, apresentarei primeiro o conceito de núcleo (*nucleus*, em Moens 1987), proposto pelo mesmo autor (veja-se a Figura 2).

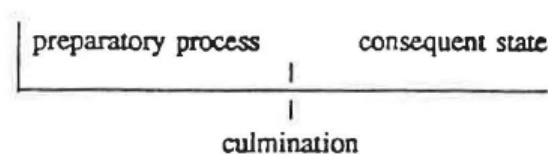


Figura 2 O *nucleus* (Moens, 1987: 65)

Segundo Moens (1987), algumas situações (nomeadamente as télicas), incluindo as básicas e as derivadas por *Aktionsart shift*, são associáveis a diferentes componentes esquematizados na figura acima; por outras palavras, na sua expressão linguística, essas situações podem ser vistas como uma entidade complexa, eventualmente constituída por uma fase preparatória, uma culminação e um estado consequente (ou resultante). Entre as situações télicas, os processos culminados distinguem-se por possuírem todas as três fases, enquanto os eventos pontuais possuem a culminação sem fase preparatória, sendo associados a um estado resultante (no subtipo das culminações) ou não (no subtipo dos pontos). Os processos e estados, como situações atélicas, não se associam nem a culminação, nem a processo preparatório nem a estado resultante, ou seja, não possuem as fases distinguíveis do núcleo.

Apresentando este carácter possivelmente composto das situações (télicas), Moens (1987) explica que as comutações aspetuais são processos linguísticos associados a adição ou supressão de alguma(s) fase(s) do núcleo, ou a outros processos comparáveis, como a iteração de uma situação. Entre várias vias de *Aktionsart shift*, importa destacar as seguintes, que nos interessam no presente estudo.

a. Adição de fase preparatória a um evento pontual, criando um processo culminado

Como referido, um processo culminado é construído por uma fase preparatória, uma culminação e um estado resultante; curiosamente, é possível adicionar uma fase preparatória a um evento pontual (do subtipo culminação) para formar um processo culminado. Em (17), é adicionada uma fase preparatória ao evento pontual expresso por

[o gato] *morrer*, uma adição induzida pela expressão *estar a*, criando um processo culminado, expresso pela mesma expressão, [o gato] *morrer*.

(17) O gato [está a morrer].

b. Supressão de culminação de um processo culminado, criando um processo

Pode-se também retirar a culminação de um processo culminado (e, por extensão, também o seu estado resultante), restando só a fase preparatória. Em resultado disso, a situação nova passa a ser durativa (não estativa) e sem culminação, ou seja, um processo. Veja-se (18).

(18) A Ana pintou a casa durante duas horas (e depois foi-se deitar).

Nesta frase, a classe aspetual básica da situação expressa por [a Ana] *pintar a casa* é processo culminado. Com o adjunto *durante duas horas*, é induzida a interpretação de que a situação não atingiu a sua culminação, transformando-se, pois, num processo, referido pela mesma expressão, [a Ana] *pintar a casa*.

c. Iteração de um evento pontual (básico ou eventualmente já derivado de um processo ou processo culminado¹⁰), criando um processo

Segundo Moens (1987), a descrição de um evento pontual que ocorre repetidamente num determinado intervalo pode combinar-se com *for-adverbials*¹¹, passando a ser de tipo processo. Note-se que o evento pontual pode ser básico, ou derivado por *Aktionsart shift*, como, por exemplo, de um processo ou um processo culminado comprimido, como propõe Moens (1987: 63): “*another route through the network is possible, however. The culminated process, like any other event, can be compressed into a point?*”.

(19) a. O Pedro espirrou durante cinco minutos.

b. O Pedro leu a carta da sua mãe durante meses a fio.

Em (19a), a classe aspetual básica da situação expressa por [o Pedro] *espirrar* é

¹⁰ Note-se que uma situação pode sofrer várias comutações em sequência, uma questão que não irei aqui explorar em pormenor.

¹¹ *For-adverbials* refere-se a adjuntos temporais com a forma [for+X-TIME] em inglês, que se assume serem paralelos a adjuntos temporais com a forma [durante/por/∅+X-Tempo] em PE (cf. Mória, 2006).

evento pontual. Quando esta expressão se combina com o adjunto *durante cinco minutos*, a predicação passa a referir um processo, por iteração. Em (19b), o processo culminado expresso por [*o Pedro*] *ler a carta da sua mãe*, “comprimido num ponto”, ocorre repetidamente *durante meses a fio*, passando, pois, [*o Pedro*] *ler a carta da sua mãe* a designar um processo.

d. Conversão de um evento pontual (básico ou eventualmente já derivado de um processo culminado) num estado habitual

Além da transição de eventos pontuais para processos, segundo Moens (1987), a comutação de eventos pontuais para estados habituais em inglês é também uma via possível (cf. Figura 1 acima); esta envolve naturalmente alguma forma de repetição, mas não é designada tecnicamente como iteração: “*For other transitions, such as the one resulting in an iterated process or an habitual statement English has no explicit markers and they can be made freely* (Moens, 1987: 69)”. Este processo linguístico também se encontra em PE. Veja-se (20).

- (20)a. Ele fuma. (leitura habitual: ele é fumador)
b. Ele bate com o carro no portão porque é muito distraído.
c. Ele come uma maçã ao pequeno-almoço porque é saudável.

Nestas três frases, as classes aspetuais básicas das expressões predicativas sublinhadas são, respetivamente, processo, evento pontual e processo culminado (sendo processos e processos culminados comprimidos, na análise de Moens, em eventos pontuais, à semelhança do que referimos em **c** acima). Combinadas tipicamente com um tempo de sobreposição, nomeadamente o presente do indicativo (com ou sem a presença de adjuntos de frequência e de valores afins), as descrições dessas situações sofrem *Aktionsart shift* e passam a referir situações estativas com valor habitual, ou seja, estados habituais.

e. Focalização no estado resultante de um evento pontual

Como referido, um evento pontual do subtipo *culminação* associa-se sempre a um estado resultante, o qual pode curiosamente ser considerado como o foco da predicação,

em vez do *telos* propriamente dito. Veja-se (21).

(21) A Faculdade foi fechada durante duas horas.

Em (21), usa-se a forma *ser fechado*, que identifica tipicamente um evento pontual. Mas, com a ocorrência do adjunto de duração *durante duas horas*, é evidente que o enunciador pretende focar o estado resultante, ou seja, o que ocorre depois do momento em que a Faculdade foi fechada, o seu estado resultante implícito; por isso, a frase pode ser considerada uma paráfrase de *a Faculdade esteve fechada durante duas horas*, com uma descrição estativa (combinada normalmente com *durante X-TEMPO*).

2.2 Alguns subsistemas de expressão de valores temporo-aspetuais em CM¹²

2.2.1 Considerações preliminares sobre o uso dos termos “aspeto”, “perfetivo” e “imperfetivo”

Antes de discutirmos os valores semânticos dos marcadores aspetuais do chinês selecionados, farei primeiro um esclarecimento em relação à terminologia, com atenção específica para os termos “aspeto”, “perfetivo” e “imperfetivo”, que aparecem nas duas gramáticas que usarei como base da presente secção.

Na literatura, o termo “aspeto” pode referir-se a dois domínios distintos: aspeto (dito) lexical – ou *Aktionsart* – e aspeto (dito) gramatical. O conceito de *Aktionsart* é associado a diferentes tipos de situação, considerando-se parâmetros temporais como a pontualidade, a homogeneidade ou a telicidade (cf. e.o. Vendler, 1967; Bennett & Partee, 1978; Dowty, 1981; Moens, 1987; Peres, 2003; Cunha, 2013), como descrito na secção anterior. Em contraste, o aspeto (dito) gramatical de uma situação associa-se à forma como uma situação é vista em termos da sua constituição interna, por exemplo,

¹² Note-se que no presente trabalho, assumo a existência (ou, melhor dizendo, a relevância na descrição gramatical) de pontos de perspectiva temporal (ou pontos de referência, na terminologia original de Reichenbach) em CM, mesmo na ausência de flexões verbais nesta língua. Na realidade, parece-me um conceito que se associa genericamente à forma de descrever o mundo (escolhendo pontos especiais de perspetivação) – e que existe certamente em CM – mais do que à presença estrita de marcadores gramaticais específicos, como os de *tense* (na flexão verbal).

na clássica oposição perfeito/imperfeito. De acordo com as descrições que aparecem nas duas gramáticas chinesas já referidas –C. N. Li & Thompson (1989) e Shi & Huang (2016), o termo “aspecto”, pelo menos nestas referências, parece ser associado essencialmente ao “aspecto gramatical” (ou seja, centralmente, à oposição perfeito/imperfeito).

Aspect, on the other hand, refers, not to the time relation between a situation and the moment of its being mentioned in speech, but, rather, to how the situation itself is being viewed with respect to its own internal makeup. (C. N. Li & Thompson, 1989: 184)

Discutirei agora como os autores descrevem os valores “perfeito” e “imperfeito”:

(...) [perfective aspect] presents the totality of the situation referred to (...) without reference to its internal temporal constituency; the entire situation is viewed as a single, unanalyzable whole. When a language has special verbal forms to indicate this viewing of an event in its entirety, we say that that form expresses perfective aspect. (...) || Verbal markers signaling this ongoing-duration aspect constitute one type of the aspect, referred to as imperfective (...). (C. N. Li & Thompson, 1989: 184-185)

When the perfective aspect is used, a situation is viewed in its entirety without explicit reference to any internal individual stages that make up of the situation (...)
When the imperfective aspect is used, part of a situation is viewed with explicit reference to the internal temporal constituency of the situation. The situation described in a clause is not presented in its totality, but viewed from within, with focus on the internal temporal structure or on some subinterval of time within the situation. (Shi & Huang, 2016: 117-118)

Creio que a definição do termo “perfeito” nestas duas referências pode criar alguma confusão, pelo que se impõem algumas considerações. Os autores destas duas gramáticas atribuem o valor “perfeito” às situações que são vistas “de forma unificada e holística”. Se se assumir essa interpretação, o “aspecto perfeito” deve ser compatível,

pelo menos, com dois grupos de situações: situações que começaram antes de um dado PPT e já terminaram (ou seja com valor de anterioridade), e situações que ainda não aconteceram num dado PPT (ou seja, com valor de posterioridade). Ficariam apenas de fora as situações associadas a sobreposição a um dado PPT (que seriam as únicas imperfetivas). Veja-se (22), em que darei exemplos em CM seguidos das glosas e da tradução em PE:

(22) a. Ta yijing zou le.

ele já andar LE

Ele já saiu.

b. Ta mashang zou.

ele imediatamente andar

Ele vai sair (agora).

Em (22), todas as frases, quer em CM quer em PE, têm um PPT presente. Em (22a), a situação de sair já aconteceu e terminou no PPT, enquanto em (22b), a mesma situação, nas frases das duas línguas, ainda não se iniciou no PPT. Em todas as frases a situação de sair é (discutivelmente) vista de forma unificada e holística, sem referência nenhuma aos seus “estágios internos” ou “subintervalos” (que aliás não existem, dado que a situação é pontual). Assim seriam representantes do “aspecto perfetivo”, nos termos dos autores chineses referidos¹³.

A interpretação lata de “perfetivo” em causa também se verifica em gramáticas da língua inglesa como Huddleston & Pullum (2002). Veja-se:

*With perfective aspectuality, the situation is presented in its totality, as a complete whole; it is viewed, as it were, from the outside, without reference to any internal temporal structure or segmentation. (...) perfective aspectuality is compatible with any time-sphere: **past** in He declared it a fake, **present** in I declare this meeting*

¹³ Note-se que a tradição gramatical portuguesa usa “perfeito” para o primeiro caso (de anterioridade ao PPT – cf. designação pretérito perfeito para *saiu*), mas “imperfeito” para o segundo caso (de posterioridade ao PPT – cf. designação futuro imperfeito para *sairá*, equivalente à formas perifrástica *vai sair*).

open, future in It is essential [that he declare everything he's bought] (Huddleston & Pullum, 2002, p. 124, negritos meus).

Porém, Li & Thompson, (1989) e Shi & Huang (2016) não parecem usar o termo “perfetivo” sempre com a amplitude permitida na sua própria definição. Não é difícil encontrarmos exemplos disto.

Um dos exemplos é que ambas as gramáticas classificam o marcador “*le*”¹⁴ perfetivo” do CM como marcador do “aspeto perfetivo”; considerando a definição referida, isso implica que esse *le* marca situações vistas de forma unificada, sem importar se terminaram antes do PPT ou começam depois do PPT. Mas pode-se ver, nas mesmas gramáticas, que esse *le* é compatível só com o primeiro grupo (de valores de anterioridade) e é rejeitado pelo segundo (de valores de posterioridade). Veja-se (23):

- (23) Ta mashang yao¹⁵ zuo (*le) zuoye.
ele imediatamente YAO fazer (*LE) trabalho
Ele vai fazer o trabalho (agora).

Além disso, na seção do “aspeto perfetivo”, nenhuma das duas gramáticas fala dos elementos que marcam situações com valor de posterioridade, i.e. que ainda não se iniciaram num dado PPT (situações futuras, se o PPT for presente). Isto também mostra que o termo “perfetivo” não se usa com a amplitude permitida na sua própria definição nas gramáticas referidas.

Resumindo, o termo “perfetivo” que aparece nas duas gramáticas e em alguns estudos – referido (em inglês) como “perfective” (cf. C. N. Li & Thompson, 1989; Shi & Huang, 2016) – é de uso potencialmente problemático. No presente estudo, para evitar confusões na terminologia, optarei por usar termos – de inspiração reichenbachiana como “**valor de anterioridade**” ou “**valor de posterioridade**”, os quais se combinam tipicamente com descrições de situações que são vistas “como uma

¹⁴ O *le* com valor temporo-aspetual que tratamos no presente trabalho deve ser distinguido do *le* CRS (i.e. o *le* que expressa “current relevant state”). C. N. Li & Thompson (1989) falam dessa distinção com mais detalhes.

¹⁵ *Yao* é um dos verbos auxiliares que veiculam um valor temporal de posterioridade.

unidade só” (isto é, não em curso), e que começaram e terminaram antes ou depois, respetivamente, do PPT.

Em relação ao termo “aspecto imperfetivo”, assume-se geralmente que descreve um certo estágio interno de uma situação durativa, tipicamente progressiva ou (basicamente) estativa (C. N. Li & Thompson, 1989; Shi & Huang, 2016). Aqui também para evitar a confusão na interpretação do termo “imperfetivo” (como conceito oposto a “perfetivo”), e simultaneamente manter o paralelismo terminológico, usarei o termo “**valor de sobreposição**”, o qual corresponde à “descrição dos estágios internos” das situações não pontuais.

2.2.2 Marcadores de valores temporo-aspetuais em CM

O CM dispõe de um conjunto de marcadores que veiculam valores temporo-aspetuais (designados por MVTA, neste trabalho), os quais são, tipicamente, da categoria de partícula funcional, como *le*, *guo* (ambos resultados de um processo de gramaticalização de verbo – cf. Ljungqvist, 2007), ou da categoria de verbo auxiliar, como *zai* e *hui*. Esses marcadores têm uma importância fundamental no sistema de tempo em CM e têm atraído a atenção dos linguistas desde há muito (cf. e.o. Li & Thompson, 1989; Ijic, 1990; Klein & Li & Hendriks, 2000; Ljungqvist, 2007; Yeh, 2016; Linden, 2017). Na presente secção, discutirei – de forma muito simplificada – os cinco marcadores que interessam mais no nosso estudo, designadamente: dois associados a valor de anterioridade, *le* e *guo*; dois associados a valor de sobreposição temporal, *zai* e *zhe*; e um associado a valor de posterioridade, *hui*. Para facilitar a compreensão, tentarei fazer a comparação entre os valores temporais destes marcadores e os tempos verbais em PE, apresentando uma perspetiva contrastiva desta questão e construindo uma base para a análise no capítulo 4.

Note-se que na presente secção discutirei apenas os valores semânticos desses marcadores em frases afirmativas, deixando a questão de interação entre esses marcadores e a negação para o capítulo 3.

Recorde-se que nesta dissertação é assumida a existência de pontos de perspectiva temporais (no sentido reichenbachiano e da DRT) na análise gramatical do CM, mesmo na ausência de flexões verbais – cf. nota 12 acima.

a. *le* de anterioridade (simples)

O *le* de anterioridade (simples)¹⁶ (designado por “perfective *le*” na literatura, cf. e.g. C. N. Li & Thompson, 1989) é uma partícula funcional do CM e ocorre sempre numa posição pós-verbal (C. N. Li & Thompson, 1989; Ljungqvist, 2007). Esta partícula indica que uma situação ocorreu e terminou antes de um dado PPT, podendo o PPT ser presente, passado ou futuro, e combina-se tipicamente com descrições de situações não estativas, nomeadamente processos, processos culminados e eventos pontuais (básicos ou derivados por *Aktionsart shift*) (Linden, 2017). Veja-se (24) e (25), em que apresento alguns exemplos do uso de *le* com expressões que veiculam diferentes valores temporo-aspetuais (diferentes posições do PPT, em (24), e diferentes classes aspetuais, em (25)).

(24) a. Ta xie **le** na feng xin.

Ele escrever LE aquele CLA carta

Ele escreveu aquela carta. (PPT presente)

b. Zuotian xiawu liang dian, ta yijing xie **le** na feng xin.

ontem tarde dois hora, ele já escrever LE aquele CLA carta

Ontem às 14h, ele já tinha escrito aquela carta. (PPT passado)

c. Mingtian xiawu liang dian, ta (yinggai¹⁷) yijing xie **le** na feng xin.

amanhã tarde dois hora, ele (dever) já escrever LE aquele CLA carta

Amanhã às 14h, ele já terá escrito aquela carta. (PPT futuro)

¹⁶ A designação que proponho – *le* de anterioridade – está em linha com as observações feitas em estudos como Melchert (1980) e Mangione & D. Li (1993). O *le* de anterioridade simples distingue-se do *le* CRS (*Current Relevant State*), ocorrendo o segundo tipicamente como partícula do final de oração. A distinção entre estes dois tipos de *le* não é diretamente relevante para o tópico desta dissertação.

¹⁷ O verbo auxiliar modal *yinggai*, com um semelhante ao de *dever* em PE, é usado com frequência nas orações que incluem valor de anterioridade/sobreposição a futuro, enquanto é usado o verbo auxiliar *hui* tipicamente nas orações com valor de posterioridade a futuro (e a outros PPTs). Será discutido *hui* com pormenor mais tarde neste texto.

- (25) a. Ta zuotian paobu **le**.
 ele ontem correr LE
 Ele ontem correu. (processo)
- b. Ta zuotian chi **le** san ge pingguo.
 ele ontem comer LE três CLA maçã
 Ele comeu três maçãs ontem. (processo culminado)
- c. Ta xie wan **le** ta de lunwen.
 ele escrever acabar LE ele de tese
 Ele acabou a sua tese. (evento pontual)

Note-se, adicionalmente, que este *le* também ocorre com expressões adjetivais como *pang* (gordo) e *bing* (doente), podendo suscitar dúvidas sobre a generalização, feita acima, de que *le* se combina com descrições de situações não estativas. Na realidade, estes predicados adjetivais, quando coocorrem com *le*, descrevem situações télicas (não estativas), e são traduzidos em PE por frases com *ficar*: *ficar gordo*, *ficar doente* (veja-se (26)). Esta função de *le* também influencia a seleção de operador negativo na forma negativa destes casos. Retomarei esta questão mais tarde.

- (26) a. Ta pang **le**.
 ele gordo LE
 Ele ficou gordo.
- b. Ta bing **le**.
 ele doente LE
 Ele ficou doente.

Relativamente ao PE, as flexões verbais de tempos de anterioridade parecem partilhar valores temporais semelhantes com o *le* (de anterioridade) em CM. Estes tempos verbais, nomeadamente pretérito mais-que-perfeito, pretérito perfeito simples/composto e futuro perfeito, combinam-se naturalmente com situações não estativas e localizam a situação toda numa posição anterior ao PPT no eixo temporal. Considero pois que o *le* de anterioridade (simples) em CM assume uma função

semelhante à dos tempos verbais de anterioridade em PE (com a exceção do pretérito perfeito composto, que, como se sabe, apresenta diversas particularidades¹⁸).

b. *guo* de anterioridade (dita) experiencial

Considerado como outro marcador do valor de anterioridade em CM, a partícula *guo* (designada por “perfective *guo*” em Shi & Huang, 2016 e “experiential *guo*” em C. N. Li & Thompson, 1989) partilha várias propriedades sintáticas e semânticas com o *le* de anterioridade. É colocada também sempre numa posição pós-verbal e indica também que a situação descrita terminou antes de um dado PPT. Combina-se, tal como *le*, tipicamente com descrições de situações não estativas, desde que elas respeitem certos requisitos adicionais. Estes requisitos distinguem o *guo* de anterioridade (dita) experiencial do *le* de anterioridade simples, e serão a seguir descritos com algum pormenor.

A diferença entre as partículas *guo* e *le* em causa associa-se principalmente a dois conceitos-chave, nomeadamente experiencialidade (*sensu* Shi & Huang, 2016) e iteratividade.

O valor de experiencialidade, que é o valor principal que distingue o *guo* de anterioridade (dita) experiencial do *le* de anterioridade simples, é descrito por Shi & Huang (2016: 125-127, sublinhado meu) nos seguintes termos:

The perfective marker 过 guo4 indicates the completion of an event or the end of a state. The final stage of the situation no longer obtains and this implies some experience before the reference time, namely, the situation has been experienced at least once. (...) the situation has come to an end and the outcome of that situation does not hold true at the reference time. The 过 guo4 perfective thus requires a “discontinuity” between the final stage of the situation and the state of affairs after the reference time.

¹⁸ Note-se que o pretérito perfeito composto do indicativo do PE induz, além do valor de anterioridade a presente, também um valor de possível sobreposição ao presente quando se combina com situações estativas, ou, alternativamente, um valor de iteração quando se combina com situações não estativas (cf. Peres 1993, entre muitos outros). O *le* de anterioridade simples não introduz nenhum desses dois valores; portanto, não possui as mesmas particularidades que o pretérito perfeito composto do PE.

Analisando esta descrição, concluo que o valor de “experencialidade” se associa a duas facetas: (i) uma situação específica (instância de um tipo geral de situações, e.g. fumar) ocorreu e terminou – pelo menos uma vez – antes de um dado PPT, como uma “experiência” – ou episódio – desse tipo de situações; (ii) o estado resultante¹⁹ da situação é irrelevante²⁰ no PPT, sendo, portanto, a situação apresentada de algum modo como mais dissociada da perspectiva temporal (do que quando se usa o *le*) (cf. e.o. Li & Thompson, 1989; Iljic, 1990; Ljungqvist, 2007; Linden, 2017).

A primeira faceta do valor de experencialidade associa-se ao valor (quantificacional) veiculado por expressões como *já uma vez* em PE ou *once* em inglês, designando que uma situação já aconteceu (pelo menos) uma vez antes de um PPT. Veja-se (27).

(27) Wo chou guo yan.

eu fumar GUO cigarro

Eu já uma vez fumei um cigarro / I have once smoked a cigarette.

(cf. frases interrogativas: *Já alguma vez fumaste um cigarro?*

Have you ever smoked a cigarette?)

A segunda faceta é mais complexa, e é mais fácil de detetar quando o *guo* se combina com descrições de situações com estados resultantes temporários (veja-se (28)). As duas expressões predicativas em (28) – *dieduan gebo* (partir o braço) – têm estados resultantes idênticos, mas pressuposições diferentes, consoante se combinem com *le* ou *guo*. Em (28a), com *guo*, induz-se uma inferência de que a entidade referida já recuperou antes do momento da enunciação (PPT), ou seja, de que o braço já não está partido (a situação descrita de partir o braço é apresentada como uma mera experiência,

¹⁹ Corresponde *grosso modo* ao termo “final state” em Shi & Huang (2016).

²⁰ Esta ideia de irrelevância aproxima-se da de descontinuidade (*discontinuity*) referida pelos autores. Não descrevei, porém, este requisito por “descontinuidade do estado resultante”, porque este termo não parece adequado para todos os casos. Podemos considerar que existem dois tipos de estados resultantes, os permanentes e os temporários. A descrição da propriedade de “descontinuidade” é adequada só nos casos de estados resultantes temporários como o estado resultante de *ir a Lisboa*, que é “estar em Lisboa”. Os permanentes, como o estado resultante de *ler o livro*, que é “o livro estar lido”, continuam para sempre e não têm término, mas coocorrem também naturalmente com o *guo*. Assim usarei o termo “irrelevância” para designar esta propriedade, como uma forma mais abrangente e adequada.

sem consequências diretas extensíveis até ao presente). Pelo contrário, em (28b), sem contexto adicional, será pressuposto que o braço ainda está partido no momento da enunciação (PPT), como resultado do ato de partir o braço descrito na frase.

- (28) a. Ta dieduan guo gebo.
ele partir GUO braço
Ele (uma vez) partiu o braço.
- b. Ta dieduan le gebo.
ele partir LE braço
Ele partiu o braço.

Shi & Huang (2016) também referem que *guo* coocorre sempre, a não ser em casos muito marcados, com situações iteráveis. Ou seja, *guo* bloqueia normalmente as situações que não se combinam com a expressão *you yi ci* (outra vez) enquanto *le* não tem essa restrição. Veja-se (29), com referência às situações, não iteráveis, de uma pessoa morrer ou de uma pessoa comer uma determinada maçã.

- (29) a. Ta si **le**.
*Ta si **guo**.
ele morrer LE/GUO
Ele morreu.
- b. Ta chi **le** na ge pingguo.
*Ta chi **guo** na ge pingguo.
Ele comer LE/GUO aquele CLA maçã
Ele comeu aquela maçã.

Note-se finalmente que o *guo* de anterioridade (dita experiencial) pode também coocorrer, excepcionalmente, com alguns estados básicos temporários expressos por sintagmas adjetivais ou verbais, como *nianqing* (*jovem*) (veja-se (30)), enquanto *le* não pode aparecer nesta circunstância. Nestes casos, o *guo* marca o “fim” de um estado, possivelmente indiciando a comutação de uma situação estativa numa situação télica. Ljungqvist (2007), entre muitos outros, chama atenção para este fenómeno; porém, a autora não discute qual a propriedade geral dos estados temporários que podem ocorrer

com o *guo* de anterioridade (dita experiencial) e sofrer esta comutação aspetual. Deixarei esta questão para estudos no futuro pela sua complexidade.

(30) a. Wo mingbai ni de ganshou. Wo ye nianqing guo.

eu compreender tu DE sentimento. Eu também jovem GUO

Eu compreendo os teus sentimentos. Eu também já fui jovem

(uma vez / em tempos).

b. Wo ai guo ta.

eu amar GUO ele

Eu já o amei (uma vez).

Em suma, comparado com os tempos verbais em PE, o *guo*, pelas suas particularidades associadas à irrelevância do estado resultante e à quantificação/iteratibilidade, não corresponde diretamente de forma simples a nenhum tempo verbal do PE. Considero que *guo* pode ser traduzido normalmente em português por uma flexão verbal de tempo de anterioridade mais a expressão *uma vez* ou forma quantificacional afim.

c. *zai* de sobreposição (ou *zai* progressivo)²¹

Entre os vários marcadores do valor de sobreposição, o verbo auxiliar *zai*, que também é considerado como o marcador de estados progressivos em CM, tem a particularidade de introduzir uma perspetiva dos “estágios internos das situações em progresso” num dado PPT e é colocado sempre numa posição pré-verbal (Shi & Huang, 2016). Veja-se (31), em que se verifica que a expressão *estar a* é a que mais fielmente traduz o sentido do marcador chinês.

(35) a. Ta **zai** he shui.

ele ZAI beber água

Ele está a beber água. (aplicação a descrição de processo)

²¹ O valor de “sobreposição” corresponde *grosso modo* ao “imperfective aspect” em C. N. Li & Thompson (1989) e Shi & Huang (2016). O auxiliar *zai*, pela sua relação estreita com os progressivos, é designado por “progressive *zai*” em Shi & Huang (2016) e “imperfective durative *zai*” em C. N. Li & Thompson (1989).

b. Ta **zai** du na ben shu.

ele ZAI ler aquele livro

Ele está a ler aquele livro. (aplicação a descrição de processo culminado)

Como ilustram (31a) e (31b), o *zai* de sobreposição foca-se nos “estágios internos temporais de uma situação em progresso” ou, dito de forma mais simples, apresenta uma situação como estando em curso. Pode coocorrer com descrições de processos e de processos culminados e normalmente rejeita estados e eventos pontuais, já que estes dois tipos de situação não possuem estágios internos temporais (cf. e. o. Linden, 2017), ou na terminologia que prefiro usar, processos preparatórios (cf. Moens 1987). Comporta-se, pois, de forma muito semelhante ao auxiliar aspetual *estar a* em português, que se combina também essencialmente com processos e processos culminados.

Note-se que *zai* pode, em alguns casos particulares, coocorrer com eventos pontuais como os descritos por *dapenti* (espirrar) ou *qiaomen* (bater à porta), entre muitos outros, no que se comporta também como *estar a*. Neste caso, estes eventos pontuais sofrem necessariamente *Aktionsart shift* por iteração, sendo na realidade vistos como processos. Veja-se (32).

(32) You ren **zai** dapenti.

haver pessoa ZAI espirrar

Alguém está a espirrar. [leitura: espirrar repetidamente]

Note-se, por último, que embora tenha valor semântico muito semelhante a *estar a* em PE, o marcador *zai* possui uma série de diferenças, de que destaco duas. Primeiro, o auxiliar português *estar a* pode coocorrer excepcionalmente com alguns estados – e.g. *estar a morar em Lisboa*; isso porém não acontece com *zai*, que rejeita qualquer combinação com predicções estativas (cf. uso do marcador *zhe* com predicções estativas, referido adiante). Segundo, *estar a* também se pode combinar com alguns eventos pontuais – e.g. *estar a morrer* –, induzindo a adição de uma fase preparatória a um evento pontual e criando um processo culminado, o que também não acontece com

zai. Em CM, para transmitir um valor paralelo a este último, é usado o adjunto *kuai/kuaiyao* (com significado semelhante a *em breve* em PE) em vez do *zai* e, portanto, não ocorre este tipo de *Aktionsart shift* associado a *zai*.

d. *zhe* de sobreposição

Outro marcador comum do valor de sobreposição é *zhe* (designado por *durative imperfective marker zhe* na literatura). Possuindo um valor semântico muito próximo ao de *zai* de sobreposição (ou *zai* progressivo), *zhe* – que ocupa uma posição pós-verbal – usa-se também para indicar que situações durativas se verificam no PPT. A maior diferença entre *zai* de sobreposição e *zhe* de sobreposição é que o segundo ocorre, normalmente, com descrições de situações estativas (Klein & Li & Hendriks, 2000), enquanto o primeiro, como já vimos, as rejeita. Ou seja, com *zai* temos processos preparatórios em curso no PPT e com *zhe* estados sobrepostos ao PPT. Nos termos de Linden (2017: 14): “*the main difference between the two is that zhe focuses on the continuous, durative, stable nature of a situation, while zai focuses on the progressiveness of the action or event*”. Esta diferença torna-se óbvia quando os dois marcadores ocorrem com uma expressão predicativa ambivalente, que admite tanto leitura estativa como leitura não estativa (e.g. *chuan* “vestir/estar vestido”). Veja-se (33).

(33) a. Ta zai chuan yi jian baise lianyiqun.

ela ZAI vestir um CLA branco vestido

Ela está a vestir um vestido branco.

b. Ta chuan zhe yi jian baise lianyiqun.

ela vestir ZHE um CLA branco vestido

Ela está vestida com um vestido branco.

Em suma, *zhe* possui um valor de temporal sobreposição e é compatível com descrições estativas. Porém, há que sublinhar que nem todas as descrições estativas (associadas a sobreposição) podem ser traduzidas para CM por sequências com *zhe*. Na realidade, este marcador tem um uso bastante limitado e é comparável apenas com flexões verbais de tempos de sobreposição do PE quando estas estão associadas a

descrições estativas construídas por *estar* e uma forma participial (e.g. *ele está deitado na cama*). Deixarei a razão desta limitação para estudos futuros, pela sua complexidade.

e. *hui* de posterioridade

Em CM, o valor de posterioridade é marcado tipicamente por verbos auxiliares modais como *hui*, entre vários outros²². O marcador *hui* é traduzido diretamente por *will*, do inglês, em C. N. Li & Thompson (mas é fácil encontrar casos em que este auxiliar deve ser traduzido por *would* e ilustrarei isso no capítulo 4), e é descrito como verbo modal com “valor de futuro relativo” por Lin (2006), o qual, na nossa terminologia, é equivalente ao valor de posterioridade.

The future modal verb hui ‘will/would’ has a relative future meaning rather than a deictic one (Lin, 2006: 18).

Em CM (que, recorde-se, não tem flexões verbais) coloca-se o *hui* na posição pré-verbal para introduzir um valor de posterioridade. Este marcador pode coocorrer naturalmente com um PPT presente ou passado. Veja-se (34), em que uso o verbo auxiliar temporal português *ir* como glosa de *hui*.

(34) a. Ta **hui** lai.

ele ir vir

Ele virá / Ele há-de vir. (PPT presente)

b. Zuotian ta shuo ta **hui** qu shanghai.

ontem ele dizer ele ir ir Xangai

Ontem, ele disse que iria a Xangai. (PPT passado)

Em (34a), a frase tem um PPT presente, que é o tempo da fala, e a situação identificada por *vir* ocorrerá depois desse tempo, isto é, no futuro. Em (34b), existe uma oração subordinada completiva, na qual a situação é localizada temporalmente com

²² Há outros verbos auxiliares como *jiang/jiangyao* (*dever*, no sentido de modalidade epistémica), *keneng* (*poder*, no sentido de modalidade epistémica), etc. No presente trabalho interessa-nos só *hui*, que é frequentemente considerado como estando associado a valores temporais na literatura. Sobre os outros verbos auxiliares modais em CM, veja-se C. N. Li & Thompson (1989) ou Shi & Huang (2016), por exemplo. Note-se ainda que nem todos os linguistas consideram *hui* como um marcador de valores temporo-aspetuais (ou *aspect marker*).

referência ao PPT passado determinado pela oração matriz (o tempo de *dizer*), descrevendo-se uma situação com valor de posterioridade a passado.

Note-se que é muito difícil fazer a distinção entre o valor de “sobreposição a futuro” e o de “posterioridade a presente” em CM, sendo os dois valores transportados por formas idênticas. Por facilidade, não discutirei aqui os casos de sobreposição a futuro separadamente. Além disso, em CM é também difícil encontrar estruturas que veiculem o valor de “posterioridade a passado”, a não ser em orações subordinadas como em (34b). Também não explorarei este aspeto.

Apesar das especificidades de *hui*, não parece haver dúvidas sobre o seu valor de posterioridade. Dado este valor, *hui* comporta-se de forma muito semelhante ao verbo auxiliar temporal *ir* na estrutura [*ir* + infinitivo] em PE (que pode também assumir função semelhante a condicional presente – posterioridade a passado – e a futuro imperfeito do indicativo – posterioridade a presente (ou sobreposição a futuro) – nesta língua; cf. Móia, 2017).

Termino a presente secção com um quadro-síntese dos cinco marcadores de valor temporo-aspetuais do CM descritos e das suas propriedades linguísticas distintivas (em comparação com estruturas do PE, essencialmente de flexão verbal ou *tense*).

CM	<i>Le</i> de anterioridade (simples)	<i>Guo</i> de anterioridade (dita experiencial)	<i>Zai</i> de sobreposição (ou <i>zai</i> progressivo)	<i>Zhe</i> de sobreposição	<i>Hui</i> de posterioridade
PE	tempos de anterioridade (pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro perfeito); sem os valores particulares do pretérito perfeito composto do indicativo	tempos de anterioridade tipicamente em combinação com quantificadores existenciais sobre situações ([<i>já uma vez</i> e afins)	verbo auxiliar aspetual <i>estar a</i> (flexionado em tempos de sobreposição) em combinação com descrições de processos e culminados	tempos de sobreposição em descrições de certas situações estativas (nomeadamente as construídas por <i>estar</i> e uma forma participial)	verbo auxiliar temporal <i>ir</i> (formas ditas perifrásticas), ou tempos de posterioridade (futuro imperfeito do indicativo, condicional presente) (formas ditas sintéticas)

Quadro 3. MVTA em CM e estruturas comparáveis em PE

2.2.3 Adjuntos temporais em CM – breves notas

Os adjuntos temporais em CM são muito semelhantes aos do PE tanto ao nível de forma como ao nível de valor semântico, pelo que farei aqui uma apresentação muito abreviada. Quanto à forma, podem ser representados por: advérbios temporais, como *mashang* (*imediatamente*); expressões adverbiais ou adnominais complexas que contêm nomes de valor temporal, como *liang tian qian* (*há dois dias atrás / dois dias antes*); orações subordinadas como *ta zou zhihou* (*depois de ele sair*). Ao nível do valor semântico, os adjuntos temporais em CM também podem veicular diferentes valores temporais específicos, como localização temporal, duração ou frequência e valores afins, entre muitos outros, não havendo – como é natural – diferenças cruciais entre português e chinês a este respeito. Veja-se (35).

(35) a. Liang nian qian ta zai lisiben.

dois anos antes ele em Lisboa

Há dois anos atrás, ele estava em Lisboa. (localização temporal)

b. Ta pao le liang ge xiaoshi.

ele correr LE dois CLA hora

Ele correu *durante duas horas*. (duração)

c. Ta mei zhou qu dianyingyuan san ci.

ele cada semana ir cinema três vez

Ele vai ao cinema *três vezes por semana*. (frequência)

Importa destacar que existe uma diferença fundamental entre os adjuntos temporais em CM e em PE. Em PE, os adjuntos temporais podem ser estudados de forma razoavelmente separada dos tempos verbais, tanto em termos de sintaxe como de semântica. Em CM, porém, dada a falta de flexões verbais, em algumas frases sem MVTA (que nem sempre ocorrem), os adjuntos podem, só por si, mudar significativamente a interpretação temporal das frases (cf. C. N. Li & Thompson, 1989; Shi & Huang, 2016). Este papel dos adjuntos é facilmente detetável na sua tradução para frases (com flexão verbal) em PE. Veja-se (36) e (37).

- (36) a. Wo zai lisiben.
 eu em Lisboa
 Eu **estou** em Lisboa.
- b. Liang tian qian wo zai lisiben.
 dois dias antes eu em Lisboa
 Há dois dias atrás, eu **estava** em Lisboa.
- (37) a. Wo chouyan.
 eu fumar
 Eu **fumo**. (leitura habitual presente: *eu sou fumador*)
- b. Wo mashang chouyan.
 eu imediatamente fumar
 Eu **vou fumar** (agora). (leitura episódica futura)

Os exemplos (36) e (37) mostram que a presença ou ausência de adjuntos temporais pode gerar alterações significativas na interpretação temporal das frases e que, portanto, é uma simplificação pouco rigorosa dizer que os MTVA são a contrapartida única da flexão verbal existente em línguas como o português. Em (36b), por exemplo, com a presença do adjunto *liang tian qian* (*há dois dias atrás*), estamos a localizar a situação de o enunciador estar em Lisboa no passado em vez de no presente, sendo a tradução feita com pretérito imperfeito em vez de com presente: *eu estava em Lisboa ontem*. Em (37), com uma alteração do adjunto, a situação descrita passa de um estado habitual no presente para um processo no futuro (imediato), traduzível de forma natural por um futuro perifrástico.

2.2.4 *Aktionsart* em CM – breves notas

Tal como em inglês e PE, o conceito de *Aktionsart* e a categorização vendleriana são adotados na análise gramatical do CM por vários autores (cf. e.g. Lin, 2003; Xiao & McEnery, 2004). Não surpreendentemente, as situações em CM também se podem dividir em estados, processos, processos culminados e eventos pontuais (veja-se (38)) e podem sofrer os mesmos tipos de *Aktionsart shift* (embora nem sempre em casos

“paralelos” aos do PE) (cf. e. o. Zhou, Crain & Thornton, 2014b).

(38)a. Ta zai lisiben.

ele em Lisboa

Ele *está em Lisboa*. (estado)

b. Ta paobu le.

ele correr LE

Ele *correu*. (processo)

c. Ta chi le yi ge pingguo.

ele comer LE um CLA maçã

Ele *comeu uma maçã*. (processo culminado)

d. Ta wancheng le na pian lunwen.

ele acabar LE aquele CLA tese

Ele *acabou a tese*. (evento pontual)

Porém, isto não quer dizer que não existam diferenças entre a classificação aspetual das expressões que descrevem as mesmas situações em CM e em PE (e que são por vezes usadas como equivalentes em e.g. situações de tradução). Como duas línguas bem diferentes, em alguns casos são representados os mesmos valores semânticos por expressões com valores de *Aktionsart* diferentes. Por exemplo, em CM para traduzir *ele está doente* (frase com predicação estativa), será produzida naturalmente a frase *ta bing le*, a qual corresponde a *ele ficou doente* (frase com predicação não estativa). Outro exemplo é que a descrição (estativa progressiva) *estar a morrer* (representando a fase preparatória de um processo culminado derivado do evento pontual *morrer* por *Aktionsart shift*), como já foi referido, pode naturalmente ser traduzida em CM por *kuai si le*, com a tradução mais literal “morrer em breve”, em que não opera qualquer processo de *Aktionsart shift*.

Neste trabalho, para evitar possíveis confusões, tentarei não usar formas com valores de *Aktionsart* distintos nas duas línguas (em pares com frases chinesas e suas correspondentes portuguesas).

3. Negação – aspetos gerais de negação em PE e CM

com foco na negação oracional

Como domínio de significação fundamental, a negação tem a sua presença em todas as línguas e é um subsistema peculiar da linguagem humana, como referem Horn & Wansing (2015): “*Negation is a sine qua non of every human language, yet is absent from otherwise complex systems of animal communication*”. Além de existir universalmente nas línguas naturais, a negação também possui uma complexidade particular: comparadas com as correspondentes afirmativas, as estruturas negativas são geralmente morfossintaticamente mais marcadas e psicologicamente mais difíceis para processar (Horn & Wansing, 2015). Estas duas propriedades levam a que a negação, em geral ou numa língua determinada, seja o foco de numerosíssimos estudos, como e.o. Klima (1964), Ladusaw (1980), Horn (1989), Hoeksema *et al.* (1996), Horn & Kato (2000), ou – com foco no português – Martins (1997, 2010, 2013, 2016), Matos (1999) e Peres (1997, 2000, 2013).

O PE e o CM, as duas línguas – com sistemas gramaticais bem diferentes – que estudarei no presente trabalho, partilham algumas propriedades comuns na questão da negação, e, ao mesmo tempo, possuem diferenças interessantes para os linguistas. Nesta investigação, analisarei essencialmente a negação oracional (simples comum) em PE e CM com foco nos aspetos semânticos e o presente capítulo destina-se a estabelecer as bases para essa análise.

Neste capítulo, serão, em primeiro lugar, discutidas três questões fundamentais no âmbito de negação em geral em PE e CM, nomeadamente (i) o conceito de negação, (ii) a expressão da negação oracional em PE e CM e (iii) a concordância negativa em PE e a sua ausência em CM. No final, será feita uma brevíssima comparação entre a negação em geral em PE e em CM, deixando as questões mais particulares e complexas da negação oracional nas duas línguas para os capítulos seguintes, nomeadamente a possível equivalência entre *não* em PE e *bu* ou *mei* em CM como operador negativo oracional.

Note-se que a negação também se associa a outras questões linguísticas importantes – com dimensão predominantemente sintática ou predominantemente semântica ou, às vezes, sintático-semântica –, como a ordem de palavras nas orações, a sensibilidade à polaridade negativa, ambiguidades de escopo, etc., que não discutirei neste trabalho dados os seus limites de extensão.

Neste capítulo – principalmente na secção 3.2 – seguirei de muito perto, quanto à negação em PE, o capítulo de negação da *Gramática do Português* – (Peres 2013) –, sobretudo em termos terminológicos e taxonómicos (que não são totalmente consensuais na literatura), tendo textos de outros autores como referências complementares.

3.1 Conceito da negação – contradição e exclusão (de conjuntos)

Na lógica clássica (nomeadamente no Cálculo Proposicional), a negação é tratada como um operador unário aplicável (recursivamente) a proposições, representado normalmente pelo símbolo \neg , e que atua sobre o valor de verdade dessas proposições. Mais exatamente, para cada proposição p , $\neg p$ é verdadeiro se e só se p é falso. Este conceito – que corresponde à noção de contradição – é muito usado para tratar a negação oracional das línguas naturais, que discutirei mais adiante, e indica que a negação pode ter escopo sobre toda a proposição, ou seja, a proposição *a Ana não é portuguesa* será analisada como $\neg (a Ana \text{ é portuguesa})$ (“não é verdade que a Ana seja portuguesa”) segundo esta lógica.

Além da lógica clássica, o conceito da negação também tem sido tratado com recurso à Teoria dos Conjuntos, na tradição dos trabalhos pioneiros de Richard Montague. Neste enquadramento, dizer que uma entidade possui uma determinada propriedade equivale a dizer que esta entidade pertence ao conjunto de entidades com a dita propriedade, e, pelo contrário, dizer que uma entidade não possui uma determinada propriedade significa que ela não pertence ao conjunto de entidades com esta propriedade. Os dois casos diferentes associam-se respetivamente aos processos de

inclusão e exclusão, como bem nota Peres (2013: 461-462), os quais se correlacionam com valores semânticos de afirmação e de negação. Veja-se (39).

(39)a. Ele é cientista.

b. Ele não é cientista.

(39a) é uma frase afirmativa e afirma que existe um conjunto de entidades que têm a propriedade de ser cientistas e que a entidade referida pelo pronome *ele* pertence a esse conjunto. (39b), pelo contrário, é uma frase negativa e indica que a entidade representada não pertence a esse grupo.

3.2 Negação oracional em PE e CM

3.2.1 Subtipos da negação em PE (segundo Peres 2013) e em CM

O valor negativo é um valor geralmente marcado nas línguas naturais, como já foi dito, e pode ser veiculado por estruturas de praticamente todos os níveis gramaticais, desde morfemas (e.g. prefixos *in-* ou *a-*) a frases (e.g. *não é [verdade] que X*). Segundo o autor que estou a considerar – Peres (2013) –, em PE, existem quatro grandes tipos de negação, consoante o nível da estrutura que veicula o valor negativo, incluindo negação morfológica, negação lexical, negação morfossintática e negação sintática (sendo esta última a única que irei estudar). Todos eles, refira-se desde já, existem também em CM. Nesta pequena subsecção, vou apresentar, de forma brevíssima, estruturas de diferentes tipos de negação nas duas línguas.

Subtipos de negação em PE

Em PE, a negação morfológica associa-se a morfemas negativos como *des-* e *in-* que ocorrem numa palavra, e pode ser identificada em nomes como *desconforto*, *infelicidade*, adjetivos como *incapaz*, advérbios como *infelizmente* e verbos como *desconhecer*.

O grupo da negação lexical consiste em elementos lexicais que exprimem conceitos complementares – e opostos – dentro de um grupo, como o par de antónimos

aceitar/rejeitar, sem presença de morfemas negativos. Dentro do léxico, interessa ainda destacar um subgrupo de verbos, ditos “verbos de caráter negativo” (Peres 2013: 480), como *negar*, *evitar* ou *impedir*²³, que interagem, por exemplo, com a expressão da negação expletiva (redundante).

Existe ainda outro tipo de negação que se associa a estruturas com partículas *não* ou *sem* aplicadas diretamente a uma unidade lexical, formando uma nova unidade lexical da mesma ou de outra classe sintática. Este grupo pode ser analisado em parte ao nível lexical e em parte ao nível sintático, e é, por isso, classificado pelo autor que estou a seguir como “negação morfossintática”. Quanto aos casos (mais comuns) sem mudança de classe sintática, temos pelo menos exemplos nominais, adjetivais, adverbiais e preposicionais, como *sem-fim*, *não urgente*, *não oficialmente* e *não por necessidade*. No que diz respeito aos casos com mudança de classe sintática, temos exemplos como *sem graça*, que tem na base uma estrutura nominal (*graça*) mas é globalmente um sintagma preposicional (de valor adverbial).

Finalmente, a negação sintática – que é a única que vou tratar nesta dissertação – é realizada em construções negativas com elementos morfossintaticamente autónomos. Nos casos de negação sintática, está presente sempre um operador negativo, podendo ser *não*, *nem* ou *sem*, ou uma das expressões que incorporam valores negativos, como *ninguém*, *nada*, *nunca* ou *nenhum*. Veja-se (40). Esta forma de negação possui uma grande diversidade tanto ao nível sintático como ao nível semântico e vou tratar este assunto com mais detalhes em 3.2.2.

- (40)a. Ele não é português.
b. Ele não vai conseguir resolver este problema. Nem sabe o que aconteceu!
c. Foi ao exame sem se preparar.
d. Ninguém chegou atrasado.

²³ Aloni & Dekker (2016: 472) descrevem este grupo referindo que “certain verbs contribute an inherently negative meaning”, dando como exemplos verbos do inglês como *deny*, *refuse*, etc.

Subtipos de negação em CM

Tal como o PE, o CM também possui operadores negativos que podem operar sobre elementos de diferentes níveis gramaticais. Os três operadores mais típicos e comuns são *bu*, *mei* e *bie*. Destes três, *bu* e *mei* ocorrem com elementos de quase todos os níveis, enquanto *bie* aparece normalmente como operador de negação oracional com verbos no imperativo (Shi & Huang, 2016). Veja-se (41), que ilustra casos de diferentes tipos de negação – oracional, nos três primeiros casos, e de tipo morfológico ou morfossintático, no último caso.

(41) a. Ta bu piaoliang.

ela não bonito

Ela não é bonita. (negação oracional com *bu*; predicação de base: estativa)

b. Wo zuotian mei qu xuexiao.

eu ontem não ir escola

Eu não fui à escola ontem. (negação oracional com *mei*; predicação de base: eventiva)

c. Ni bie qu lisiben!

tu não ir Lisboa

Não vás a Lisboa! (negação oracional em frase imperativa)

d. [bu dong] chan

não mover propriedade

propriedade imobiliária (negação morfológica ou morfossintática²⁴)

Porém, apesar de poder ser classificada de forma semelhante ao PE (pelo menos no nível macro), a negação do CM possui diferenças em alguns aspetos, muito destacadamente (i) na existência de dois operadores básicos de negação oracional simples, correspondentes ao português *não* – *bu* e *mei* –, cuja distribuição é o tópico central deste trabalho e será tratada extensivamente no próximo capítulo, e

²⁴ Esta classe é designada por “sub-lexical negation” em Shi & Huang (2016), com a seguinte descrição: “Negation can also be expressed without a lexical negator in negative construction, but with a negative morpheme in the word formation process”. Parece pois uma negação afim da que Peres (2013) classifica como negação morfológica, ou da que classifica como morfossintática.

(ii) nalgumas estruturas particulares em PE, que nem sempre têm uma contrapartida paralela em CM, por exemplo, as estruturas de concordância negativa.

3.2.2 Negação oracional em PE e CM

A negação oracional, como a que ocorre em *ele não foi ao cinema ontem* é um dos dois grandes subtipos da negação sintática, sendo o outro a negação de constituintes, como em *não mais de cem pessoas estavam na sala*²⁵. Estes dois grupos possuem diferentes propriedades sintáticas e semânticas e podem ainda ser divididos em subtipos. Na presente secção, apresentarei a negação oracional nas duas línguas em causa com exemplos ilustrativos, deixando a negação de constituintes, que se associa de forma especial à concordância negativa em PE, para a próxima subsecção.

Negação oracional em PE

Negação oracional	Negação oracional simples	Negação oracional comum	
		Negação oracional discursiva	Negação retórica
			Negação metalinguística
	Negação oracional de subordinação		
	Negação oracional de coordenação		

Quadro 4. Subtipos da negação oracional segundo Peres (2013)

A negação oracional em PE pode ser dividida em vários subtipos pela sua estrutura sintática e pelo seu valor semântico. Ao nível sintático, nomeadamente atendendo a restrições ao nível de encaixe da frase negativa, a negação oracional pode ser classificada em três grupos, nomeadamente negação oracional simples (sem restrições quanto ao nível de encaixe da oração negativa), negação oracional de subordinação e negação oracional de coordenação.

²⁵ Em alguns casos, nomeadamente quando o operador de negação ocorre em posição pós-sujeito (como acontece tipicamente em português com *não* – cf. e.g. *ele não gosta de ler livros*), é discutível se – sintaticamente – estamos perante genuína negação de frase (ou oracional) ou mera negação de sintagma verbal. Classificarei estes casos como negação oracional no presente trabalho – o que, como já se disse, faz mais sentido do ponto de vista da análise semântica – e ignorarei os pormenores técnicos da distinção referida.

Numa estrutura de negação oracional simples, que é a única em que me vou concentrar neste trabalho, o operador negativo (*não* ou *nem*) precede – (por norma) imediatamente – o verbo de uma oração (matriz ou encaixada) com verbo em forma finita (veja-se (42a)) ou no infinitivo (veja-se (42b)).

(42)a. Ele não gosta deste livro.

b. Ele conseguiu não gastar muito dinheiro no arranjo do carro.

Note-se, marginalmente, que na negação oracional simples, o operador *não* pode veicular valor enfático (ou não) mediante a entoação, enquanto o *nem* introduz sempre um valor discursivo de **ênfase da negação**, implicando que a situação descrita é, por exemplo, contrária à expectativa do locutor, marcando tipicamente a sua surpresa (veja-se (43b)).

(43)a. Não disse adeus quando saiu.

b. Nem disse adeus quando saiu.

Na negação oracional de subordinação, a partícula *sem* precede imediatamente uma oração subordinada (com verbo em forma finita ou no infinitivo) (veja-se (44)), enquanto na negação oracional de coordenação, são coordenadas duas orações de valor negativo com as expressões *não...nem...* ou *nem...nem...*, colocados os operadores em posições diferentes conforme as suas propriedades sintáticas (veja-se (45)).

(44) a. Foi ao exame sem se preparar.

b. Foi ao exame sem que se tivesse preparado.

(45)a. O preço deste produto não é o mais baixo nem a sua qualidade é a melhor.

b. Nem o preço deste produto é o mais baixo nem a sua qualidade é a melhor.

Peres (2013) opta ainda por incluir, como subtipos, duas construções especiais na negação oracional simples, sob a designação genérica de “negação (oracional simples) discursiva”. Estas duas construções, nomeadamente a negação (que o autor apelida de) retórica e a negação metalinguística, merecem (e têm recebido) um tratamento especial à parte.

A negação retórica parece restringir-se a frases interrogativas. Neste grupo, o operador negativo é facultativo e a sua presença não influencia a informação da frase. Neste caso, tanto o carácter interrogativo como o operador negativo têm valor meramente discursivo, induzindo um valor de cortesia ou afim (veja-se (46)).

(46)a. Não me trazes esse livro que está aí em cima da mesa?

(equivale a: *trazes-me esse livro que está aí em cima da mesa?*)

b. Não me dás uma ajuda? (equivale a: *dás-me uma ajuda?*)

A negação metalinguística associa-se a casos em que “um falante contrapõe a uma dada proposição uma outra que não contradiz necessariamente a primeira” (*op. cit.*: 465), usando operador negativo não propriamente para contradizer, mas para adicionar informação ou fundamentar a verdade de uma afirmação anterior. Veja-se (47). A negação metalinguística é uma subclasse razoavelmente bem estudada em PE (cf. e.g. Martins 2010), e noutras línguas, e não vou desenvolver este tópico no presente trabalho.

(47) – Gostas de chocolate?

– Não gosto, adoro!

Negação oracional em CM

A classificação proposta por Peres (2013) também serve muito razoavelmente para classificar os subtipos de negação oracional em CM. Nesta língua, há também estruturas paralelas às de negação oracional de subordinação, negação oracional de coordenação e negação oracional simples (sem restrições quanto ao nível de encaixe da frase negativa), que é o único subtipo que considerarei e ilustrarei neste trabalho²⁶.

²⁶ Em CM, ainda existem algumas estruturas particulares como *resultative word compounds (RWC)* que podem interagir com a negação oracional. Veja-se os exemplos abaixo (com estrutura mono-oracional em chinês, mas bi-oracional na tradução portuguesa).

(a) Wo zhao de dao shu.

eu procurar conseguir DAO (marcador de realização) livro
Consigo encontrar o livro.

(b) Wo zhao bu dao shu.

eu procurar não DAO (marcador de realização) livro
Não consigo encontrar o livro.

No presente trabalho, não incluo estas estruturas na minha discussão, pela sua complexidade. Para mais detalhes, veja-se C. N. Li & Thompson (1989).

Diferentemente de PE, o CM dispõe de uma grande variedade de operadores negativos oracionais, como por exemplo: *bu* e *mei* (que são os dois mais comuns e importantes, e que serão tratados com detalhe no próximo capítulo); *bie*, *beng*, *mo* (que se usam tipicamente em orações imperativas e que não discutirei); *wuyong*, *wuxu* (que nega a necessidade de fazer algo, interagindo portanto com valores modais), entre muitos outros (Xiao & McEnery, 2008).

Note-se que em CM, os operadores negativos ocupam, normalmente, uma posição entre o sujeito e o predicado (veja-se (48)), como acontece tipicamente com o operador negativo oracional *não* do português. Esta propriedade já foi estudada e apresentada por vários autores, entre muitos outros, C. N. Li & Thompson (1989: 417): “*in general, negative particles follow the subject and precede the verb phrase*”. Neste trabalho, escolho, aliás, estudar apenas a negação oracional em frases declarativas simples em CM nesta posição prototípica (i.e. entre o sujeito e o predicado), deixando os outros casos (com outras posições sintáticas, ou com particularidades no escopo da negação, etc.) para estudos futuros.

- (48) Ta bu chouyan.
ele não fumar
Ele não fuma.

Curiosamente, apesar de ser uma língua bem diferente do PE, o CM também possui estruturas paralelas às de negação discursiva do PE, nomeadamente a negação (dita) retórica e a negação metalinguística (*sensu* Peres 2013). Veja-se (49), que ilustra, respetivamente, cada um destes dois subtipos de negação oracional em CM.

- (49)a. Ni bu bang wo ma?
Tu não ajudar me MA²⁷
Não me ajudas?
- b. – Ni xihuan tianshi ma? – Bu shi xihuan, shi ai si le.
tu gostar doce MA? não ser gostar, ser amar morrer LE
– Gostas dos doces? – Não gosto, adoro!

²⁷ *Ma* é uma das partículas finais típicas das interrogativas em CM.

Note-se ainda que, como é salientado na literatura, alguns MTVA discutidos no capítulo anterior possuem uma forma negativa, que é fixa: por exemplo, a forma negativa de *le é mei(you)* (sozinho, isto é, sem se combinar com *le*), a forma negativa de *guo é mei(you) guo* e a forma negativa de *hui é bu hui* (enquanto que o marcador *zai* não tem forma negativa fixa) (cf. e.o. C. N. Li & Thompson, 1989; Chen, 2007; 2017). Este mero facto já indicia claramente que a distribuição de *bu* e *mei* se possa associar aos valores temporos-aspetuais (indicando, por exemplo, que valores temporos-aspetuais semelhantes – e.g. os de anterioridade que podem ser representados por *le* ou *guo* – selecionam geralmente o mesmo operador negativo (*mei*)).

***Excursus: concordância negativa*²⁸ em PE (e sua inexistência em CM)**

Dado que o foco do meu trabalho é a negação oracional – em PE e CM – e que muitas frases com concordância negativa envolvem explicitamente negação oracional como elemento legitimador (e.g. *não entrou ninguém*), parece interessante discutir este mecanismo aqui, como um *excursus*. Além disso, como em PE existe concordância negativa e em CM não, este fenómeno também merece discussão neste trabalho, que é comparativo.

A concordância negativa, em inglês *negative concord*, é um fenómeno estudado frequentemente junto com outras estruturas que envolvem mais de um elemento negativo, designados, como um grande tipo de construções, por negação múltipla (*multiple negation*) por autores como Van der Wouden (1994a) ou Zeijlstra (2004). Van der Wouden (1994a) divide a negação múltipla em quatro tipos, nomeadamente *denial*, *paratactic negation*, *negative concord* e *emphatic negation*. Em Zeijlstra (2004), propõe-se que esta classificação seja reorganizada e que se divida a negação múltipla em dois grandes tipos distintos pela aplicação ou não da *Law of Double Negation* (dois elementos negativos cancelam-se e resultam em valor positivo, ou não). Aqui, não

²⁸ Note-se que o uso do termo *concordância negativa*, o qual tem o seu equivalente em *negative concord* em inglês, não é usado (ou usado com exatamente o mesmo sentido) por todos os autores. Cf. e.g. termos como *negative spread*, *negative doubling*, etc. (e.g. Van der Wouden, 1997).

interessam todas as diferentes construções de “negação múltipla”, mas apenas as estruturas de concordância negativa, em que dois ou mais elementos negativos se associam a uma só negação semântica, como em PE (e outras línguas românicas, como espanhol ou italiano). Mas farei uma ligação às construções de dupla negação (*denial*), em que dois elementos negativos se cancelam, que existe em CM, já que poderá haver confusão entre elas, principalmente em tradução PE-CM / CM-PE ou em aquisição de PLE.

Schwenter (2016: 433) afirma que “*like its Romance sisters Spanish and Italian, Portuguese is a negative concord language that requires that polarity-sensitive words in a sentence agree with each other, specifically, a negative indefinite (like nada, nunca, ninguém) in postverbal position requires that there be another negative in preverbal position to license the postverbal indefinite*”. Segundo Peres (2013), a ocorrência da concordância negativa em PE verifica-se tipicamente quando ocorre um constituinte de forma negativa mas com valor semântico positivo (existencial) – *ninguém* nos exemplos abaixo –, colocado em posição pós-verbal, sob o escopo de negação oracional ou de outro constituinte negativo legitimador do processo de concordância negativa (e.g. negações existenciais) em posição pré-verbal – *não* e *nunca* nos exemplos abaixo.

(50)a. Não entrou ninguém nesta sala.

b. Nunca entrou ninguém nesta sala.

No que diz respeito à análise semântica da concordância negativa, importa destacar que o elemento de forma negativa em posição pós-verbal (*ninguém* em (50)) tem verdadeiramente valor positivo (e não equivale a “zero pessoas”). Esta discrepância entre o seu valor e a sua forma indica que existe algum elemento que legitima o seu comportamento, o qual, neste caso, é um operador negativo adequado em posição pré-verbal (*não* ou *nunca* nos dois exemplos acima, respetivamente). O que representa realmente a estrutura de concordância negativa é que o valor positivo (existencial) deste elemento em posição pós-verbal é associado a uma forma (morfossintaticamente) negativa (*ninguém*, nestes casos), dada a sua dependência do operador negativo

pré-verbal.

Uma das grandes diferenças entre o PE e o CM no âmbito da negação é que em CM não há concordância negativa. Porém, isto não quer dizer que não possam aparecer dois elementos negativos numa frase em CM. De facto, em CM existe “negação múltipla” no sentido de Van der Wouden (1994a), que foi comparada com a concordância negativa em vários estudos, como já foi referido, pelo que se justifica deixar aqui algumas palavras sobre este assunto. Segundo Zhou, Crain & Thornton (2014a: 337), “*Mandarin Chinese is a typical double negative language. There are two primary negation markers in Mandarin Chinese: bu and mei(you) (both are translated as English not). The two negation markers can be combined iteratively to form a double negative structure.*”

Em CM, existem casos em que duas negações se cancelam e resultam numa leitura de valor positivo na interpretação global da frase, por exemplo: (i) quando aparecem dois elementos negativos – um a preceder um verbo auxiliar do tipo de *poder* e outro a preceder um verbo principal – cf. (51) abaixo; ou (ii) quando aparece um SN de valor negativo na posição de sujeito (e.g. *meiren* (ninguém)) seguido de um operador negativo pré-verbal (e.g. *bu + V*) – cf. (52) abaixo.

(51) Ta bu neng bu qu shangxue.

ele não poder não ir ir-para-a-escola

Ele não pode {não ir / faltar} à escola. = Ele tem de ir para a escola.

(52) Meiren bu xihuan ni.

ninguém não gostar tu

Não há ninguém que não goste de ti. = Toda a gente gosta de ti.

Vejamos agora a correspondência entre frases com concordância negativa em PE e frases equivalentes do CM.

(53) Não vi {ninguém / nenhuma pessoa / pessoa alguma}.

Wo mei kanjian renhe ren.

eu não ver qualquer pessoa (glosa)

(cf. inglês: *I didn't see any person.*)

A frase (53) mostra que estruturas com concordância negativa em PE serão traduzidas por estruturas com um elemento negativo (oracional) só em CM – *mei*, neste caso –, e que o elemento negativo português na posição pós-verbal (neste caso, *ninguém/nenhuma pessoa/pessoa alguma*) será traduzido para uma expressão positiva que possui um quantificador e uma estrutura nominal, tendo o quantificador um significado muito próximo a *qualquer* em PE (ou *any* em inglês). Crucialmente, *renhe ren* sozinho (i.e. sem um operador negativo) não pode tornar uma frase chinesa negativa.

Note-se que a tradução destas expressões portuguesas que podem ocorrer em concordância negativa (*ninguém*, etc.) varia consoante os casos. Quando estão em concordância negativa, como em (53), serão traduzidas por expressões sem qualquer valor negativo em CM (como *renhe ren*); quando, pelo contrário, veiculam valor genuinamente negativo (e.g. *ninguém entrou*), serão traduzidas também por expressões com valor negativo em CM (*mei ren*).

4. Operadores de negação oracional – *bu* e *mei* –

e o *puzzle* da sua distribuição: uma revisão crítica da literatura

Um dos fenómenos que inspiram o presente trabalho é que a tradução do advérbio *não* em CM varia consoante os contextos. Por exemplo, o advérbio *não* em afirmações prospetivas como *ele não fumará nunca* (genérico) ou *ele não vai fumar* (episódico) é traduzido por *bu*, enquanto o advérbio *não* em afirmações retrospectivas como *ele não fumou* (episódico) é traduzido por *mei*. Isto quer dizer que, pelo menos em alguns casos, quando o PE muda de flexão verbal temporal (futuro imperfeito sintético ou futuro perifrástico vs. pretérito perfeito, nos exemplos acima), o CM muda de operador negativo, mais especificamente, faz uma seleção entre *bu* e *mei*. Nos próximos dois capítulos, discutirei os fatores que influenciam a seleção entre *bu* e *mei* como operador de negação oracional em frases declarativas simples em CM, revisitando os estudos

anteriores sobre esta questão e tentando identificar de forma precisa os fatores gramaticais que determinam esta seleção. Em certo sentido, este é um trabalho de linguística comparada: o PE será utilizado como uma língua de referência quando discutir os valores temporais em CM e – numa perspectiva mais aplicada – a formulação dos mecanismos da seleção servirá também para a tradução de *não* de PE para CM.

A minha análise daqui para a frente consiste em três partes. No presente capítulo, farei uma revisão da literatura, apresentando e discutindo os estudos anteriores sobre a distribuição dos operadores negativos chineses *bu* e *mei* (como operadores de negação oracional, em frases declarativas simples, numa posição entre o sujeito e o predicado). A seguir, no capítulo 5, tentarei identificar os valores – essencialmente temporo-aspetuais – que influenciam a distribuição de *bu* e *mei*, e explicitar um mecanismo que descreve sistematicamente esta distribuição. No final, como um *excursus*, farei um minitrabalho de análise de uma tradução (já publicada), para avaliar a validade das minhas propostas na tarefa de traduzir o advérbio *não* de PE para CM.

4.1 Revisão de estudos anteriores

Na literatura, *bu* e *mei* são geralmente referidos como os dois operadores de negação mais comuns em CM. Estes operadores possuem diferenças no seu comportamento linguístico e têm sido tema de numerosos estudos (cf. e.o. Li & Thompson, 1989; Lin, 2003; Xiao & McEnery, 2008). Como dizem Xiao & McEnery (2008: 8): “*Mei and bu are the most frequent and most important negators because they generally reflect the features of the grammatical category of negation in Chinese*”. Os linguistas associam diferentes tipos de valores à seleção entre *bu* e *mei*, como valores de localização relativa temporal (cf. e.o. Lv, 1983; T. Li, 2003), de *Aktionsart* (cf. e. o. Hsieh, 2001; Lin, 2003), ou de subjetividade/objetividade (cf. e. o. Y. Li, 1992; Bai, 2000). Xiao & McEnery (2008: 63) resumem as propostas já existentes sobre fatores que podem influenciar a seleção entre os dois operadores no quadro abaixo.

Table 2 Proposals of major distinctions between *bu* and *mei*

Criteria	<i>Bu</i>	<i>Mei</i>
Subjective vs. objective	Subjective	Objective
Reference time	Past, present, future	Past and present
Stative vs. dynamic	Stative	Dynamic
Completion vs. non-completion	Non-completion	Completion
Telic vs. atelic	Atelic	Telic
Bounded vs. unbounded	Unbounded	Bounded
Realis vs. irrealis	Irrealis	Realis

Dos fatores referidos, destacarei três (em secções autónomas deste capítulo): subjetividade/objetividade, diferenças de *Aktionsart* e diferenças de localização temporal relativamente a um ponto de perspetiva, que são os fatores discutidos em mais estudos e com mais profundidade. Considero que os dois últimos (mais do que o primeiro) são sem dúvida os mais importantes para a compreensão da questão gramatical em causa.

4.2 Seleção por valor de subjetividade/objetividade

Alguns autores consideram que a seleção entre *bu* e *mei* se associa estreitamente ao traço semântico [\pm SUBJETIVO] do predicado da frase. Em relação a este aspeto, discutirei principalmente três estudos, Lv (1983), Y. Li (1992) e Bai (2000).

Lv (1983) é um dos estudos clássicos que relacionam a distribuição de *bu* e *mei* com os valores de subjetividade e objetividade. O autor defende que *mei* se usa para negar factos objetivos no passado ou no presente, mas não no futuro, enquanto *bu* se associa a volições (sendo a volição um valor subjetivo, num certo sentido) no passado, presente e futuro. Ou seja, propõe que tanto o valor de subjetividade/objetividade como, em associação a este, o valor temporal influenciam a seleção do operador negativo. A sua proposta sobre a relação entre o valor de objetividade com *mei* e entre o valor de

subjetividade com *bu* é tomada como referência de muitos estudos posteriores, entre os quais Y. Li (1992) e Bai (2000), que discutirei com pormenores a seguir.

Y. Li (1992) também defende que *bu* é um operador de negação subjetiva do locutor, ou do agente da situação descrita, e é incompatível com predicados classificados por ele como “objetivos”, enquanto que *mei* se associa a um valor objetivo (e, em associação a este, um valor temporal que não é descrito com clareza no texto).

Para explicar esta proposta, Y. Li (1992) divide os verbos do CM em três grupos, nomeadamente *verbos ativos*, *verbos avaliativos* e *verbos objetivos*. Segundo o autor, os *verbos ativos* designam ações cujo agente as pode controlar voluntariamente, como *chi* (comer), *he* (beber), *gongzuo* (trabalhar), *xuexi* (estudar). Os *verbos avaliativos* envolvem a avaliação de um estado ou de uma propriedade de uma entidade, como *cunzai* (existir) e *zhide* (merecer). Os *verbos objetivos* designam situações que não têm agente e que não podem ser influenciados pelo locutor, como *siwang* (morrer), *dansheng* (nascer) (todos os exemplos referidos são retirados de Y. Li 1992). Y. Li defende que os verbos ativos podem ser negados por *bu* ou *mei*, enquanto que os verbos dos outros dois grupos podem, normalmente, apenas ser negados por *bu*. Refere ainda que os adjetivos são compatíveis normalmente apenas com *bu* e que em frases passivas *mei* aparece com muito mais frequência do que *bu*; isto dá força à sua proposta, já que o primeiro grupo (predicações com base em adjetivos) descreve normalmente uma avaliação subjetiva do locutor e o segundo (frases passivas) descreve normalmente factos objetivos.

Além dos predicados verbais, Y. Li classifica também as preposições e locuções prepositivas como ativas ou objetivas, dando como exemplo de uma preposição ativa *weile* (com o significado de *para* [alguma finalidade]) e de preposição objetiva *guanyu* (com o significado de *sobre* [alguma pessoa ou algum assunto]). Ele defende que todas as preposições ativas e algumas das preposições objetivas podem ser negadas – e são sempre negadas por *bu* (nunca por *mei*) –, enquanto as restantes (a outra parte das preposições objetivas, cujas propriedades gramaticais distintivas não são apresentadas no texto) não se associam diretamente com a negação.

Y. Li (1992) mostra uma perspectiva interessante no que respeita à distribuição de operadores negativos em CM; porém, a sua proposta parece um pouco “desarrumada”, na minha opinião, e há vários pontos discutíveis no seu texto.

Primeiro, o autor defende que a maior diferença entre *bu* e *mei* é o valor de subjetividade/objetividade sem dar nenhuma definição clara destes valores. Como estes valores são muito imprecisos, a discussão do texto parece bastante duvidosa, com afirmações difíceis de validar ou refutar. Por exemplo, autor propõe que *shi* (ser) é um verbo ativo, por isso é compatível com *bu*. Nesta perspectiva, a frase *ta bu shi putaoyaren* (ele não é português) é uma frase com valor subjetivo, mas é difícil entender em que sentido está aqui a ser usado o termo “subjetivo”: em muitos contextos, esta frase descreve um facto objetivo e comprovável, como quando o locutor a enuncia com um documento de identificação de alguém na mão. A confusão na distinção entre expressões subjetivas e objetivas também é destacada, entre muitos outros, por Xiao & McEnery (2008).

While it might be possible to say that mei negates a situation objectively, it is hard to see why the negation marked by bu should be viewed as subjective. It is true that when bu modifies volitional verbs such as xiang ‘want to’ and xiwang ‘hope’, what is negated is the subjective desire of the speaker; but such a reading is impossible with non-volitional verbs such as cunzai ‘exist’ (...). (Xiao & McEnery, 2008: 10)

Segundo, a classificação das preposições em ativas e objetivas não é muito compreensível. A categoria lexical *preposição* é uma categoria funcional (pelo menos para muitos autores) e os sintagmas preposicionais assumem, tipicamente, a função de adjunto nos exemplos que o autor apresenta. É muito difícil atribuir um valor subjetivo ou objetivo a estas estruturas sintagmáticas *per se* e é até difícil associar-lhes um valor autónomo negativo (não tendo elas frequentemente um carácter proposicional). Portanto, a discussão do autor sobre a dita interação entre as preposições e os operadores negativos não parece muito bem fundamentada cientificamente, já que não permite a validação/refutação com critérios precisos.

Terceiro, o autor apresenta o valor semântico de *bu* quando se combina com verbos, preposições e adjetivos, mas não fala do valor deste operador quando se combina com nomes (que são uma classe lexical absolutamente central no léxico de qualquer língua). Em suma, dado o foco – muito questionável – em unidades lexicais (por oposição a construções sintáticas mais amplas, nomeadamente orações), o facto de muitos casos ficarem fora de análise e o facto de as subclassificações com base em critérios de objetividade/subjetividade serem pouco claras, parece-me muito difícil apresentar de uma forma uniformizada e precisa a distribuição dos dois operadores negativos a partir da discussão do autor.

Tendo como referência básica Y. Li (1992), Bai (2000) discute a diferença entre *bu* e *mei* numa perspetiva de ensino de CM como língua estrangeira. Este autor, por um lado, defende também que o maior fator que influencia a seleção entre *bu* e *mei* é o valor de subjetividade/objetividade, e por outro, faz desenvolvimentos fundamentais em relação a Y. Li (1992), procurando dar uma definição clara dos valores de subjetividade e objetividade no seu estudo e discutindo outros valores que podem influenciar a escolha de operador negativo.

Bai (2000) defende que *bu* se usa com expressões que representam situações com valor volitivo subjetivo, enquanto *mei* se usa com expressões que representam situações que são factos objetivos. Procurando – ainda que sem consegui-lo de forma plenamente satisfatória – fazer uma caracterização razoavelmente detalhada dos valores de subjetividade e objetividade no seu texto, o autor associa o primeiro (o valor de subjetividade) à volição do agente (normalmente o sujeito da frase) ou à avaliação e percepção subjetivas do locutor, e o segundo (o valor de objetividade) à ocorrência, progresso e conclusão de uma situação.

Adicionalmente, na última secção do seu texto, reconhece que *bu* também coocorre com expressões linguísticas que designam situações que não se associam necessariamente a valor subjetivo, como fenómenos naturais (e.g. *xiayu* “chover”), e estados/propriedades em sentido lato, (e.g. *shi zhongguoren* “ser chinês”). Isto quer dizer que *bu* também se pode associar a outros valores semânticos que não são

subjetivos, mostrando que a proposta de Y. Li (1992) tem as suas limitações.

Com estes dois desenvolvimentos, Bai (2000) abre espaço para uma discussão mais clara do que a permitida por Y. Li (1992); porém, os seus esforços não resolvem a questão crucial de que é muito difícil classificar alguns casos simplesmente como subjetivos ou objetivos. Além disso, ainda que refira casos em que *bu* não se associa a um valor subjetivo, deixa-os simplesmente como exceções, sem os discutir com detalhes e sem tentar encontrar uma explicação abrangente. Na verdade, os casos ditos excepcionais envolvem dois grandes tipos de situações em termos de *Aktionsart*: estados (e.g. ser chinês) e processos (e.g. chover), isto é, situações atélicas. Este facto, que é muito relevante como veremos, precisa de ser devidamente enfatizado. Em suma, a proposta de Bai (2000) deixa muitos casos de fora e não faz referência a questões de natureza aspetual, o que na minha opinião a limita fortemente.

Resumindo esta subsecção, o valor semântico de subjetividade/objetividade, ainda que pareça ter alguma relevância para compreender a distribuição dos dois operadores, não ajuda eficazmente – em parte pela dificuldade de o definir com precisão – na definição do mecanismo de seleção. Proporei aliás nesta dissertação que é possível descrever esse mecanismo sem envolver diretamente este tipo de valores.

4.3 Seleção por valores temporo-aspetuais

A interação entre os valores temporo-aspetuais e a seleção entre os operadores negativos *bu* e *mei* não é algo novo na literatura e tem tido lugar central em numerosos estudos (cf. e.o. T. Li, 2003, Lin, 2003; Chen, 2007). Em estudos mais antigos já se encontram discussões sobre fenómenos interessantes no âmbito desta questão, nomeadamente a interação entre os operadores negativos e os MVTA (designados geralmente por *aspect markers* na literatura, veja-se 2.2), como, por exemplo, a incompatibilidade entre o *le* de anterioridade (*perfective le* na literatura em língua inglesa) e *mei* (cf. e.o. Huang, 1988; C. N. Li & Thompson, 1989) ou a forma negativa fixa dos MVTA (*mei* para *le*, *mei guo* para *guo*, etc.) (cf. e.o. Wang, 1965). Os estudos que associam a seleção de operador negativo a valores temporo-aspetuais referem

essencialmente dois domínios de valores, nomeadamente a *Aktionsart* (ou a classe aspetual das situações descritas) e – embora sem essa designação exata – a localização temporal relativa (isto é, a localização das situações descritas relativamente a pontos de perspetiva temporal). Discutirei, em seguida, os estudos que destacam estes aspetos e que mais interessam no presente estudo.

4.3.1 Seleção por valores de *Aktionsart* (valores aspetuais)

A associação entre a *Aktionsart* e a distribuição de *bu* e *mei* é relativamente comum nos estudos linguísticos (cf. e. o. Lin, 2003; Chen, 2007; Zhou, Crain & Thornton, 2014b). Diferentes autores apresentam diferentes propostas sobre esta questão:

Lin (2003) destaca o parâmetro [\pm ESTATIVO]: defende que *bu* seleciona situações estativas, enquanto *mei* seleciona situações não estativas.

I propose that while mei aspectually selects an event as its complement, bu aspectually selects as its complement a stative situation that requires no input of energy in order to obtain that situation. (Lin, 2003: 425)

Chen (2007) também defende – em linha com Lin (2003) – que *bu* ocorre apenas com estados²⁹.

Bu aspectually selects stative predicates. (Chen, 2007: 25)

Já Zhou, Crain & Thornton (2014b) destacam o parâmetro [\pm ATÉLICO]: defendem que *bu* se usa para negar tanto estados como processos (situações atélicas), enquanto *mei* é compatível com expressões que descrevem situações télicas e parte das situações atélicas (nomeadamente, atividades, mas não estados).

Bu occurs with state and activity verbs, but not with accomplishment or achievement verbs. Mei occurs with accomplishment, achievement and activity verbs, but not with state verbs. (Zhou, Crain & Thornton, 2014b: 151)

Entre os trabalhos referidos, Lin (2003) é o estudo que discute a interação entre a

²⁹ Chen (2007) envolve também, adicionalmente, o parâmetro [\pm STAGE-LEVEL] – isto é, a clássica oposição *stage-level* vs. *individual-level* – como um parâmetro da seleção, e assume que todas as situações não estativas (compatíveis com *bu*) são de *stage-level*. Esta assunção é discutível. Dada a complexidade desta questão, não discutirei aspetos relacionados com este parâmetro nesta dissertação, deixando-os para estudos futuros.

Aktionsart e a negação com mais detalhes e profundidade. Portanto, discutirei principalmente a proposta de Lin (2003), ainda que com comentários (mais breves) também a propostas de outros autores.

Para fundamentar a sua proposta, Lin (2003) enumera alguns exemplos com adjetivos em posição predicativa ou com verbos estativos, que são construções típicas que identificam estados em CM e nas quais se encontra a coocorrência com *bu*, mas não com *mei*. Ilustro alguns casos aqui.

(54)a. Ta bu/*mei congming.

ele não inteligente

Ele não é inteligente.

b. Ta bu/*mei shi xuesheng.

ele não ser estudante

Ele não é estudante.

Quanto ao valor semântico de *mei*, Lin defende que “*mei is the negation marker of nonexistence or nonrealization of an event*” (Lin, 2003: 438). Considera que *mei* ocorre com descrições de situações eventivas, incluindo processos, processos culminados e eventos pontuais. Veja-se (55).

(55)a. Ta mei paobu.

ele não correr

Ele não correu. (negação de processo)

b. Ta mei du na ben shu.

ele não ler aquele CLA livro

Ele não leu aquele livro. (negação de processo culminado)

c. Ta mei shuaidao.

ele não cair

Ele não caiu. (negação de evento pontual)

Depois da discussão destes casos típicos, o autor apresenta alguns casos problemáticos, nos quais *mei* ocorre com descrições de situações estativas e *bu* ocorre

com descrições de situações aparentemente não estativas, como se ilustra nos pontos **a-d** abaixo. Discutirei estes casos e mostrarei que alguns não desafiam verdadeiramente a proposta do autor, enquanto outros sim a desafiam.

**a. Ocorrência de *mei* com uma descrição de situação estativa
(estados progressivos)**

- (56) Ta mei/*bu zai changge.
ele não estar-a cantar
Ele não está a cantar.

Em (56), temos *mei* e uma descrição (dita) estativa progressiva. É muito importante notar, desde já, que, em CM, os estados progressivos ocorrem normalmente com *mei* (a não ser – por razões que adiante explicarei melhor – em frases que descrevem estados progressivos que acontecerão no futuro, e este caso raramente aparece em frases reais). Lin (2003) defende que a ocorrência de *mei* nestes casos, em vez de *bu* (porventura, o operador esperado), vem de particularidades dos estados progressivos, os quais “pedem um *input* de energia” e por isso são distintos dos outros estados (comportando-se de forma mais próxima aos processos nesta questão).

If a situation described by a progressive sentence needs input of energy in order to obtain that situation, then it is predicted by the proposed aspectual selection of bu that such a sentence should be incompatible with bu. (Lin, 2003: 430)

Em termos linguísticos mais modernos, estes factos gramaticais podem talvez ser explicados pela possível sensibilidade do operador de negação à *Aktionsart* da situação subjacente – que é eventiva – e não à *Aktionsart* da situação pós-aplicação do operador progressivo, que é a que pode ser considerada estativa:

[_{+ESTATIVO}] *estar a / zai* [_{-ESTATIVO}] *cantar / changge*] SITUAÇÃO SUBJACENTE]

Adicionalmente, é crucial notar que os estados progressivos com situações subjacentes eventivas não se parecem comportar como totalmente homogêneos, já que a granularidade que distingue a homogeneidade total da homogeneidade parcial se mantém relevante (Móia, c.p.). Assim, a classificação como estados – em vez de processos – dos “estados progressivos” é, ela própria, discutível.

**b. Ocorrência de *bu* e *mei* com predicados adjetivais,
com interpretações diferentes**

(57) Ta bu/mei shou. [INTERPRETAÇÃO DIFERENTE COM *BU* E *MEI*]

ele não magro

Ele não é magro. [com *bu*] vs. Ele não ficou magro. [com *mei*]

Em (57), temos *bu* ou *mei* e um adjetivo predicativo de caráter estativo (*shou* / *magro*). Este exemplo mostra a possibilidade da ocorrência dos dois operadores negativos com um mesmo predicado em CM, mas – crucialmente – introduzindo valores diferentes. A ocorrência de *bu* é a esperada – em linha com a descrição de Lin (2003) – sendo *shou* (magro) claramente um adjetivo que descreve um estado. Já a ocorrência de *mei* parece excepcional e coloca problemas à generalização de Lin (2003). O autor também nota estes casos e apresenta a sua explicação: defende que *mei* também ocorre com alguns predicados (aparentemente) estativos, desde que sejam de *stage-level*, para indicar a não ocorrência de uma mudança de estado: “*when mei occurs with a stative predicate, it indicates that a change of state does not occur*” (Lin, 2003: 436). E explicita a diferença de interpretação quando ocorrem diferentes operadores negativos em casos como (57) nos seguintes termos:

*When the negator is bu, the sentence means that the subject NP does not have the property denoted by the stative predicate. But when the negator is mei, the focus is not on lack of the property denoted by the stative predicate but on **whether or not there is a change of state described by the stative predicate**. Because of this, stable properties such as those denoted by individual-level predicates are not able to be negated by mei (Lin, 2003: 436, negrito meu).*

A explicação do autor parece adequada e clara para este fenómeno. Podemos elaborá-la um pouco mais, em termos técnicos modernos, invocando o conceito de *Aktionsart shift*. Com efeito, como mostra claramente a tradução do exemplo (57) para português – língua em que o adjetivo se combina com verbos copulativos –, quando ocorre com *mei*, a situação descrita pelo predicado em (57) é traduzida por *ficar magro* (e não por *ser/estar magro*), expressão com propriedades claramente eventivas (uma

mudança de estado pode ser concebida como um evento, como em *ficar magro*); assim, poderíamos considerar que, se *shou* é um predicado basicamente estativo, ele sofre uma comutação aspetual, passando de estado a evento, tipicamente pontual (mudança de estado), atuando *mei*, aliás, como o desencadeador do processo (“*Aktionsart shifter*”).

c. Ocorrência de *bu* e *mei* com predicados não estativos, com interpretações diferentes

(58)a. Ta bu kan na ge baozhi.

ele não ler aquele CLA jornal

Ele não lê aquele jornal. [HABITUAL, leitura 1] /

Ele não {quer ler / vai ler} aquele jornal. [EPISÓDICO PROSPETIVO, leitura 2]

b. Ta mei kan na ge baozhi.

ele não ler aquele CLA jornal

Ele não leu aquele jornal. [EPISÓDICO RETROSPETIVO]

Em (58), temos *bu* ou *mei* e a descrição de uma situação não estativa (*kan na ge baozhi / ler aquele jornal*). A frase em (58a), a frase que mais importa, tem duas leituras, uma com valor habitual e outra com valor episódico. Na leitura com valor habitual (cf. português *ele não lê / não costuma ler aquele jornal*), a situação é vista como um estado habitual (verificável no momento da enunciação), tipo que requer normalmente *bu* como seu negador. Na leitura – que é discutivelmente problemática – com valor episódico (cf. português *ele não {quer ler / vai ler} aquele jornal*), há um valor prospetivo. Este exemplo mostra que – ao contrário do que seria de esperar numa leitura simples da generalização de Lin (2003) – tanto *bu* como *mei* podem ocorrer com predicados que designam situações não estativas.

Porém, Lin (2003) não considera que este caso coloque em causa a sua proposta e apresenta a sua explicação. Para explicar casos como o da leitura episódica prospetiva de (58a), Lin defende (seguindo, aliás, autores anteriores) a existência – nas frases com essa leitura – de um verbo modal nulo com valor volitivo (por exemplo, *xiang* “querer”) ou simplesmente futuro (por exemplo, *hui* “ir”) entre *bu* e o predicado verbal explícito e

propõe que o operador negativo opera sobre esse verbo modal (que é de tipo estativo e, portanto, expectavelmente combinável com *bu*).

It is worth noting that some examples that do not contain an overt stative modal may get a volitional or future modality reading and allow bu to appear. I assume with Huang (1988) that such sentences actually contain an empty volitional or future modal verb, and what bu negates in such sentences are the empty modal verbs. (Lin 2003: 429)

Note-se que diferentes autores além de Lin, como Huang (1988) ou Chen (2007), também defendem que há um verbo modal subentendido que determina a ocorrência do operador *bu* neste caso (considerando aliás o próprio valor habitual ou genérico também como um valor associável a verbos modais nulos):

Huang (1988) states that bu in those seemingly counterexamples means ‘won’t’ and not simply ‘not’ and these sentences carry with them a meaning of volition or future modality, though the element of modality is not overtly expressed with words like hui ‘will’ or xiang ‘want to’. (...) Sometimes the empty modal is a generic operator or a habitual modal and sometimes it may be a volitional modal. (...) The future meaning carried by the volitional modal is an outcome of inference when the situation described by the sentence is current or coming (...). (Chen, 2007: 46-47)

Independentemente de se considerar o valor habitual ou genérico neste sistema de verbos modais nulos, a proposta de que existe um verbo modal nulo antes do predicado não estativo e que é este verbo modal que determina a seleção *bu* é, na minha opinião, questionável. Veja-se (59).

- (59)a. Ta **bu** xiang pian ni.
ele não querer enganar tu
Ele não te quer enganar.
- b. Ta **mei** xiang pian ni.
ele não querer enganar tu
Ele não te queria / quis enganar.

Como se mostra (59), alguns verbos modais volitivos (como *xiang*) – que podem ser inseridos (no lugar do suposto elemento nulo) entre *bu* e a expressão que descreve a situação não estativa – são compatíveis tanto com *bu* como com *mei*, mas os dois operadores negativos estão associados a diferentes valores temporais.

Na verdade, a ocorrência (explícita) de verbos modais volitivos com *mei* (antes de predicados não estativos) não é rara em CM, e verifica-se nos textos reais. Deixo aqui em (60) alguns exemplos tirados do *corpus* BCC, os quais serão apresentados com mais detalhe no próximo capítulo. A frequência da combinação de verbos modais volitivos com *mei* coloca a possibilidade de que este grupo de verbos sejam excepcionais no sistema de distribuição de operadores negativos *bu* e *mei*. Esta questão será retomada adiante.

(60)a. Ta mei xiangyao tao.

ele não querer fugir

Ele não queria fugir. (BCC, pesquisa “mei xiangyao v”, p1n26³⁰)

b. Mei xiang dadianhua gei renhe ren.

não querer telefonar para qualquer pessoa

Não queria ligar a ninguém. (BCC, pesquisa “dadianhua gei renhe ren”, p1n1)

A possibilidade da ocorrência de *mei* com alguns verbos modais volitivos (que podem ser inseridos no lugar do suposto elemento nulo das propostas acima referidas) mostra não só a particularidade destes verbos na distribuição em causa, mas também um problema nessas propostas: se alguns verbos modais volitivos comuns (como *xiang*) não ocorrem necessariamente com *bu*, não parece fazer sentido dizer que são estes mesmos verbos (presentes implicitamente) que determinam a ocorrência de *bu* (em casos como (58a)).

Então, se não é um verbo modal nulo que seleciona *bu*, qual o fator que determina a seleção neste caso? A minha hipótese é que *bu* também se usa regularmente em frases que descrevem situações não estativas em alguns casos, nomeadamente quando o valor

³⁰ Esta linha significa: o exemplo é retirado do *corpus* BCC, com a pesquisa “没想要 v (mei xiangyao v)” e aparece na página 1 número 26 (da lista de resultados obtidos).

temporal de localização relativa (fator que influencia centralmente a seleção entre *bu* e *mei*) é de posterioridade ao PPT. Esta hipótese combina valores de *Aktionsart* com valores de localização relativa, assumindo que são estes os dois fatores fundamentais na seleção de operador negativo em CM, e explica o presente caso: na leitura relevante de (58a), o operador *bu* nega a ocorrência futura de um processo culminado e são o valor de processo culminado e o valor de posterioridade a presente que determinam juntos a presença do operador *bu*. Esta minha proposta (de combinação de dois fatores) também é válida para os casos em que *bu* ocorre com expressões que descrevem processos e situações (ditas) pontuais. Veja-se (61).

(61)a. Ta bu paobu.

ele não correr

Ele não corre. [HABITUAL, leitura 1] / Ele não {vai correr / quer correr}.

[EPISÓDICO PROSPETIVO, leitura 2] (processo)

b. Ta bu zai ershi dian likai.

ele não a 20 horas sair

Ele não sai às 20h. [HABITUAL, leitura 1] / Ele não {vai sair / quer sair} às 20

[EPISÓDICO PROSPETIVO, leitura 2] (evento pontual)

d. Ocorrência de *bu* e *mei* com predicados estativos, sem diferença na interpretação (estados locativos)³¹

³¹ O exemplo original de Lin (2003), mas não o que eu discutirei aqui, tem o MVTA *zhe*:

(i) Qiang shang mei gua zhe yi fu hua.

Parede em-cima-de não suspender/pendurar ZHE um CLA quadro

Não há um quadro pendurado na parede.

Este exemplo é a forma negativa da frase que designa um estado locativo *qiang shang gua zhe yi fu hua* (há um quadro pendurado na parede / um quadro está pendurado na parede); porém, em casos como este (com *zhe*), a inserção simples de um operador negativo forma uma frase gramatical, mas que não é natural. As formas mais naturais são as seguintes (sem *zhe*):

Qiang shang mei you hua.

Parede em-cima-de não ter quadro

Não há nenhum quadro na parede.

ou Hua mei/bu zai qiang shang.

Quadro não em parede em-cima-de

O quadro não está na parede.

Mais genericamente, é rara a ocorrência dos marcadores *zai* e *zhe* em frases negativas (mas para mim é especialmente pouco natural com *zhe*, pelo que não discuto diretamente o exemplo de Lin 2003); este facto é referido em Xiao & McEnery (2008: 53), um estudo baseado nos dados de corpora: “the durative aspect marked by *zhe* and the progressive aspect marked by *zai* rarely occur in negative sentences”.

(62) Shu bu/mei zai³² zhuo shang. [MESMA INTERPRETAÇÃO COM BU E MEI!]

livro não em mesa em-cima-de

O livro não está em cima da mesa.

Em (62), temos *bu* ou *mei* e a descrição de uma situação estativa de tipo locativo: *shu bu/mei zai zhuo shang* [‘o livro não está em cima da mesa’] (no exemplo original, com *zhe* – cf. nota 31). O operador “inesperado” neste caso é *mei*. Vemos aqui outro ponto discutível nas propostas de Lin (2003): a sua explicação sobre a ocorrência de *mei* com o marcador do valor temporal de sobreposição *zhe*. Nesta questão, o autor defende que *zhe* é incompatível com *bu* em frases de “locative-inversion” e “positional” (conceitos que comentarei já em seguida), mas é compatível com esse mesmo operador em expressões como *cunzai zhe* (existir ZHE) e *yiwei zhe* (significar ZHE)³³, quando as queremos negar.

Um problema para estas considerações é que o autor não dá nenhuma definição dos termos “locative-inversion” e “positional” e os exemplos que ele apresenta para ilustrar os dois casos também não mostram grandes diferenças. Referirei estes dois grupos (“locative-inversion” e “positional”) como um grupo único que inclui todos os estados locativos, expressando a localização espacial de algo ou alguém.

Quanto à explicação do fenómeno, o autor defende que o operador *zhe* sinaliza normalmente um estado resultante, que pede um “input de energia” (um evento subjacente, diríamos, em termos modernos mais técnicos): para um quadro estar pendurado numa parede (estado), alguém teve de o ter pendurado (evento); por essa razão, é diferente dos outros estados e é compatível só com *mei*. Porém, *mei* também ocorre em frases que descrevem estados locativos sem *zhe* e sem, discutivelmente, “input de energia”. Veja-se (63).

³² Este *zai* é uma preposição que significa *em* em CM, e não tem nada a ver com o marcador de progressivo que apresentei atrás.

³³ Creio que os exemplos *cunzai zhe* (existir ZHE) e *yiwei zhe* (significar ZHE) não são relevantes para fundamentar a proposta do autor. A expressão *cunzai zhe* não é natural em CM, enquanto que *yiwei zhe* é uma expressão fixa, e o *zhe* neste caso não tem nada a ver com o *zhe* como um marcador de valor temporo-aspetual que o autor está a discutir.

- (63) a. Ta mei zai bangongshi.
ele não em gabinete
Ele não está no gabinete.
- b. Ta mei zai lisiben zhu.
ele não em Lisboa morar
Ele não mora em Lisboa.

Estes exemplos mostram que a ocorrência de *mei* com descrições de estados locativos parece não se associar necessariamente a *zhe*, sendo antes o valor de estado locativo em si que permite – de forma genuinamente excepcional – a ocorrência deste operador negativo. Analisando os casos com *zai* – cf. frase (63) – e os casos com *zhe* – cf. frase de Lin, discutida na nota 31 –, concluo que frases que descrevem estados locativos (com valores temporais de anterioridade ou sobreposição) em CM são excepcionais e únicas na medida em que podem ser negadas com o operador *mei*, mas também – sintomaticamente – com *bu*, sem alteração na interpretação.

O comportamento particular aqui referido também é detetado e estudado por autores como Wang (2011) e Hou (2016) e é referido por estes autores como “neutralização” entre os dois operadores negativos. Hou (2016) indica que frases como *ta bu zai jia* (ele não está em casa) têm uma variante com outro operador negativo (neste caso, *ta mei zai jia*) com o mesmo significado.

Hou (2016) defende que a razão desta dita neutralização é que a frase envolve tanto um valor de negação subjetiva do locutor, avaliando se a declaração ele está em casa é verdadeira, como um valor de negação objetiva, verificando se a localização dele é correta no momento. Parece-me uma argumentação pouco sólida. Com efeito, se a frase *ta bu/mei zai jia* (ele não está em casa) pode envolver tanto negação subjetiva como negação objetiva, nos termos propostos, o mesmo seria válido para outras frases (não locativas) como *ta bu shi putaoyaren* (ele não é português) (onde seria “objetiva” a comprovação por meio de um documento oficial, por exemplo). Porém, crucialmente, nestas frases não locativas é impossível a ocorrência de *mei*. Portanto, creio que a proposta de Hou (2016) não dá conta adequadamente do fenómeno.

Sobre esta neutralização da diferença entre *bu* e *mei*, não consigo encontrar nenhuma explicação satisfatória na literatura e a única particularidade semântica que consigo observar nos estados locativos em causa é o seu valor semelhante ao valor veiculado pela expressão *haver* em PE e *there be* em inglês (cf. *uma maçã está no cesto* = *há uma maçã no cesto*). Estas construções são, por vezes, designadas como “existenciais” na literatura, e também são tipicamente negadas por *mei* na tradução em CM, o que talvez possa ser uma pista para a explicação da referida neutralização. Reconheço, porém, que isto também não explica de forma satisfatória porque é que a neutralização *bu/mei* ocorre só com os estados locativos (e quando a situação envolve tempos não prospetivos ou de futuro não anterior, pois de outro modo *bu* é obrigatório, como veremos). Fica esta questão, portanto, em aberto para estudos posteriores.

Sublinhe-se, finalmente, que o operador *mei* que ocorre com predicados estativos locativos pode ser normalmente substituído, a não ser em casos muito marcados, por *bu* sem mudar a interpretação da frase. Ou seja, embora os estados locativos tenham um comportamento excecional no que respeita à aceitação da negação com *mei*, podem também assumir um comportamento “regular”, com a presença de *bu*, que é o operador da negação de estados básicos. Discutirei isto com mais pormenor no próximo capítulo.

4.3.2 Seleção pelo valor de localização relativa a pontos de perspetiva temporais (valores estritamente temporais)

Como referido, em estudos clássicos como Lv (1983), já se propunha que valores temporais como presente, passado e futuro se associam à distribuição de *bu* e *mei*. T. Li (2003) desenvolve esta perspetiva e apresenta uma descrição mais detalhada e organizada. Defende que a subjetividade/objetividade não é o único fator, nem sequer é o fator principal, que influencia a distribuição de operador negativo e destaca que *mei* pode negar também situações no futuro, situação que não é contemplada nas hipóteses de Lv (1983). A compatibilidade entre *mei* e descrições de eventos futuros é confirmada também, entre muitos outros, por Xiao & McEnery (2008:10): “(...) *neither is it appropriate to say that mei cannot negate a future situation*”.

Na análise do valor semântico de *bu*, T. Li (2003) propõe que existem dois operadores *bu*: *bu* de *judgement negation* (negação de juízos), o qual se usa na negação de situações com valor genérico e temporalmente não específicas; e *bu* de *narrative negation* (negação narrativa ou negação de acontecimentos), o qual coocorre com expressões que descrevem situações com valor temporal restrito e específico.

The author [T. Li, 2003] holds that there are generally two negative usages of “bu”: the judgement negation and the narrative negation. The former expresses general and unspecific time, while the latter expresses restricted and specific time. (T. Li, 2003: 1)

Quanto ao uso de *bu* de negação de juízos – que coocorre tipicamente com o verbo copulativo *shi* (*ser*) (este *shi* pode ser omitido em alguns casos sem mudar a interpretação do enunciado) –, o autor mantém a perspectiva de Y. Li (1992), defendendo que as expressões que ocorrem com este *bu* possuem sempre valor subjetivo e é esta subjetividade (e não o valor temporal) que determina a ocorrência de *bu*. Ou seja, defende que a posição no eixo temporal da situação descrita não tem impacto sobre este uso de *bu*.

No que diz respeito a *bu* de negação narrativa, defende que este sim é associado a valores temporais e refere que a proposta de Y. Li (1992) parece discutível na explicação deste *bu*. T. Li (2003) discute este uso de *bu* junto com *mei*, sendo estes dois operadores associados a valores temporais na sua proposta.

Para descrever os valores temporais associados aos dois operadores, o autor aproveita o sistema temporal proposto por Comrie (1985), em que se distingue *absolute tense* (tempos absolutos) e *relative tense* (tempos relativos), com associação de valores dêiticos ao *absolute tense* (valores de anterioridade, sobreposição e posterioridade a um ponto de perspectiva presente, em termos alternativos equivalentes) e de valores anafóricos ao *relative tense* (valores de anterioridade, sobreposição e posterioridade associados a um ponto de perspectiva passado ou futuro, em termos alternativos equivalentes). T. Li (2003) defende que tanto *bu* como *mei* podem associar-se quer a tempos dêiticos (absolutos) quer a tempos anafóricos (relativos), mas diferem no valor de localização relativa. Propõe que *bu* de negação narrativa ocorre com tempos

(dêiticos ou anafóricos) de posterioridade, enquanto *mei* ocorre com tempos (dêiticos ou anafóricos) de anterioridade.

T. Li (2003) faz um grande contributo para o estudo da distribuição de *bu* e *mei*, ao associar esta distribuição a valores de localização relativa. Ao mesmo tempo, ele fundamenta a relevância dos valores de localização relativa a pontos de perspectiva temporais para estudar o CM, mesmo na ausência de flexão verbal temporal. Como mostram os exemplos (64) e (65), em muitos casos a sua proposta está em linha com os dados, ocorrendo *bu* em frases com valor de posterioridade, enquanto *mei* ocorre em frases com valor de anterioridade. Veja-se (64-65).

(64)a. Ta bu shi xuesheng.

ele não ser estudante

ele não é estudante. (*bu* de *judgement negation*)

b. Ta mingtian bu gongzuo.

ele amanhã não trabalhar

Ele não vai trabalhar amanhã. (*bu* de *narrative negation*,
posterioridade a presente/ sobreposição a futuro)

c. Ta zuotian shuo ta bu ao ye le.

ele ontem dizer ele não ficar noite LE (CRS)

Ele disse que não ia dormir tarde ontem. (*bu* de *narrative negation*,
posterioridade a passado)

(65)a. Wo mei chouyan.

eu não fumar

Eu não fumei. (*mei*, anterioridade a presente)

b. Zuotian wo jiandao le ruoang, zai na zhiqian wo mei jian guo ta.

ontem eu ver LE João, em tal antes-de eu não ver GUO ele

Ontem vi o João. Não o tinha visto antes. (*mei*, anterioridade a passado)

c. Mingtian ba dian wo hai mei dao jichang.

amanhã oito hora eu ainda não chegar aeroporto

Amanhã às 8, eu ainda não terei chegado ao aeroporto. (*mei*, anterioridade a futuro)

Porém, esta proposta tem limitações. A primeira questão é que na discussão da associação entre a seleção do operador negativo e os valores temporais, o autor refere apenas a anterioridade e a posterioridade, sem fazer considerações (se ignorarmos os casos de *judgement negation*) sobre a sobreposição temporal, que é um valor essencial numa perspetiva reichenbachiana abrangente da localização relativa. Frases com este valor podem incluir *bu* ou *mei* como operador negativo, distinguindo-se casos diferentes, como *wo bu shi xuesheng* (eu não sou estudante, sobreposição de estado básico não locativo a presente) e *zuotian ta mei zai bangongshi* (ele não estava no gabinete ontem, sobreposição de estado locativo a passado). O segundo destes dois casos, na verdade, não pode ser explicado pela proposta em T. Li (2003), numa evidente limitação do estudo do autor.

A segunda questão é que, na minha opinião, o autor não refere de forma suficientemente enfatizada e sistemática a relevância dos valores de *Aktionsart* na seleção, embora estes valores sejam referidos na sua proposta. No que respeita a *Aktionsart*, T. Li (2003) defende, por exemplo, que *mei* em frases com valor de *absolute past* (anterioridade a presente) ocorre com verbos que descrevem situações dinâmicas e adjetivos que descrevem mudança de estado, isto é, situações não estativas (na terminologia de e.g. Moens 1987); além disso, considera que os casos de “negação avaliativa” de *bu* podem ser resumidos a casos em que *bu* nega estados básicos. Assim, na verdade, T. Li (2003) propõe uma hipótese descritiva de seleção envolvendo não apenas o valor temporal de localização relativa, mas também a *Aktionsart*, ou seja, é de facto um sistema temporo-aspetual, que é justamente o tipo de análise que prossigo nesta dissertação e que discutirei no próximo capítulo. Por outras palavras, a linha de análise de T. Li (2003) é a que vou perfilar – e acentuar (destacando mais a relevância das questões aspetuais) – no meu trabalho e nas minhas propostas finais.

Concluindo a apresentação dos estudos referidos e preparando a discussão original no próximo capítulo, eu defendo uma proposta que combine – de forma explícita e claramente assumida – valores aspetuais de *Aktionsart* e valores estritamente temporais de localização relativa para explicar a distribuição dos operadores negativos *bu* e *mei*.

Esta combinação de valores não é, como já disse, nova na literatura. Nalguns estudos está presente de forma implícita, noutros de forma mais assumida. Além de T. Li (2003), que discuti acima, é relevante considerar também Xiao & McEnery (2008), que defendem claramente que “*it can be seen even from this brief review that negation in Chinese is closely associated with tense and aspect.*” (Xiao & McEnery, 2008: 12). Estes autores consideram ainda, por exemplo, que “*The best characterisation of mei is that it negates the realisation of a situation, which distinguishes it from the general purpose negator bu*” (*op. cit.*: 53)” e que “*The distinction between bu and mei as proposed in this article, i.e. bu negates property, volition, relationship, possibility and necessity etc. while mei only negates realisation, can also readily account for why mei frequently negates situations with a past or present reference time, as widely observed in the literature (op. cit. 20)*”.

A questão é que não encontro autores que apresentem uma sistematização dos mecanismos de seleção entre *bu* e *mei* exclusivamente nesta perspetiva temporo-aspetual e definam com precisão numa linguagem (moderna) clara todos os fatores que se cruzam nesta distribuição (cf. e.g. ausência de referência sistemática em T. Li 2003 aos valores de sobreposição e aos valores aspetuais). É isso que procurarei aqui fazer, no próximo capítulo: descrever sistematicamente a combinação de valores estritamente temporais e de *Aktionsart* que explica a distribuição dos operadores negativos *bu* e *mei* na maioria dos casos.

5. Operadores de negação oracional *bu* e *mei* e o *puzzle* da sua distribuição: uma proposta bifatorial (assente em dois parâmetros semânticos temporo-aspetuais)

Como já foi referido no capítulo anterior, sistemas de seleção que só tenham em conta um parâmetro linguístico (monofatoriais, digamos), quer seja o valor de localização temporal relativa, quer seja o valor de *Aktionsart*, não parecem totalmente

satisfatórios para explicar a seleção de *bu* ou *mei* como operador de negação oracional em frases declarativas simples (numa posição entre o sujeito e o predicado) em CM. Revendo os estudos anteriores sobre esta questão, observo que tanto o valor de localização temporal relativa (mais especificamente, a posição do PPT relativamente ao momento de enunciação, e a posição da situação descrita relativa ao PPT) como o de *Aktionsart* (mais especificamente, a homogeneidade total, que caracteriza e distingue as predicacões estativas) são fatores cruciais para a seleção e considero que o sistema mais adequado para explicar o fenómeno é um sistema (essencialmente) bifatorial, que inclui e combina ambos os valores em jogo. O desenho do tal sistema de regularidades é o objetivo deste capítulo e a proposta central da minha tese.

Discutirei aqui a distribuição dos dois operadores negativos em causa em frases, tanto manipuladas como selecionadas de *corpora*, que envolvem diferentes combinações de valores de localização temporal relativa e de *Aktionsart*, para perceber quais os valores específicos no âmbito do tempo e do aspeto que influenciam a seleção, e para propor um sistema bifatorial específico que espero que possa, pelo menos nalguns casos, ajudar a tradução entre CM e PE.

O *corpus* que será utilizado – para a ilustração das diferenças gramaticais – é o *BLCU Corpus Center* (BCC) construído pela Universidade de Língua e Cultura de Pequim (BLCU). Este *corpus online* contém acerca de 15.000.000.000 caracteres. Tem recursos linguísticos do CM como o seu conteúdo principal e recursos de outras línguas como conteúdo complementar; inclui recursos de várias áreas, como, entre muitas outras, literatura (300.000 caracteres), jornais e revistas (200.000 caracteres). No presente trabalho, todos os exemplos selecionados do BCC são retirados da secção “Recursos de Várias Áreas”, localizados pela pesquisa específica que realizo, e são referidos pelo lugar que aparecem nos resultados obtidos (página e número), dado que não possuem nenhum código identificador específico.

5.1 Casos marcados: seleção (aparentemente *ad hoc*) de *bu* e *mei*

por especificidades lexicais

Antes de falar do sistema bifatorial (na secção 5.2), apresentarei primeiro alguns casos excepcionais (relativamente à regularidades gramaticais que explicitarei adiante), nomeadamente (i) a ocorrência obrigatória de *bu* com o verbo *shi* ('ser') e de *mei* com o verbo *you* ('ter' como verbo pleno, não como auxiliar) e (ii) as particularidades complexas na distribuição dos dois operadores negativos quando ocorrem com verbos volitivos e afins.

As regras referidas em (i) são regras de especificidade lexical reconhecidas na literatura, como, por exemplo, entre muitos outros, em Xiao & McEnery (2008: 8) “Both ***bu*** and ***mei*** typically negate verbs and adjectives. While the two adverbs have been studied for decades, little has been agreed upon except that ***shi*** ‘be’ can only be negated by ***bu*** while ***you*** ‘have; there be’ can only be negated by ***mei***” (negritos meus). Nestes casos, o operador negativo é discutivelmente selecionado por especificidades lexicais que não envolvem diretamente os parâmetros semânticos (temporais ou aspetuais) que considerarei adiante, pelo que não integrarei estes casos na minha descrição bifatorial. Veja-se (66)-(67), em que – em conflito com as propostas gerais feitas em 5.2 –, no primeiro caso, ocorre *bu* como uma descrição de um estado progressivo, e, no segundo caso, *mei* com a descrição de um estado básico.

(66) Bu shi zai kaiwanxiao.

não ser estar-a brincar

Não estou a brincar. (BCC, pesquisa “bu shi zai v”, p1n47)

(67) Mei you qian hua, mei you fan chi, mei you xie chuan!

(BCC, pesquisa “mei you n”, p1n11)

não ter dinheiro gastar, não ter comida comer, não ter sapato vestir

Não tenho dinheiro para gastar, nem comida para comer, nem sapatos para vestir.

O caso referido em (ii), sobre a combinação de operadores negativos com verbos volitivos e afins, é mais complicado e menos estudado. Este grupo de verbos, por exemplo *xiang*, *yao*, *xiangyao*, *kewang*, *xiwang*, têm geralmente significados semelhantes ou comparáveis (como *querer*, *desejar*, *esperar*, etc.). Descrevem desejos ou expectativas, que são geralmente situações estativas (e por isso deviam selecionar sempre *bu* segundo a minha proposta em 5.2 e as generalizações feitas na literatura). Porém, como já foi referido em 4.3.1 (secção c), alguns verbos deste tipo podem ocorrer com *mei* quando se combinam com certos valores temporais específicos (como sobreposição a passado). Retomo aqui os exemplos referidos em (60), para recordar esta questão e fazer uma descrição com mais detalhes.

(68)a. Ta mei xiangyao tao.

ele não querer fugir

Ele não queria fugir. (BCC, pesquisa “mei xiangyao v”, p1n26)

b. Mei xiang dadianhua gei renhe ren.

não querer telefonar para qualquer pessoa

Não queria ligar a ninguém. (BCC, pesquisa “dadianhua gei renhe ren”, p1n1)

Nestes exemplos, dois verbos volitivos diferentes, respetivamente *xiangyao* e *xiang* (ambos com o significado de *querer* ou *desejar*), combinam-se com *mei* quando descrevem um desejo tido no passado. Se isto acontecesse com todos os verbos modais e afins, a proposta de que as descrições estativas só ocorrem com *bu* ficaria em causa. Porém, outros verbos modais, como *xiwang* (esperar), ocorrem sempre e só com *bu*, enquanto curiosamente o verbo *zhiwang*, com quase o mesmo significado, também permite a ocorrência de *mei*. Veja-se (69).

(69) Wo ye mei zhiwang jian ni!

eu também não esperar ver tu

Também não te esperava ver! (BCC, pesquisa “mei zhiwang v”, p1n10)

Resumindo, alguns verbos modais do tipo referido têm significados semelhantes, mas comportamentos diferentes quanto à distribuição de *bu* e *mei*. A questão das

diferenças ao nível semântico entre estes verbos é possivelmente complexa, e não encontro nenhuma explicação satisfatória para este caso na literatura. Por isso, registo este caso como problemático e como uma exceção relacionada com particularidades lexicais. Isto quer dizer que cada verbo modal volitivo ou afim pode ter a sua própria seleção (de *bu* ou *mei*) quando ocorre em orações negativas. Um estudo mais aprofundado sobre modalidade, que não cabe nesta dissertação, poderá futuramente trazer luz sobre esta questão.

5.2 Sistema bifatorial – temporal e aspetual – de seleção de *bu* e *mei*

Nesta secção, para discutir a distribuição de *bu* e *mei* de uma forma mais organizada e abrangente, começarei por dividir os casos em quatro grandes grupos, segundo a (clássica) categorização aspetual vendleriana, nomeadamente: estados, processos, processos culminados e eventos pontuais. Nestes grandes grupos, poderei realizar subdivisões, quando isso for pertinente, como acontece de forma destacada com os estados: estados básicos, estados progressivos, etc. Para cada um dos grupos (ou subgrupos), analisarei a seleção entre *bu* e *mei* em interação com diferentes valores de localização temporal (relativa a pontos de perspetiva temporais passados, presentes ou futuros) – anterioridade, sobreposição ou posterioridade –, que é o segundo eixo do sistema.

Note-se que, como já foi referido, os valores de localização temporal veiculados por um mesmo marcador (e.g os tempos de anterioridade veiculados por *le/guo*) determinam geralmente a presença do mesmo operador negativo (*le* → *mei*, *guo* → *mei guo*, etc.). Para evitar repetições maçadoras, não enumerarei todos os casos com formas negativas idênticas na discussão subsequente, fazendo algumas simplificações na exposição.

Note-se ainda que os *corpora*, embora contenham um número muito considerável de casos, são limitados e podem não conter frases que envolvem algumas combinações de valores de localização relativa e de *Aktionsart*. Nestes casos apresentarei exemplos

manipulados meus e tentarei descrevê-los e explicá-los de forma clara.

5.2.1 Distribuição de *bu* e *mei* com descrições estativas

Quanto à seleção de operador negativo, o comportamento dos estados é porventura o mais complexo e desafiante. Para efeitos da descrição neste trabalho, divido os estados em três grupos. O primeiro grupo inclui os estados básicos (com exceção dos estados locativos), os estados habituais e os estados genéricos: as descrições destes estados selecionam sempre *bu* como operador negativo oracional. O segundo grupo inclui os estados locativos, que possuem particularidades de seleção: sendo estados básicos, as suas descrições combinam-se canonicamente com *bu*; porém, permitem também a ocorrência de *mei* em alguns casos que identificarei (sem diferenças de interpretação, ou seja, em variação livre), documentando pois, de forma interessante, uma neutralização entre os dois operadores negativos, *bu* e *mei*. Finalmente, o terceiro grupo inclui os estados progressivos, cujas descrições se combinam com *bu* ou *mei* em circunstâncias distintas, consoante os valores de localização relativa presentes. Nesta subsecção, apresentarei alguns exemplos destes três casos em CM e tentarei explicar as razões subjacentes da seleção.

Grupo I: estados básicos (não locativos), estados habituais e estados genéricos

O primeiro grupo inclui os estados básicos (excluindo os estados locativos), os estados habituais e os estados genéricos. Estes estados – situações com duração – têm a propriedade prototípica da homogeneidade total (cf. Bennett & Partee 1978/2004), como já foi referido em 2.1.3: se se verificam minimamente num intervalo, verificam-se em todos os seus subintervalos, independentemente da sua extensão, isto é, verificam-se também nos instantes – cf. Eberle (1998: 55): “*States are temporally extended and homogeneous. They describe static situations, i.e. the validity of the state description is inherited by all subintervals t' of an interval t for which the statement is known to be valid (even by points if they are permitted by the logic)*”. Em termos de valores semânticos, este grupo pode expressar propriedades individuais e genéricas

(e.g. ser português), estádios temporários (e.g. estar maldisposto) hábitos (e.g. fumar/ser fumador) ou generalizações atemporais (e.g. o sol nascer a leste). Este grupo, como tem sido notado em vários estudos anteriores (veja-se o capítulo 4), seleciona sempre *bu* como operador negativo oracional. Em (70), temos alguns exemplos selecionados do *corpus BCC*.

- (70)a. Ta bu shi yinduren, er shi aierlanren. (BCC, pesquisa “ta bu shi n”, p1n10)
ele não ser indiano, mas ser irlandês
Ele não é indiano, mas sim irlandês. (estado básico *individual-level*)
- b. Taiyang bu hui cong xibian chulai. (BCC, pesquisa “taiyang bu”, p1n4)
sol não poder de oeste nascer
O Sol não nasce a oeste. (estado genérico)
- c. Chenxuexiang ziji shenghuo shifen jianpu, ta bu chouyan, bu hejiu.
(BCC, pesquisa “ta bu chouyan”, p1n3)
chenxuexiang próprio viver muito simples, ele não fumar, não beber
Chenxuexiang tem uma vida muito simples. Ele não fuma nem bebe.
(estado habitual)

Em (70), temos predicados que descrevem, respetivamente, um estado básico, um estado genérico e um estado habitual. Todos estes subtipos de estados são totalmente homogêneos, dado que se verificam em qualquer subintervalo do intervalo total relevante. Comento a este propósito o caso dos estados habituais – como (70c) – onde a propriedade da homogeneidade total não é porventura tão evidente: com efeito, quando se diz que alguém tem um hábito, como *não fumar*, assume-se que o tem permanentemente, mesmo nos instantes em que há uma instância episódica que vai contra ele; assim, mesmo que o enunciador esteja a fumar no momento em que a frase é produzida, não se muda o seu hábito de “não fumar”; veja-se que não é uma contradição dizer: *eu não fumo, embora esteja a fumar neste preciso instante*. Na mesma linha, hábitos expressos afirmativamente, como *eu faço desporto*, são verificados mesmo nos momentos em que não se está a fazer desporto.

Convém ainda fazer uma referência especial aos adjuntos com valores de

frequência (*três vezes por semana*), de periodicidade (*de cinco em cinco dias*) ou de quantificação temporal universal (*todos os sábados*). Descrições de situações em combinação com estes adjuntos comportam-se, sem surpresa, de forma semelhante às descrições de estados habituais quanto à seleção de operador negativo – são negadas em chinês também com *bu* pelo valor de homogeneidade total induzido pelo adjunto (apesar de poderem descrever eventos subjacentes não estativos, como fazer desporto, ir ao cinema, etc.). Veja-se (71).

(71)a. Ta bu mei zhou yundong san ci.

ele não cada semana desporto três vez

Ele não faz desporto três vezes por semana. (frequência)

b. Ta bu mei wu tian yundong yi ci.

ele não cada cinco dia desporto um vez

Ele não faz desporto de cinco em cinco dias. (periodicidade)

c. Ta bu mei zhouliu yundong.

ele não cada sábado desporto

Ele não faz desporto todos os sábados. (quantificação temporal)

Agora analisarei alguns exemplos selecionados do *corpus* com valores de localização relativa diferentes, só para verificar que este fator não determina qualquer variação na forma do operador negativo neste Grupo I. Começarei com os valores de sobreposição a passado e de sobreposição a futuro (sendo a sobreposição o valor mais típico quando estão em causa este tipo de estados). Mais à frente, darei um exemplo com valor de anterioridade (a presente).

(72)a. Nongmin congqian bu mai cai chi.

(BCC, pesquisa “*congqian bu*” menos “*he congqian*”, p1n43)

agricultor antes não comprar legumes comer

Antigamente, os agricultores não compravam legumes para comer.

b. Ye jiushi xianzai haokan, zai guo yixie nian jiu bu hui haokan.

(BCC, pesquisa “*bu hui haokan*”, p1n11)

só apenas agora bonito, mais passar algum ano já não bonito

Ela (só) é bonita agora, não será bonita daqui a alguns anos.

Em (72), encontram-se dois exemplos em que o valor estativo está associado a um valor de sobreposição a passado e a futuro, respetivamente, e o predicado combina-se com *bu* em ambos os casos, confirmando o que foi descrito.

Para completar a análise, mostrarei também uma tradução de uma frase em PE com valor de anterioridade a presente (claramente distinto do valor de sobreposição a passado), para ilustrar o comportamento destes estados quando não interagem com valores de sobreposição. Veja-se (73).

(73) Ele não fumou durante muitos anos, mas agora fuma.

(sendo *ele não fumou* equivalente a *ele não teve o hábito de fumar*)

ta bu chouyan jingguo henduo nian, danshi xianzai chouyan

Ta zhiqian henduo nian (dou) bu chouyan, danshi xianzai chou.

Para resumir, tanto quanto me é dado ver (e em linha com descrições de autores como Lin, 2003), os estados básicos (excluindo os locativos), os estados habituais (incluindo as predicções de valor afim que envolvem adjuntos de frequência, periodicidade ou quantificação temporal) e os estados genéricos são sempre negados com *bu* (como operador negativo da frase). Veja-se o quadro 5.

Estados básicos (não locativos), habituais e genéricos em combinação com os nove valores possíveis de localização temporal relativa ³⁴								
Ant.	Sobr.	Post.	Ant.	Sobr.	Post.	Ant.	Sobr.	Post.
Pass.	Pass.	Pass.	Pres.	Pres.	Pres.	Fut.	Fut.	Fut.
bu	bu	bu	bu	bu	bu	bu	bu	bu

Quadro 5. Seleção entre *bu* e *mei* com estados básicos (não locativos), estados habituais e estados genéricos

Gupo II: estados locativos

³⁴ Alguns destes valores não ocorrem frequentemente na combinação com descrições estativas, facto aqui ignorado.

Os estados locativos descrevem a localização de alguém ou algo no espaço. Também são situações (com extensão temporal) totalmente homogêneas, como as do Grupo I. Porém, quanto à seleção de operador negativo, têm um comportamento diferente: as expressões que descrevem estados locativos podem sempre ocorrer com *bu*, mas também permitem a ocorrência de *mei* (em variação livre) em alguns casos, nomeadamente quando a predicação envolve valores temporais de anterioridade (a qualquer ponto de perspectiva, passado, presente ou futuro) e de sobreposição a presente e a passado (mas não, sintomaticamente, a futuro). Isto confirma-se também com frases no *corpus BCC*. Veja-se (74) e (75):

(74)a. Dan ta mei zai chuang shang. (BCC, pesquisa “ta mei zai n”, p1n1)

mas ele não em cama em-cima-de

Mas ele não está na cama.

b. Ta bu zai chuang shang. (BCC, pesquisa “ta bu zai n”, p1n7)

ele não em cama em-cima-se

Ele não está na cama.

(75)a. Dangchu ta mei zai xiao wu li. (BCC, pesquisa “ta mei zai n”, p1n2)

naquele-tempo ele não em pequeno quarto dentro

Nessa altura, ele não estava no gabinete.

b. Jin zao ta bu zai shangdian. (BCC, pesquisa “ta bu zai n”, p1n2)

hoje manhã ele não em loja

Hoje de manhã, ele não estava na loja.

Note-se ainda que a flexibilidade na seleção entre *bu* e *mei* sem mudança na interpretação dos estados locativos deve ser distinguida de outros casos em que também há variação de operador negativo, mas acompanhada de diferenças semânticas, como foi referido em 4.3.1 – secção b – e ilustrado em (76) abaixo, que contém descrições estativas do Grupo I.

(76)a. Wo zhe ge yue chi de shao, mei bi shang ge yue pang.

eu este CLA mês comer de pouco não do-que anterior CLA mês gordo

Tenho comido pouco este mês; por isso, não **fiquei** mais gordo do que no mês passado.

- b. Wo zhe ge yue chi de shao, bu bi shang ge yue pang.

eu este CLA mês comer de pouco não do-que anterior CLA. Mês gordo

Tenho comido pouco este mês; por isso, não **estou** mais gordo do que no mês passado.

O PE faz distinção entre o verbo *estar* e o verbo *ficar* quando se combinam com um sintagma adjetival predicativo. De forma muito simplificada, *estar* usa-se para descrever o próprio estado (sem foco em qualquer alteração face a um estado prévio), enquanto *ficar* se usa para descrever uma situação tipicamente télica que assinala o início do estado e/ou o seu estado resultante. Por isso, em (76a) aparece *mei* para negar uma situação télica (“ficar gordo”) e em (76b) aparece *bu* para negar uma situação estativa (“estar gordo”). A diferença semântica entre os dois exemplos em chinês é paralela à que existe em português, mas curiosamente a diferença na forma está só no operador de negação (sendo todo o resto da frase igual).

A seleção de operador negativo dos estados locativos está resumida no quadro 6. Note-se que não está ilustrado com exemplos, mas verifica-se, que a negação de estados locativos com valor de posterioridade – e.g. as contrapartidas de *ele não estará no gabinete esta tarde* ou *disseram-me que ele não estaria no gabinete nessa tarde* – só pode ser feita com *bu*

Estados locativos em combinação com os nove valores possíveis de localização temporal relativa								
Ant.	Sobr.	Post.	Ant.	Sobr.	Post.	Ant.	Sobr.	Post.
Pass.	Pass.	Pass.	Pres.	Pres.	Pres.	Fut.	Fut.	Pass.
mei/bu	mei/bu	bu	mei/bu	mei/bu	bu	mei/bu	bu	bu

Quadro 6. Seleção entre *bu* e *mei* com estados locativos

Grupo III: estados progressivos

Como já foi referido, autores como Lin (2003) mostram que os estados progressivos, dentro do grande grupo dos estados, têm um comportamento particular e selecionam sempre³⁵ *mei*. Segundo este autor, a razão é que os estados progressivos são diferentes dos outros estados pela presença de um “*input* de energia”, o qual faz com que estas situações assumam um comportamento mais próximo do dos processos: “*The negation marker for progressive sentences is mei, not bu. (...) I agree with Bertinetto (1994) and Nordlander (1997) that progressive sentences are not truly stative in the same sense as sentences such as He is clever, which requires no input of energy at all in order to obtain the situation* (Lin, 2003: 430)”.

Substituo o conceito de “*input* de energia”, que parece algo vago e mal definido, pelo conceito de homogeneidade (*sensu* Bennett & Partee 1978/2004) para procurar descrever, com mais clareza, as particularidades dos estados progressivos. O que me interessa destacar é que os estados progressivos não parecem ser – como já referi no capítulo 3 – totalmente homogêneos como os estados dos Grupos I e II. Veja-se (77).

(77)a. Ele gosta de nadar.

b. Ele está a nadar.

Em (77a), a situação descrita é uma situação totalmente homogênea é verificável nos instantes pontuais: se uma pessoa gostar de nadar, ela tem a propriedade de *gostar de nadar* em qualquer momento (independentemente da duração deste), mesmo quando não está a nadar ou não tem nadado há algum tempo. Em (77b), porém, a situação descrita por *estar a nadar* não parece ser totalmente homogênea: a situação subjacente de nadar é de tipo processo, isto é, tem uma granularidade ou envolve um ciclo; nadar é uma ação que precisa de algum tempo para se poder aferir a sua existência (o ciclo de uma braçada, tipicamente), não sendo adequado dizer que uma pessoa nada num intervalo de duração instantânea; ora, essa granularidade de “nadar” parece ser herdada pela descrição progressiva *estar a nadar*, que parece ser apenas parcialmente homogênea, como a generalidade dos processos. Portanto, estes estados são diferentes

³⁵ Como mostrarei adiante, não é verdade que seja “sempre”; o uso de *mei* depende do valor de localização temporal relativa presente na frase.

em termos da homogeneidade dos estados descritos por expressões como *ser português* e *gostar de nadar* (Grupo I) ou *estar no escritório* (Grupo II).

Considerando a semelhança referida entre os estados progressivos e processos, não é de surpresa que os estados progressivos selecionam *mei* em muitos casos, que é um comportamento que os aproximam aos processos (o que veremos melhor na secção seguinte). Veja-se (78) (com um exemplo de *corpus* na alínea a).

(78)a. Kunding mei zai chi, Jiesheng yizhi zai chi. (BCC, pesquisa “mei zai v”, p1n4)

Kunding não estar-a comer, Jiesheng sempre estar-a comer

Kunding não está a comer; Jiesheng tem estado sempre a comer.

b. Ta mei³⁶ zai youyong.

ele não estar-a nadar

Ele não está a nadar. (valor de sobreposição a presente)

c. Zuotian xiawu sandian ta mei zai youyong.

ontem tarde 3h ele não estar-a nadar

Ontem às 3 horas da tarde, ele não estava a nadar. (valor de sobreposição a passado)

Porém, a presença de *mei* na negação dos estados progressivos não é, como parece sugerir Lin (2003), obrigatória na totalidade dos casos, dependendo antes, mais uma vez, de valores de localização temporal relativa. Um exemplo é-nos dado pela tradução para chinês da frase (79), com um valor de sobreposição a um ponto de perspectiva temporal futuro, em que se deve usar *bu* e não *mei*:

(79) Amanhã ele tem aula às 13h; por isso, não estará a fazer desporto nessa altura.

mingtian ta you ke zai 13dian, yin-ci bu zai zuo yundong zai-nage shihou

Mingtian 13 dian ta you ke, suoyi nage shihou ta yinggai bu zai zuoyundong

ba^{37,38}.

³⁶ Note-se que nestes casos, *mei* pode sempre ser substituído, a não ser em casos muito marcados, pela expressão *bu shi* (‘não ser’). Porém, neste caso é *shi* que seleciona *bu* (por especificidades lexicais – cf. secção 5.1) e não o predicado na forma progressiva.

³⁷ *Yinggai* significa *dever*, enquanto *ba* neste caso é uma partícula final da frase, que não tem significado específico.

³⁸ A tradução que fiz no texto é a tradução mais natural em CM que consigo fazer, com o significado

Genericamente, creio que os estados progressivos – tal como, segundo veremos adiante, os processos básicos e bem assim os eventos télicos – selecionam *bu* em circunstâncias com valores prospetivos ([+ POSTERIORIDADE]), independentemente da posição do PPT, e ainda com futuro não anterior ([+ PPT FUTURO] \wedge [– ANTERIORIDADE]), ou seja, destacadamente, de sobreposição a futuro – ou, por outras palavras, com (i) posterioridade a qualquer ponto de perspetiva temporal (passado, presente ou futuro); (ii) localização não anterior na esfera do futuro. Estes casos são, curiosamente, os mesmos em que os estados do Grupo II (estados locativos) não permitem a variação livre *bu/mei*, antes requerem obrigatoriamente *bu*. Segue-se uma frase em que o estado progressivo se associa a um valor de posterioridade a passado (em estruturas consideravelmente mais complexas).

(80) Ta zuotian shuo ta xiawu san dian bu hui zai yundong de³⁹.

ele ontem dizer ele tarde três hora não HUI estar-a desporto DE⁴⁰

Ele disse ontem que não estaria a fazer desporto às três horas da tarde.

Resumindo, a seleção de operador negativo dos estados progressivos é influenciada pelo valor de localização relativa temporal que interage com o tipo aspetual da situação descrita (ao contrário do que acontece com os estados do Grupo I e em linha, como veremos na secção seguinte, com os que acontece com os processos). Em suma, considero que os estados progressivos selecionam *bu* quando a frase envolve valor de posterioridade a qualquer ponto de perspetiva temporal ou de futuro não anterior e *mei* nos outros casos (valor de sobreposição a passado e a presente, e valor de anterioridade a qualquer ponto de perspetiva temporal). Este resultado também vai parcialmente ao encontro do que assume T. Li (2003), que defende que os valores de tempos de anterioridade selecionam *mei*, enquanto os de posterioridade selecionam *bu*.

(quase) totalmente igual à frase original. Mas parece difícil encontrar textos reais com frases chinesas com a forma da tradução (79). Porém, parece-me incontroverso que com a presença do valor de sobreposição a futuro, a ocorrência de *mei* parece muito menos natural do que a de *bu* (não sendo plenamente gramatical, na minha opinião).

³⁹ Este tipo de frase não é muito comum em CM, mas é gramatical e compreensível. Esta interação, na verdade, ocorre raramente em CM.

⁴⁰ De neste caso é uma partícula final da frase, que não tem significado específico.

Estados progressivos em combinação com os nove valores possíveis de localização temporal relativa								
Ant. Pass.	Sobr. Pass.	Post. Pass.	Ant. Pres.	Sobr. Pres.	Post. Pres.	Ant. Fut.	Sobr. Fut.	Post. Fut.
mei	mei	bu	mei	mei	bu	mei	bu	bu

Quadro 7. Seleção entre *bu* e *mei* com estados progressivos

Resumo do comportamento dos três grupos de estados

Agora resumo a seleção entre *bu* e *mei* de todos os estados num quadro só, tentando analisar semelhanças e diferenças entre o comportamento de diferentes subgrupos, e procurando perceber as razões subjacentes.

	Ant. Pass.	Sobr. Pass.	Post. Pass.	Ant. Pres.	Sobr. Pres.	Post. Pres.	Ant. Fut.	Sobr. Fut.	Post. Fut.
Estados básicos (não locativos), habituais e genéricos	bu	bu	bu	bu	bu	bu	bu	bu	bu
Estados locativos	mei/ bu	mei/ bu	bu	mei/ bu	mei/ bu	bu	mei/ bu	bu	bu
Estados progressivos	mei	mei	bu	mei	mei	bu	mei	bu	bu

Quadro 8. Seleção entre *bu* e *mei* com estados

Este quadro mostra alguns factos interessantes:

(i) Os estados totalmente homogéneos selecionam sempre *bu* como operador negativo oracional, sem serem influenciados por diferentes valores de localização temporal relativa, excetuada a particularidade referida em (iii) abaixo;

(ii) Os estados progressivos, que são situações parcialmente homogéneas, como os processos básicos, recorrem a *bu* ou a *mei* de forma diferenciada, em função do valor de localização temporal relativa e posição do PPT, nomeadamente:

– *bu* é usado para valores de posterioridade e de futuro não anterior (colunas sombreadas);

– *mei* é usado para valores de anterioridade e de sobreposição não futura (colunas

não sombreadas);

(iii) nos estados locativos, a opção por *mei* está opcionalmente disponível (adicionalmente, e em variação livre com *bu*) nos mesmos casos em que *mei* é obrigatório para estados progressivos (i.e. valores de anterioridade e de sobreposição não futura).

Isto revela a dependência crucial da distribuição de *bu* e *mei* de dois fatores gramaticais e não apenas de um. O primeiro fator – de natureza aspetual (*Aktionsart*) – é a estatividade (pura) ou homogeneidade total: parece decidir se uma expressão (i) pode ocorrer tanto com *bu* como com *mei* (caso das situações não totalmente homogêneas) ou (ii) ocorre obrigatoriamente com *bu* (caso das situações totalmente homogêneas, salvaguardada a particularidade das situações locativas). Um segundo fator – de natureza estritamente temporal – é a localização relativa, numa interação complexa dos seus dois componentes reichenbachianos: a posição relativa ao ponto de perspectiva temporal (anterioridade, sobreposição, posterioridade) e a posição do ponto de perspectiva temporal relativamente ao momento de enunciação (passado, presente, futuro). Quando uma subclasse aspetual permite tanto a coocorrência de *bu* como de *mei* (i.e. tudo menos estados do Grupo I), (i) os tempos de anterioridade (a qualquer PPT) e de sobreposição a presente e passado (isto é, sobreposição não futura) obrigam à ocorrência de *mei* (ou permitem-na, no caso dos estados locativos) e (ii) os tempos de posterioridade (a qualquer PPT) e sobreposição a futuro (isto é, futuro não anterior) obrigam à ocorrência de *bu*.

Veremos em seguida que esta distribuição – bifatorial – também se aplica *mutatis mutandis* às restantes classes aspetuais vendlerianas.

5.2.2 Distribuição de *bu* e *mei* com descrições de processos

Como referi em 2.1.3, os processos são situações parcialmente homogêneas por ser necessária uma certa quantidade de tempo para se concluir cada ciclo relevante – cf. Eberle (1998: 55): “*activities are temporally extended and relatively homogeneous (modulo some pauses and inheritance onto very short periods or points).*” Tomando

como exemplo, mais uma vez, a situação de nadar, esta ação requer algum tempo para que o agente conclua uma série de ações: levantar um braço, entender o braço, avançar um pouco mexendo as pernas, etc. (o ciclo de uma braçada, digamos). E não parece poder-se dizer que uma pessoa está a realizar a atividade de nadar quando ela está com um braço levantado apenas, sem fazer mais nada. Por isso, não se pode dizer que a situação se verifica em todos os subintervalos (incluindo os pontos) do intervalo total. É por isso que se descrevem os processos como situações parcialmente homogêneas.

Note-se que, em português, os processos básicos (episódicos) não são comumente expressos com tempos de sobreposição sem auxiliares como *estar a* ou outros (o que é mais evidente no presente do que no pretérito imperfeito ou no futuro imperfeito: *corria, corre, correrá*). Portanto, mas apenas por facilidade, não discutirei casos de sobreposição envolvendo processos (básicos episódicos) no presente estudo.

Quanto à distribuição entre *bu* e *mei* com processos, como já foi referido no capítulo anterior, Lin (2003) defende que, tal como outras situações não estativas, os processos selecionam sempre obrigatoriamente *mei* como operador negativo da frase. Isto verifica-se de facto em muitos casos. Veja-se (81) (sendo (81a) um exemplo de *corpus*).

(81)a. Ta mei tu. (BCC, pesquisa “ta mei v”, p1n2)

ele não vomitar

Ele não vomitou.

b. Zuotian san dian ta hai mei paobu.

ontem três hora ele ainda não correr

Ontem às 3 horas, ele ainda não tinha corrido.

c. Mingtian san dian ta yinggai hai mei paobu.

amanhã três hora ele dever ainda não correr

Amanhã às 3 horas, ele ainda não terá corrido.

Além de valores de anterioridade exemplificados em (81), pode também haver valores de posterioridade a interagir com processos. Mas nestes casos, o que vamos

encontrar como operador de negação é *bu* em vez de *mei*. Veja-se (82) (sendo (82a) um exemplo de *corpus*).

(82)a. Wo xianzai bu ku. (BCC, pesquisa “wo xianzai bu v”, p1n72)

eu agora não chorar

Não vou/quero chorar agora.

b. Ta bu chouyan (leitura episódica).

ele não fumar

Ele não quer/vai fumar.

c. Ta zuotian shuo ta xiawu bu chouyan.

ele ontem dizer ele tarde não fumar

Ele disse ontem que não iria fumar à tarde.

Em (82b) e (82c), o processo descrito pela contrapartida do verbo *fumar* associa-se, respetivamente, a um valor de posterioridade a presente e de posterioridade a passado e, em ambos os casos, é selecionado *bu* como operador negativo oracional.

Como já foi discutido na revisão da literatura no capítulo 4, Lin (2003) parece não atender ao impacto dos valores de localização temporal relativa na distribuição dos dois operadores e causa, e explica o uso obrigatório de *bu* em casos como (82) com a proposta de que é um verbo auxiliar nulo com valor futuro ou volitivo que determina a ocorrência de *bu* nestes casos. O autor defende, por isso, que o aspeto (no sentido de *Aktionsart*) é o (único) fator essencial que condiciona a distribuição de *bu* e *mei*.

Como já referi anteriormente, nem todos os verbos auxiliares volitivos ocorrem obrigatoriamente com *bu*, e o grupo de verbos modais volitivos e afins possuem diversas particularidades a nível lexical na combinação com *bu* e *mei*, que desafiam a proposta de Lin (2003). Considerando os factos já expostos, proponho uma análise que não invoque a presença de verbos modais nulos, mais especificamente, defendendo que é o valor de posterioridade em combinação com o valor aspetual de não estatividade (ou não homogeneidade total) que determinam conjuntamente o uso obrigatório de *bu* em casos como (82), enquanto que é o valor de anterioridade em combinação com o valor aspetual de não homogeneidade total que determinam conjuntamente o uso obrigatório

de *mei* em casos como (81). Esta observação aplica-se, naturalmente, de forma mais ampla a todas as situações não totalmente homogêneas, incluindo também os estados progressivos (que já foram discutidos), processos culminados e eventos pontuais (que serão discutidos nas próximas secções).

Resumo a seleção entre *bu* e *mei* com descrições de processos num quadro.

Processos em combinação com os nove valores possíveis de localização temporal relativa								
Ant. Pass.	Sobr. Pass.	Post. Pass.	Ant. Pres.	Sobr. Pres.	Post. Pres.	Ant. Fut.	Sobr. Fut.	Post. Fut.
<i>mei</i>	—	<i>bu</i>	<i>mei</i>	—	<i>bu</i>	<i>mei</i>	—	<i>bu</i>

Quadro 9. Seleção entre *bu* e *mei* com processos

Este quadro evidencia que a seleção de operador negativo com descrições de processos se associa estreitamente aos valores de localização relativa. Analisando os dados que consigo recolher, concludo que as generalizações anteriormente feitas se mantêm válidas: os processos selecionam *bu* quando concorrem com os valores de tempos de posterioridade, ao passo que selecionam *mei* quando concorrem com os valores de tempos de anterioridade. Este resultado vai ao encontro das descrições de T. Li (2003) e alinha-se com a proposta que apresento na discussão sobre estados da secção anterior: situações totalmente homogêneas selecionam sempre *bu* como operador de negação (descontadas as particularidades dos estados locativos), enquanto as outras – em que se incluem os processos e os estados progressivos – selecionam *bu* ou *mei* em função do valor de localização temporal presente na oração: os valores de tempos de anterioridade e de sobreposição não futura selecionam *mei*, enquanto os outros selecionam *bu*.

5.2.3 Distribuição de *bu* e *mei* com descrições de processos culminados

Os processos culminados são situações heterogêneas com duração – cf. Eberle (1998: 55): “*accomplishments are temporally extended and heterogeneous, i.e. if an*

accomplishment holds at an interval t, it does not hold at the subintervals of t". São também classificados como situações télicas, que incluem três componentes distintos: processo preparatório, culminação e estado resultante (cf. e.g. Moens 1987). Os processos culminados (episódicos) também são raramente expressos em combinação com tempos de sobreposição sem auxiliares como *estar a* ou outros (e, mais uma vez por facilidade, ignorarei estes casos na presente apresentação). Assim, a questão a verificar é essencialmente qual o operador selecionado quando as descrições destas situações interagem com valores de anterioridade (a passado, presente ou futuro) e de posterioridade (a passado, presente ou futuro). Veja-se (83) (sendo (83a) um exemplo de *corpus*).

(83)a. Ta hai mei xiangfu ta. (BCC, pesquisa “ta hai mei v”, p2n157)

ele ainda não conquistar ela

Ele ainda não a conquistou.

b. Zuotian san dian ta hai mei kan na bu dianying.

ontem três hora ele ainda não ver aquele CLA filme

Ontem às 3 horas, ele ainda não tinha visto aquele filme.

c. Mingtian san dian ta yinggai hai mei kan na bu dianying.

amanhã três hora ele dever ainda não ver aquele CLA filme

Amanhã às 3 horas, ele ainda não terá visto aquele filme.

Em (83a-c), os exemplos envolvem, respetivamente, valores de anterioridade a presente, a passado e a futuro, nos quais o processo culminado seleciona sempre *mei* como operador negativo oracional.

Agora apresento alguns exemplos em que um processo culminado ocorre com valores de posterioridade. Veja-se (84).

(84)a. Ta bu chi na ge pingguo.

ele não comer aquele CLA maçã

Ele não quer/vai comer aquela maçã. .

b. Zuotian ta shuo ta bu chi na ge pingguo.

ontem ele dizer ele não comer aquele CLA maçã

Ontem, ele disse que não iria comer aquela maçã.

Em (84), os processos culminados descritos associam-se, respetivamente, a valores de posterioridade a presente e a passado e selecionam ambos *bu* como operador negativo oracional.

Assim, comparando o comportamento dos processos culminados com situações de outras classes aspetuais já discutidas (nomeadamente, estados progressivos e processos), parece que a seleção entre *bu* e *mei* destas situações é muito semelhante e é determinada pelas mesmas propriedades aspetuais (homogeneidade total, ou não) e temporais (posterioridade ou sobreposição futura, ou não).

Resumo a distribuição de *bu* e *mei* com descrições de processos culminados também num quadro.

Processos culminados em combinação com os nove valores possíveis de localização temporal relativa								
Ant. Pass.	Sobr. Pass.	Post. Pass.	Ant. Pres.	Sobr. Pres.	Post. pres.	Ant. Fut.	Sobr. Fut.	Post. Fut.
<i>mei</i>	—	<i>bu</i>	<i>mei</i>	—	<i>bu</i>	<i>mei</i>	—	<i>bu</i>

Quadro 10. Seleção entre *bu* e *mei* com processos culminados

5.2.4 Distribuição de *bu* e *mei* com descrições de eventos pontuais

Como referi, mais uma vez, em 2.1.3, os eventos pontuais são situações concebidas como pontuais ou instantâneas, podendo ter um estado resultante ou não. Dada a sua pontualidade, as descrições destas situações também raramente interagem com tempos de sobreposição (e mais uma vez ignorarei estes casos). Tal como na análise da seleção de operador negativo dos processos e processos culminados, nas duas secções anteriores, apresentarei de seguida alguns exemplos em que um evento pontual se associa a tempos de anterioridade e de posterioridade. Veja-se (85) e (86) (sendo o

primeiro exemplo de cada conjunto retirado de *corpus*).

(85)a. Ta hai mei huilai. (BCC, pesquisa “ta hai mei v”, p1n2)

ele ainda não voltar

Ele ainda não voltou.

b. Mingtian ba dian ta hai mei dao Beijing.

amanhã 8 hora ele ainda não chegar Pequim

Amanhã às 8 horas, ele ainda não terá chegado a Pequim.

c. Zuotian wo dao jia shi ta hai mei shui

ontem eu chegar casa tempo ele ainda não dormir

Ele não tinha adormecido, quando cheguei a casa ontem.

(86)a. Ta bu qu putian le. (BCC, pesquisa “ta bu v”, p4n322)

ele não ir Putian LE-CRS

Ele não vai a Putian.

b. Zuotian ta shuo ta bu huilai.

ontem ele dizer ele não voltar

Ontem, ele disse que não {voltaria / iria voltar}.

Mais uma vez, e sem grandes surpresas, analisando os exemplos em (85) e (86), a seleção entre *bu* e *mei* com eventos pontuais é idêntica à dos processos e à dos processos culminados: a escolha entre *bu* e *mei* associa-se estreitamente aos valores de localização relativa. Os eventos pontuais também selecionam *bu* quando ocorrem com tempos de posterioridade e *mei* quando ocorrem com tempos de anterioridade.

Apresento a seleção de operador negativo com eventos pontuais no Quadro 11.

Eventos pontuais em combinação com os nove valores possíveis de localização temporal relativa								
Ant.	Sobr.	Post.	Ant.	Sobr.	Post.	Ant.	Sobr.	Post.
Pass.	Pass.	Pass.	Pres.	Pres.	Pres.	Fut.	Fut.	Fut.
mei	—	bu	mei	—	bu	mei	—	bu

Quadro 11. Seleção entre *bu* e *mei* com eventos pontuais

5.2.5 Considerações finais

Com base em todos os quadros e análises anteriores, apresentarei agora um resumo do sistema bifatorial da distribuição de *bu* e *mei* como operador negativo oracional em CM, com os valores de *Aktionsart* (com destaque para a propriedade da homogeneidade total) e de localização temporal relativa como os dois parâmetros gramaticais determinantes. Eis um quadro-síntese:

<i>Aktionsart</i> (homogeneidade total)		Localização relativa a PPT	<u>anterioridade</u> (a passado, presente ou futuro)	<u>sobreposição</u>		<u>posterioridade</u> (a passado, presente ou futuro)
				a passado ou presente	a futuro	
<u>situações</u> totalmente homogêneas	– <u>estados</u> básicos (não locativos)		<u>bu</u>	<u>bu</u>	<u>bu</u>	<u>bu</u>
	– <u>estados</u> habituais – <u>estados</u> genéricos					
	– <u>estados</u> locativos		<u>bu / mei</u>	<u>bu / mei</u>	<u>bu</u>	<u>bu</u>
<u>situações</u> não totalmente homogêneas	– <u>estados</u> progressivos		<u>mei</u>	<u>mei</u>	<u>bu</u>	<u>bu</u>
	– <u>processos</u> – <u>processos</u> culminados – <u>eventos</u> pontuais		<u>mei</u>	—	—	<u>bu</u>

Quadro 12. Seleção entre *bu* e *mei* como operador negativo oracional (excetuados casos de seleção aparentemente *ad hoc* por especificidades lexicais discutidos em 5.1)

Como se pode ver no quadro, os estados comportam-se de forma complexa na questão de seleção entre os dois operadores negativos. Os estados básicos (não locativos), os estados habituais e os estados genéricos selecionam sempre *bu*. Os estados progressivos – não totalmente homogêneos – têm um comportamento diferente. Estes selecionam *bu* só quando estão presentes valores de posterioridade (a qualquer ponto de perspectiva temporal) e de futuro não anterior e selecionam *mei* nos outros casos. Curiosamente, os estados locativos mostram uma “neutralização” entre os dois operadores, permitindo a ocorrência tanto de *bu* (como esperado) como de *mei* (de

forma excepcional) precisamente nas situações em que o uso de *mei* é obrigatório com os estados progressivos.

Os processos, processos culminados e eventos pontuais – situações não estativas –, comportam-se todos da mesma forma na questão de seleção de operador negativo entre *bu* e *mei*. Ignorando os casos de valores de localização relativa de sobreposição (com que são raramente combinados, a não ser em registos especiais, que aqui ignorei), selecionam diferentes operadores negativos com diferentes valores de localização relativa, nomeadamente *bu* quando estão presentes valores de posterioridade e *mei* quando estão presentes valores de anterioridade.

Este quadro mostra de forma clara que tanto valores de *Aktionsart* (mais concretamente a propriedade da homogeneidade total, que distingue a generalidade das predicções estativas) como valores de localização temporal relativa (nomeadamente o valor de posterioridade e de futuro não anterior) são fatores essenciais para a seleção de *bu* ou *mei*. Mais uma vez, em síntese: o valor de homogeneidade total parece determinar se uma situação seleciona sempre *bu* ([+ HOMOGENEIDADE TOTAL]) ou escolhe entre *bu* e *mei* em função de valores de localização temporal ([– HOMOGENEIDADE TOTAL]). Neste segundo caso, os valores de anterioridade e sobreposição não futura (duas primeiras colunas do Quadro 12) parecem selecionar *mei*, enquanto os valores de posterioridade e de futuro não anterior (duas últimas colunas do Quadro 12) parecem selecionar *bu*.

Excursus: análise da distribuição de bu e mei como contrapartidas de não numa tradução português-chinês publicada

Para verificar se as generalizações a que cheguei se confirmam em materiais linguísticos reais, farei, apenas como uma ilustração, um minitrabalho de análise (ou estudo de caso) das traduções do operador negativo oracional *não* num texto traduzido para CM já publicado: a tradução do livro *Ensaio sobre a Cegueira* (José

Saramago,1995), feita por Weixin Fan, um tradutor muito conhecido na área de tradução PE-CM.

Dado o limite de tempo e dimensão, seleciono apenas frases da primeira subsecção do livro. Além disso, para evitar o possível impacto de outras variáveis (como a estrutura sintática), seleciono apenas frases declarativas em que *não* ocorre como operador negativo oracional de orações matriz e em que o verbo dessa oração é flexionado em tempos verbais do indicativo e no presente do condicional (ou ainda no infinitivo composto).

Com estas limitações, cheguei a um total de 37 pares de frases (originais e traduzidas) como objeto da análise. Apresentarei todos exemplos num quadro, com o texto original, a tradução em CM, o operador negativo escolhido em CM, a classe aspetual do predicado e o valor de localização temporal relativa veiculado pela oração, para discutir a seleção de operador negativo nestas frases e avaliar a validade das generalizações já apresentadas nas secções anteriores. Veja-se o anexo desta dissertação.

Começo por fazer uma análise panorâmica e seguidamente farei uma análise um pouco mais detalhada. Nas 37 orações selecionadas, 7 não possuem nem *bu* nem *mei* como seu operador negativo, antes usando outras expressões de valor negativo, como *fei* (não ser) ou *wei* (ainda não). Deixo estes materiais fora da análise do presente *excursus*, mas registo que isto mostra que outras expressões com valor negativo além de *bu* e *mei* também são importantes ($7/37 = 19\%$) e aparecem com alguma frequência em CM. O seu estudo terá de ser deixado para trabalhos futuros.

Entre os 30 exemplos que incluem *bu* ou *mei* como operador negativo oracional, 17 integram *bu* e 13 integram *mei* (ou a sua variante *meiyou*).

Quanto à classe aspetual das situações descritas nas frases, há 14 estados básicos não locativos, 1 estado genérico, 1 estado habitual, 2 processos, 4 processos culminados e 8 eventos pontuais⁴¹, ou seja, 16 descrevem situações totalmente

⁴¹ A classe aspetual das situações descritas por *ver bem* e *esperar pela resposta* parece discutível, mas creio que ambas as expressões designam situações télicas no seu contexto, e classifico a primeira como evento pontual e a segunda como processo culminado. Esta classificação mereceria mais discussão, mas

homogéneas (estados básicos, habituais ou genéricos), enquanto 14 descrevem situações não totalmente homogéneas (não estativas). Infelizmente, não havia nesta pequena amostra exemplos de estados progressivos nem de estados locativos.

No que diz respeito ao valor de localização temporal relativa expresso pela expressão predicativa verbal nas frases, 1 inclui valor de anterioridade a passado, 4 valor de sobreposição a passado, 1 valor de posterioridade a passado, 10 valor de anterioridade a presente, 13 valor de sobreposição a presente e 1 valor de posterioridade a presente⁴². Não há nesta amostra casos com PPTs futuros.

Passemos agora a uma análise um pouco mais detalhada dos exemplos.

Exemplos que incluem descrição de situações totalmente homogéneas

Observemos primeiro as 16 orações que incluem descrição de situações totalmente homogéneas – estados básicos (não locativos), habituais ou genéricos – e em que a expectativa é que a seleção seja sempre de *bu*. Veja-se o quadro seguinte, que é parte do anexo total.

	A	B	C	D	E	F	G
	Texto original	Tradução chinesa original	Operador negativo	Expressão predicativa verbal relevante	Aktionsart	Designação da forma/tempo verbal	Valor de localização temporal relativa
1	não sabiam o que estava a acontecer	不知道出了什么事	bu	saber o que estava a acontecer	estado básico	pretérito imperfeito	sobr. pass.
2	não queria tanto.	不要这样	bu	querer tanto	estado básico	pretérito imperfeito	sobr. pass.
3	Não é preciso.	不必要	bu	ser preciso	estado básico	presente	sobr. pres.
4	Mas a cegueira não é assim	可是失明症不是这么回事	bu	ser assim	estado básico	presente	sobr. pres.
7	Não sei como lhe hei-de agradecer	我不知道该怎样感谢你才好	bu	saber como lhe haver de agradecer	estado básico	presente	sobr. pres.
9	não sabemos para o que estamos guardados,	我们都不知道以后会遇到什么事情呢	bu	saber para o que estamos guardados	estado básico	presente	sobr. pres.
12	Não é esta,	不是这把	bu	ser esta	estado básico	presente	sobr. pres.
20	não é verdade	这不是真的	bu	ser verdade	estado básico	presente	sobr. pres.
21	tu não estavas doente	你没有病	mei (you)	estar doente	estado básico	pretérito imperfeito	sobr. pass.
22	o senhor doutor não me conhece,	医生先生不认识我	bu	conhecer-me	estado básico	presente	sobr. pres.
23	não é doente do senhor doutor,	不是医生先生的病人	bu	ser doente do senhor doutor	estado básico	presente	sobr. pres.
24	o meu marido não usa óculos	我丈夫不戴眼镜	bu	usar óculos	estado habitual	presente	sobr. pres.
27	Não entendia por que se demorava a mulher tanto	他不明白，妻子为什么耽搁这么长时间	bu	entender por que se demorava a mulher tanto	estado básico	pretérito imperfeito	sobr. pass.
30	os cegos não vão ao oftalmologista	盲人是不会去看眼科医生的	bu	ir ao oftalmologista	estado genérico	presente	sobr. pres.
35	mas não creio	但我不太相信	bu	crer	estado básico	presente	sobr. pres.
36	Não percebo	我不明白	bu	perceber	estado básico	presente	sobr. pres.

não a consigo fazer aqui pelas limitações de tempo e dimensão do texto.

⁴² No grupo com valor de anterioridade a presente incluem-se ainda dois exemplos (com o verbo auxiliar modal *dever*) que merecem destaque: *não deves ter visto bem e não deve ter vindo do trabalho*. Nestes exemplos, está presente o infinitivo composto, que, na minha análise, veicula também valor de anterioridade a presente (dado o verbo modal flexionado no presente do indicativo).

Entre estes 16 exemplos, 15 seleccionam *bu*, ou seja, 15 dos 16 exemplos têm um comportamento que vai ao encontro das minhas generalizações. Reapresento aqui alguns exemplos como ilustração.

(87)a. O senhor doutor não me conhece.

Yisheng xiansheng bu renshi wo. (estado básico)

b. O meu marido não usa óculos.

Wo zhangfu bu dai yanjing. (estado habitual)

c. Os cegos não vão ao oftalmologista.

Mangren bu kan yanke. (estado genérico)

Só a escolha na tradução da frase *tu não estavas doente* parece ir contra a minha proposta e merece uma análise em separado.

(88) Tu não estavas doente.

Ni meiyou shengbing.

Este caso remete para a discussão, que fizemos nos capítulos 2 e 5, sobre a diferença que o PE faz entre a expressão *estar doente* e *ficar doente* (descrevendo a primeira um estado básico e a segunda uma situação télica). Como disse, em CM traduz-se estas duas expressões sempre de mesma forma mei(you) (*sheng*) *bing* ('não ficar doente'), que descreve, na língua chinesa, uma situação não estativa (de mudança de estado). Portanto, neste caso, *mei(you)* é de facto o operador esperado. Este caso não parece pois constituir um contraexemplo à minha proposta, apesar de em português poder ser relacionado com uma forma estativa clássica: *estar doente*.

Passemos agora às orações que incluem descrição de situações não totalmente homogéneas – processos, processos culminados e eventos pontuais.

Exemplos que incluem descrição de situações não totalmente homogêneas

	A	B	C	D	E	F	G
	Texto original	Tradução chinesa original	Operador negativo	Expressão predicativa verbal relevante	Aktionsart	Designação da forma/tempo verbal	Valor de localização temporal relativa
1	minha mulher ainda não deve ter vindo do trabalho	我妻子大概还没下班	mei (you)	vir do trabalho (para casa)	processo culminado	infinitivo composto	ant. pres.
11	ainda não veio	她还没有回来呢	mei (you)	vir (para casa)	processo culminado	pretérito perfeito simples	ant. pres.
13	evidentemente não iria deixar entrar em casa uma pessoa desconhecida	显然不能让一个陌生人到家里来	bu	deixar entrar em casa uma pessoa desconhecida	evento pontual	condicional	post. pass.
15	mas não pensou nos vidros partidos	没有顾虑到玻璃花瓶破了	mei (you)	pensar nos vidros partidos	processo	pretérito perfeito simples	ant. pres.
17	Não esperara pela resposta.	妻子本来就没有指望他回答	mei (you)	esperar pela resposta	processo culminado	pretérito mais-que-perfeito	ant. pass.
18	Ele não falou	他没有说话	mei (you)	falar	processo	pretérito perfeito simples	ant. pres.
19	ele não me devolveu	他没有还给我	mei (you)	devolver-me	evento pontual	pretérito perfeito simples	ant. pres.
25	ele não entrou	他没有进来	mei (you)	entrar	evento pontual	pretérito perfeito simples	ant. pres.
26	não debes ter visto bem,	大概你没有好好找	mei (you)	ver bem	evento pontual	infinitivo composto	ant. pres.
29	O cego não o ouviu	盲人没有听见他的话	mei (you)	ouvir (as suas palavras)	evento pontual	pretérito perfeito simples	ant. pres.
31	Não falou do roubo do automóvel.	他没有提汽车被盗的事	mei (you)	falar do roubo do automóvel	processo culminado	pretérito perfeito simples	ant. pres.
32	Não encontrou nada na córnea	角膜没有发现任何异常	mei (you)	encontrar algo na córnea	evento pontual	pretérito perfeito simples	ant. pres.
33	Não lhe encontro qualquer lesão,	我没有发现任何损伤	mei (you)	encontrar qualquer lesão	evento pontual	presente	sobr. pres.
34	Por enquanto não lhe receitarei nada	目前我不会开任何药	bu	receitar algo	evento pontual	futuro imperfeito	post. pres.
38							

Nos 14 casos que incluem descrição de situações não totalmente homogêneas, 12 selecionam *mei* e 2 selecionam *bu* como operador negativo oracional. Nos 12 exemplos que selecionam *mei*, 11 envolve valor de tempos de anterioridade e uma envolve valor de sobreposição a presente. Apresento em seguinte alguns exemplos deste subgrupo. Veja-se (89):

(89)a. Ainda não veio.

(Ta) hai mei lai.

b. Minha mulher ainda não deve ter vindo do trabalho.

Wo qizi yinggai hai mei xiaban huilai.

Em (89a), a situação descrita é télica (evento pontual) e a flexão verbal temporal da palavra *veio* é a flexão de pretérito perfeito simples, veiculando um valor de anterioridade a presente; estes dois valores determinam conjuntamente *mei* como operador negativo oracional. Em (89b) o caso é mais complexo. O verbo modal *dever* é epistémico flexionado no presente do indicativo, mas o verbo pleno na forma *ter vindo*, sobre que a negação tem escopo, veicula um valor de anterioridade. Parece ser este valor de anterioridade que determina a ocorrência de *mei* juntamente com o valor de *Aktionsart* de evento pontual. Um fenómeno semelhante, que mostra que na tradução

de *não dever X*, se atende aos valores de X e não do verbo modal é *não debes ter visto bem* (em que *não* também se traduz com *mei*).

O único caso que inclui um de tempo de sobreposição também não contradiz a minha proposta. Veja-se (90).

(90) Não lhe encontro qualquer lesão.

Wo meiyou faxian renhe sunshang.

A frase possui a particularidade de combinação de um tempo de sobreposição com a descrição de um evento pontual (marcado pela expressão *encontrar algo*). Curiosamente, neste exemplo, a frase refere, por inferência, uma ocorrência que já terminou (donde ser *grosso modo* equivalente a *não lhe encontrei qualquer lesão*). Independentemente disso, não havendo um valor de posterioridade, o esperado é usar *mei* e não *bu*.

Apresento agora os dois casos deste grupo que selecionam *bu* como operador negativo oracional.

(91)a. Evidentemente não iria deixar entrar em casa uma pessoa desconhecida.

Xianran bu neng rang yi ge moshengren dao jiali lai.

b. Por enquanto não lhe receitarei nada.

Muqian wo bu hui kai renhe yao.

Nestes dois exemplos, os verbos são flexionados, respetivamente, no condicional presente e no futuro imperfeito do indicativo, introduzindo respetivamente valores de posterioridade a passado e posterioridade a presente. E estes valores de localização relativa selecionam, juntamente com os valores de *Aktionsart*, *bu* como operador negativo oracional. Ou seja, confirmam as generalizações feitas acima.

Em suma, todos os 30 exemplos selecionados e analisados parecem estar em linha com as generalizações do Quadro 12 no final da secção anterior

6. Conclusões

Neste trabalho, procurei perceber qual o papel dos valores temporo-aspetuais na distribuição dos operadores de negação oracional *bu* e *mei* em CM e tentei apresentar um quadro-síntese dos fatores gramaticais determinantes que possa ajudar público interessado numa comparação entre PE e CM: e.g. aprendentes de português como língua estrangeira ou tradutores (tradução entre *não* em PE e estes dois operadores chineses em CM). Para esta finalidade, apresentei, em primeiro lugar, os subsistemas de valores temporo-aspetuais e os aspetos principais de negação oracional em PE e CM, que interessam na comparação entre as duas línguas, na distribuição dos operadores *bu* e *mei* e na procura da equivalência das construções nos dois idiomas. Com base nestas discussões preparatórias, fiz uma análise estruturada e sistemática da distribuição de *bu* e *mei* como operadores negativos oracionais em CM, que penso ser o maior contributo do meu trabalho.

Na análise referida, revisei primeiro alguns estudos anteriores sobre a distribuição dos operadores *bu* e *mei*, onde se discutem vários fatores que podem influenciar esta distribuição, nomeadamente subjetividade/objetividade, estatividade/não estatividade e anterioridade/posterioridade. Optei por deixar o valor de subjetividade fora da minha proposta de sistematização da distribuição e considerei – adicionalmente – que uma análise exclusivamente monofatorial não dá conta de forma satisfatória do comportamento dos operadores em causa. Em alternativa, desenhei, no capítulo seguinte, um mecanismo bifatorial para explicar a distribuição de *bu* e *mei*, tendo como os dois fatores fundamentais o valor (aspetual) de homogeneidade total e a direção da localização temporal relativa. Esta proposta inspira-se em outras já presentes na literatura, embora não coincida totalmente com elas.

Em suma, creio que podemos resumir o comportamento dos dois operadores negativos com as palavras seguintes: excetuando os casos totalmente excecionais por razões de natureza lexical e a neutralização associada aos estados locativos (que constitui também um caso excecional), na distribuição de *bu* e *mei*, tanto o valor de

Aktionsart (mais concretamente de homogeneidade total) como o de localização temporal relativa (nomeadamente o valor de posterioridade e de futuro não anterior) são fatores cruciais. O valor de homogeneidade total parece determinar se uma situação seleciona sempre *bu* ([+ HOMOGENEIDADE TOTAL]) ou permite a escolha entre *bu* e *mei* em função de valores de localização temporal ([– HOMOGENEIDADE TOTAL]). Neste último caso, os valores de anterioridade e sobreposição não futura parecem selecionar *mei*, enquanto os valores de posterioridade e de futuro não anterior parecem selecionar *bu*.

Comparando com os estudos anteriores, o presente estudo distingue-se por assumir claramente que há dois fatores fundamentais em jogo na distribuição de *bu* e *mei*, e por indicar de forma clara e sistemática quais são estes dois valores e como se interrelacionam, usando a linguagem reichenbachiana, na versão utilizada na DRT (cf. Kamp & Reyle 1993). Ao fazer isso, este estudo fundamenta também, de forma explícita, a importância do conceito de ponto de perspectiva temporal (e de localização temporal relativa a pontos desse tipo) na interpretação de orações do CM, embora esta língua não possua flexões verbais temporais (isto é, seja *tenseless*). Isto está em linha com as observações de Mória (2012), que considera que o conceito de PPT – pensado originalmente para dar conta da semântica das flexões verbais – é relevante para a interpretação semântica de estruturas predicativas *tenseless* (nomeadamente com alguns adjuntos temporais) em PE. Tenho a esperança de que as generalizações e sistematizações propostas neste trabalho, em que se associam os valores temporo-aspetuais (veiculados tipicamente por flexões verbais em PE e marcadores específicos em CM) e a negação oracional (representada tipicamente por *não* em PE e *bu/mei* em CM), possa contribuir não só para ajudar na tradução dos operadores negativos, mas também para estudos comparativos entre estas duas línguas e para o ensino e aprendizagem de CM como L2 para aprendentes de PE L1.

Ficou claro que o presente estudo, pelas restrições de tempo e dimensão, possui ainda muitas limitações e deixa várias questões em aberto. Destaco três aspetos. Primeiro, muitos operadores negativos oracionais e construções negativas particulares

em CM ficam fora da consideração deste estudo. Segundo, o uso de *corpora* parece muito limitado, com apenas a função ilustrativa na análise, sendo facilmente imaginável o recurso a *corpora* para uma análise com mais fôlego. Terceiro, a neutralização entre os dois operadores *bu* e *mei* com descrições de estados locativos e as particularidades dos verbos modais volitivos e afins quanto à seleção de *bu* e *mei* também não são exploradas com a profundidade necessária.

Espero que, apesar das limitações e de todas as questões que não consegui resolver até agora, este trabalho seja útil e possa ser a semente de outras investigações futuras sobre o PE e o CM.

Referências bibliográficas

- Aloni, M., & P. Dekker (2016). *The Cambridge Handbook of Formal Semantics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bai, Q. (2000) – cf. secção referências bibliográficas em chinês, a seguir.
- Bennett, M., & B. H. Partee (2004). Toward the Logic of Tense and Aspect in English. In Barbara H. Partee, *Compositionality in Formal Semantics: Selected Papers*, Malden, MA, USA: Blackwell Publishing, pp. 59-109. (Versão reimpressa de texto originalmente distribuído por Indiana University Linguistics Club, February 1978).
- Chen, L. (2007). *A syntactic and semantic investigation into Chinese negation markers*. PhD dissertation, City University of Hong Kong.
- Comrie, B. (1985). *Tense* (Vol. 17). Cambridge: Cambridge University Press.
- Cunha, L. F. (2013). Aspeto. In E. B. P. Raposo et al. (orgs.), *Gramática do português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 585-619.
- Eberle, K. (1998). The influence of plural NPs on Aktionsart in DRT. In F. Hamm & E. Hinrichs (eds.), *Plurality and Quantification*, Dordrecht: Springer, pp. 55-111.

- Forget, D., P. Hirschbühler, F. Martineau & M.-L. Rivero (orgs.), *Negation and Polarity. Syntax and Semantics. Selected Papers from the Colloquium Negation: Syntax and Semantics, Ottawa, 11-13 May, 1995*, Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Hoeksema, J., H. Rullmann, V. Sánchez-Valencia & T. van der Wouden (eds.). (2001). *Perspectives on negation and polarity items*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.
- Horn, R. L. (1989). *A Natural History of Negation*. Chicago: University of Chicago Press.
- Horn, L. R. & H. Wansing (2015). Negation. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/negation/> (consultado a 11 de julho de 2020)
- Horn, L. R., & Y. Kato (eds.). (2000). *Negation and polarity: Syntactic and semantic perspectives*. Oxford: Oxford University Press.
- Hsieh, M. L. (2001). *Form and meaning: Negation and question in Chinese*. PhD dissertation, University of Southern California.
- Huang, C. T. J. (1988). Wǒ pǎo de kuài and Chinese phrase structure. *Language*, pp. 274-311.
- Huddleston, R. & G. K. Pullum (2002). *The Cambridge Grammar of the English Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Iljic, R. (1990). The verbal suffix-guo in Mandarin Chinese and the notion of recurrence. *Lingua*, 81(4), pp. 301-326.
- Kamp, H. & U. Reyle (1993). *From Discourse to Logic. Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Kluwer: Dordrecht.
- Klein, W., P. Li & H. Hendriks (2000). Aspect and assertion in Mandarin Chinese. *Natural Language & Linguistic Theory*, 18(4), pp. 723-770.
- Klima, E. (1964). Negation in English. In J. A. Fodor & J. J. Katz (eds.), *The Structure of Language*, Englewood Cliffs: Prentice-Hall, pp. 246-323.
- Ladusaw, W. (1980). *Negative Polarity as Inherent Scope Relations*. New York: Garland.

- Li, C. N. & S.A. Thompson (1989). *Mandarin Chinese: A Functional Reference Grammar*. University of California Press.
- Li, T. (2003) – cf. secção referências bibliográficas em chinês, a seguir.
- Li, Y. (1992) – cf. secção referências bibliográficas em chinês, a seguir.
- Lin, J.-W. (2003). Aspectual selection and negation in Mandarin Chinese. *Linguistics*, Volume 41, Issue 3, pp. 425-459. Obtido de degruyter.com.
- Lin, J.-W. (2006). Time in a Language Without Tense: The Case of Chinese, *Journal of Semantics*, Volume 23, Issue 1, pp. 1–53. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/jos/ffh033>
- Linden, M. (2017). Grammatical and Lexical Aspect in Mandarin Chinese. Disponível em: https://www.academia.edu/35499572/Grammatical_and_Lexical_Aspect_in_Mandarin_Chinese
- Ljungqvist, M. (2003). *Aspect, tense and mood: context dependency and the marker le in Mandarin Chinese*. Lund University. Disponível em: <https://lup.lub.lu.se/search/ws/files/5788831/912857.pdf>
- Ljungqvist, M. (2007). *Le, guo and zhe in Mandarin Chinese: a relevance-theoretic account*. *Journal of East Asian Linguistics*, 16(3), pp. 193-235.
- Lv, S. (1983) – cf. secção referências bibliográficas em chinês, a seguir.
- Mangione, L. & D. Li (1993). A Compositional Analysis of -*guo* and -*le* / “过” 和 “了” 的组合分析. *Journal of Chinese Linguistics*, pp. 65-122.
- Martins, A. M. (1997). Aspectos da negação na história das línguas românicas (Da natureza de palavras como *nenhum*, *nada*, *ninguém*). *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 179-210.
- Martins, A. M. (2010). Negação metalinguística (*lá, cá e agora*). *XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Textos Seleccionados*, pp. 567-588.
- Martins, A. M. (2013). Emphatic polarity in European Portuguese and beyond. *Lingua*, 128, pp. 95-123.

- Martins, A. M. (2016). VP and TP Ellipsis: sentential polarity and information structure. In S. Fischer & C. Gabriel, *Grammatical Interfaces in Romance*, Berlin/Boston: De Gruyter, pp. 457-485.
- Matos, G. (1999) Negação Frásica e Concordância Negativa em Português Europeu. *Actas do XIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Aveiro, 28-30 de Setembro de 1998)*, Vol. II, Braga, APL, pp. 197-218.
- Melchert, H. C. (1980). Some aspects of 'aspect' in Mandarin Chinese. *Linguistics*, 18(7-8), pp. 635-654.
- Moens, M. (1987). *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Ph. D. Dissertation: University of Edinburgh.
- Móia, T. (2000). *Identifying and Computing Temporal Locating Adverbials with a Particular Focus on Portuguese and English*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Lisboa.
- Móia, T. (2004). Sobre a delimitação temporal da quantificação. *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa, 1, 2 e 3 de Outubro de 2003)*, pp. 581-593.
- Móia, T. (2006). Portuguese Expressions of Duration and their English Counterparts. *Journal of Portuguese Linguistics* 5.1, pp. 37-73. Móia, T. (2017). Aspectos da Gramaticalização de 'ir' como Verbo Auxiliar Temporal. *Revista da Associação Portuguesa de Linguística*, 3, pp. 213-239.
- Móia, T. (2018). Guiões das aulas da disciplina Semântica: Tempo e Tipos de Situações do curso de Mestrado em Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, *ms*.
- Móia, T., & A. T. Alves (2013). Tempo adjunto e tempo discursivo. In E. B. P. Raposo et al. (orgs.), *Gramática do português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 557-584.
- Peres, J. A. (1993). Towards an Integrated View of the Expression of Time in Portuguese (First Draft). *Cadernos de Semântica* 14, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

- Peres, J. A. (1997). Extending the notion of negative concord. *Amsterdam Studies In The Theory And History Of Linguistic Science Series 4*, pp. 289-310.
- Peres, J. A. (2000). On the nature and licensing conditions of n-phrases in Portuguese. *DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, 16(SPE), pp. 165-199.
- Peres, J. A. (2003). Estrutura das situações e semântica temporal. Em I. Castro & I. Duarte, *Razões e Emoção. Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Helena Mateus*, Lisboa: INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 199-216.
- Peres, J. A. (2013). Negação. In E. B. P. Raposo et al. (orgs.), *Gramática do português*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 459-495.
- Reichenbach, H. (1947). *Elements of Symbolic Logic*. New York: Macmillan.
- Schwenter, S. A. (2016). Some issues in negation in Portuguese. In L. Wetzels, J. Costa & S. Menuzzi (eds.), *The Handbook of Portuguese Linguistics*, Hoboken, New Jersey: Wiley, pp. 425-440.
- Shi, C.-R., & D. Huang (2016). *A Reference Grammar of Chinese*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Sy, W. (1965). Two aspect markers in Mandarin. *Language*, pp. 457-470.
- Van der Wouden, T. (2002). *Negative contexts: Collocation, polarity and multiple negation*. Routledge.
- Vendler, Z. (1967) *Linguistics in Philosophy*. Ithaca, New York: Cornell University Press.
- Xiao, R. & T. McEnery (2004). Aspect in Mandarin Chinese: A Corpus-based Study. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Xiao, R. Z. & A. M. McEnery (2008). Negation in Chinese: a corpus-based study. *Journal of Chinese Linguistics*, 36(2), pp. 274-330.
- Zeijlstra, H. (2004). *Sentential negation and negative concord*. PhD dissertation, University of Amsterdam. Utrecht: LOT Publications.
- Zhou, P., S. Crain & R. Thornton (2014a). Children's knowledge of double negative structures in Mandarin Chinese. *Journal of East Asian Linguistics*, 23(4), pp. 333-359.

Zhou, P., S. Crain & R. Thornton (2014b). Lexical aspect and the use of negation by Mandarin-speaking children. In *Selected Proceedings of the 5th Conference on Generative Approaches to Language Acquisition North America*, Cascadilla Proceedings Project, pp. 150-156.

Referências bibliográficas em chinês

- 白荃. (2000). "不""没"(有)" 教学和研究上的误区: 关于"不","没(有)" 的意义和用法的探讨. *语言教学与研究*, (003), 21-25. Tradução (feita pela autora do presente trabalho): Bai, Quan. (2000). Mitos em ensinos e investigações sobre “bu” e “meiyou”: discussão sobre o significado e uso de “bu” e “meiyou”. *Language teaching and linguistic studies* (3), pp. 21-25. Universidade de língua e cultura de Pequim
- 李铁根. (2003). “不”,“没(有)” 的用法及其所受的时间制约. *汉语学习*, (2), 1-7. Tradução (feita pela autora do presente trabalho): Li, Tiegeng. (2003). O uso e as restrições temporais de “bu” e “mei (you)”. *Aprender chinês* (2), pp. 1-7. Universidade de Yanbian
- 李瑛. (1992). “不” 的否定意义. *语言教学与研究*, (2), 61-70. Tradução (feita pela autora do presente trabalho): Li, Ying. (1992). O valor negativo de “bu”. *Language teaching and linguistic studies* (2), pp. 1-7. Universidade da língua e cultura de Pequim
- 吕叔湘. (1983). 吕叔湘语文论集. 商务印书馆. Tradução (feita pela autora do presente trabalho): Lv, Shuxiang. (1983). *Coleção de estudos de Shuxiang Lv sobre a língua chinesa*, The Commercial Press.

Corpora, texto traduzido e tradução:

Corpus BCC, disponível em <http://bcc.blcu.edu.cn/lang/zh>

Saramago, J. (1995). *Ensaio sobre a Cegueira*. Porto: Porto Editora.

Saramago, J. (2002). *Shi Ming Zheng Man Ji* (tradução de *Ensaio sobre a Cegueira* para mandarim, realizada por W. FAN). Hainan Press.

Anexo – distribuição de *bu* e *mei* como contrapartidas de *não* numa tradução da obra *Ensaio sobre a Cegueira*, de José Saramago

Texto original	Tradução chinesa original	Operador negativo	Expressão predicativa verbal relevante	Aktionsart	Designação da forma/tempo verbal	Valor de localização temporal relativa
não sabiam o que estava a acontecer	不知道出了什么事	bu	saber o que estava a acontecer	estado básico	pretérito imperfeito	sobr. pass.
não queria tanto.	不要这样	bu	querer tanto	estado básico	pretérito imperfeito	sobr. pass.
Não é preciso,	不必要	bu	ser preciso	estado básico	presente	sobr. pres.
Não vejo, não vejo,	我看不见, 看不见	bu (RWC)	ver	processo	presente	sobr. pres.
Mas a cegueira não é assim	可是失明症不是这么回事	bu	ser assim	estado básico	presente	sobr. pres.
Não sei como lhe hei-de agradecer	我不知道该怎么感谢你才好	bu	saber como lhe haver de agradecer	estado básico	presente	sobr. pres.
não tem importância,	这算不了什么	bu (RWC)	ter importância	estado básico	presente	sobr. pres.
não sabemos para o que estamos guardados,	我们都不知道以后会遇到什么事情呢	bu	saber para o que estamos guardados	estado básico	presente	sobr. pres.
não encontraram espaço para arrumar o carro	找不到一块停车的地方	bu (RWC)	encontrar espaço para arrumar o carro	evento pontual	pretérito perfeito simples	ant. pres.
minha mulher ainda não deve ter vindo do trabalho	我妻子大概还没下班	mei (you)	vir do trabalho (para casa)	processo culminado	infinitivo composto	ant. pres.
Não é esta,	不是这把	bu	ser esta	estado básico	presente	sobr. pres.
ainda não veio	她还没有回来呢	mei (you)	vir (para casa)	processo culminado	pretérito perfeito simples	ant. pres.
não fiz mais que o meu dever	我只不过做了应该做的事	zhi bu guo	fazer mais que o meu dever	processo	pretérito perfeito simples	ant. pres.
evidentemente não iria deixar entrar em casa uma pessoa desconhecida	显然不能让一个陌生人到家里来	bu	deixar entrar em casa uma pessoa desconhecida	evento pontual	condicional	post. pass.
mas não os podia ver	却什么也看不见	bu (RWC)	poder vê-los	estado básico	pretérito imperfeito	sobr. pass.
mas não pensou nos vidros partidos	没有顾虑到玻璃花瓶破了	mei (you)	pensar nos vidros partidos	processo	pretérito perfeito simples	ant. pres.
Não esperara pela resposta.	妻子根本就没有指望他回答	mei (you)	esperar pela resposta	processo culminado	pretérito mais-que-perfeito	ant. pass.
Ele não falou	他没有说话	mei (you)	falar	processo	pretérito perfeito simples	ant. pres.
não é verdade	这不是真的	bu	ser verdade	estado básico	presente	sobr. pres.
tu não estavas doente	你没有病	mei (you)	estar doente	estado básico	pretérito imperfeito	sobr. pass.
o senhor doutor não me conhece,	医生先生不认识我	bu	conhecer-me	estado básico	presente	sobr. pres.
não é doente do senhor doutor,	不是医生先生的病人	bu	ser doente do senhor doutor	estado básico	presente	sobr. pres.
o meu marido não usa óculos	我丈夫不戴眼镜	bu	usar óculos	estado habitual	presente	sobr. pres.
ele não me devolveu	他没有还给我	mei (you)	devolver-me	evento pontual	pretérito perfeito simples	ant. pres.
ele não entrou	他没有进来	mei (you)	entrar	evento pontual	pretérito perfeito simples	ant. pres.
Não entendia por que se demorava a mulher tanto	他不明白, 妻子为什么耽搁这么长时间	bu	entender por que se demorava a mulher tanto	estado básico	pretérito imperfeito	sobr. pass.
Não pôde evitar um gesto maquinal,	他未能避免一个习惯性动作	wei	poder evitar um gesto maquinal	estado básico	pretérito perfeito simples	ant. pres.
não deves ter visto bem,	大概你没有好好找	mei (you)	ver bem	evento pontual	infinitivo composto	ant. pres.
os cegos não vão ao oftalmologista	盲人是不会去看眼科医生的	bu	ir ao oftalmologista	estado genérico	presente	sobr. pres.
O cego não o ouviu	盲人没有听见他的话	mei (you)	ouvir (as suas palavras)	evento pontual	pretérito perfeito simples	ant. pres.
Não falou do roubo do automóvel.	他没有提汽车被盗的事	mei (you)	falar do roubo do automóvel	processo culminado	pretérito perfeito simples	ant. pres.
Não encontrou nada na córnea	角膜没有发现任何异常	mei (you)	encontrar algo na córnea	evento pontual	pretérito perfeito simples	ant. pres.
Não lhe encontro qualquer lesão,	我没有发现任何损伤	mei (you)	encontrar qualquer lesão	evento pontual	presente	sobr. pres.
mas não creio	但我不太相信	bu	crer	estado básico	presente	sobr. pres.
Não percebo	我不明白	bu	perceber	estado básico	presente	sobr. pres.
a minha resposta deveria ser afirmativa, Mas pelos vistos não o é	所以我的回答应当是肯定的; 可是, 看起来并非如此	fei	ser afirmativa	estado básico	presente	sobr. pres.
Por enquanto não lhe receitarei nada	目前我不会开任何药	bu	receitar algo	evento pontual	futuro imperfeito	post. pres.

Breves notas sobre o anexo

Na colina de “operador negativo”, aparecem, além de *bu* e *mei(you)*, *RWC*, *zhibuguo*, *fei* e *wei*. Darei breves notas sobre estas expressões separadamente.

Fei, quando aparece como operador negativo oracional, ocorre frequentemente com a partícula *bing*. A expressão *bing fei* expressa uma negação enfatizada, e normalmente usa-se para contradizer algo ou alguém. No exemplo no quadro, *fei* pode ser substituído por *bu* sem mudar a interpretação da frase.

Wei é um operador negativo com valores semânticos semelhantes com *mei(you)* mas usos mais limitados. No exemplo no quadro, *wei* pode ser substituído por *mei (you)* sem mudar a interpretação da frase.

RWC é a abreviatura (minha) para as construções de *resultative word compounds* (cf. nota 26). Note-se que a própria estrutura não possui intrinsecamente valor negativo, mas tem formas negativas que incluem diferentes elementos negativos (além de *bu*, como nos exemplos, também pode ser *mei*, *wei*, etc.). Esta construção influencia a estrutura sintática da oração, e também a distribuição e a posição de operador negativo, pelo qual não se inclui na minha discussão.

Zhibuguo é uma expressão fixa que significa *fazer não mais do que algo*. Note-se que, ainda que apareça *bu* nesta expressão, ele não pode ser considerado simplesmente igual ao *bu* na discussão que fiz nos capítulos 4 e 5. Uma das pistas é que esta expressão é compatível praticamente com situações de todas as classes aspetuais e com todos os valores de localização temporal relativa, e não tem variável como *zhimeiguo*. Portanto, também a deixo fora da minha discussão.